



ÍNDICE

O Sítio.....	4
Património Cultural	22
Património Natural	67
Equipamentos.....	81
Acessibilidades	87
Bibliografia	108

Índice de Imagens:

Mosteiro/Igreja de São Pedro de Cête	
Capela de Nossa Senhora do Vale - Cête	
Parque de Merendas de Sobreira	
Além-do-Rio - Recarei	
Senhora do Salto - Aguiar de Sousa	
Castelo de Aguiar de Sousa	
Futuro Parque Urbano de Lordelo/Rebordosa	
Ponte de Santo André - Sobrado	
Ponte de Ferreira - Campo	
Ponte e Aqueduto dos Arcos - Campo	
Fragas do Diabo - Campo	
Couce - Campo	
Parque de Merendas de Covelo	
Ribeira de Fontão - Foz do Sousa	
Parque de Lazer de Foz do Sousa	
Antiga Estação de Captação de Águas de Foz do Sousa	
Foz do rio Sousa	

Índice de Mapas:

Mapa 01 – Rios Sousa e Ferreira | Hipsometria

Mapa 02 – Rios Sousa e Ferreira | Geologia

Mapa 03 – Rios Sousa e Ferreira | Ocupação do Solo

Mapa 04 – Rios Sousa e Ferreira | Património

Mapa 05 – Rios Sousa e Ferreira | Hidrografia Principal

Mapa 06 – Rios Sousa e Ferreira | Habitats | Fauna

ICONOGRAFIA

Mosteiro/Igreja de São Pedro de Cête



Capela de Nossa Senhora do Vale – Cête



Parque de Merendas de Sobreira



Além-do-Rio – Recarei



Senhora do Salto



Castelo de Aguiar de Sousa



Futuro Parque Urbano de Lordelo/Rebordosa



Ponte de Santo André



Ponte de Ferreira



Ponte e Aqueduto dos Arcos



Fragas do Diabo



Couce



Parque de Merendas do Covelo



Ribeira de Fontão



Parque de Lazer da Foz do Sousa

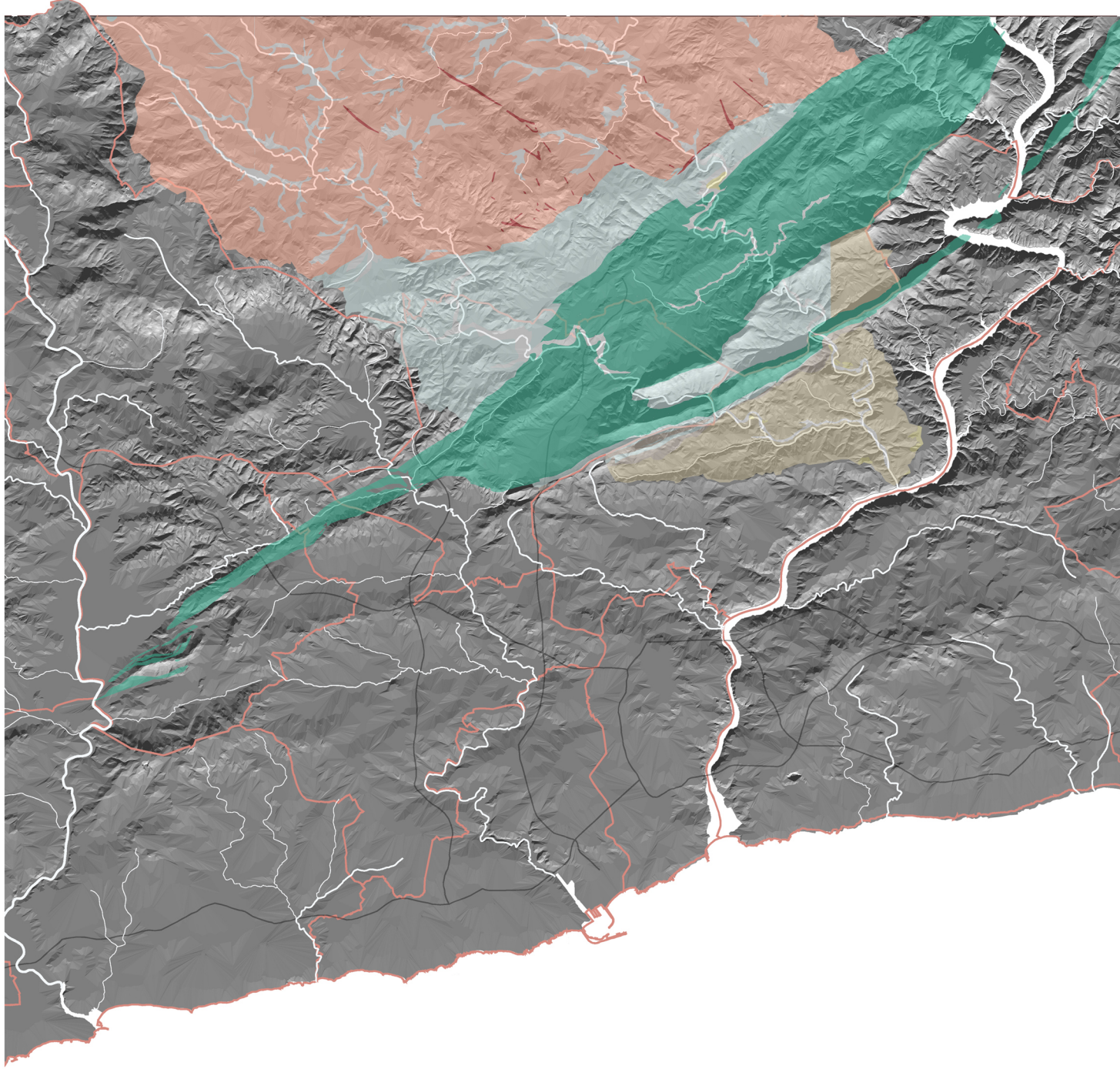


Antiga Estação de Captação de Águas de Foz do Sousa



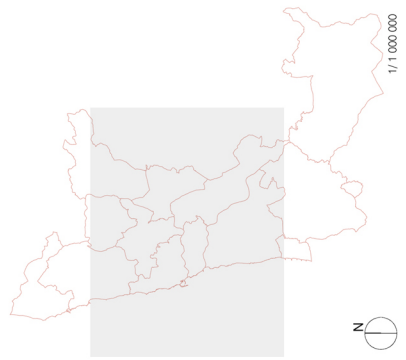
Foz do Sousa

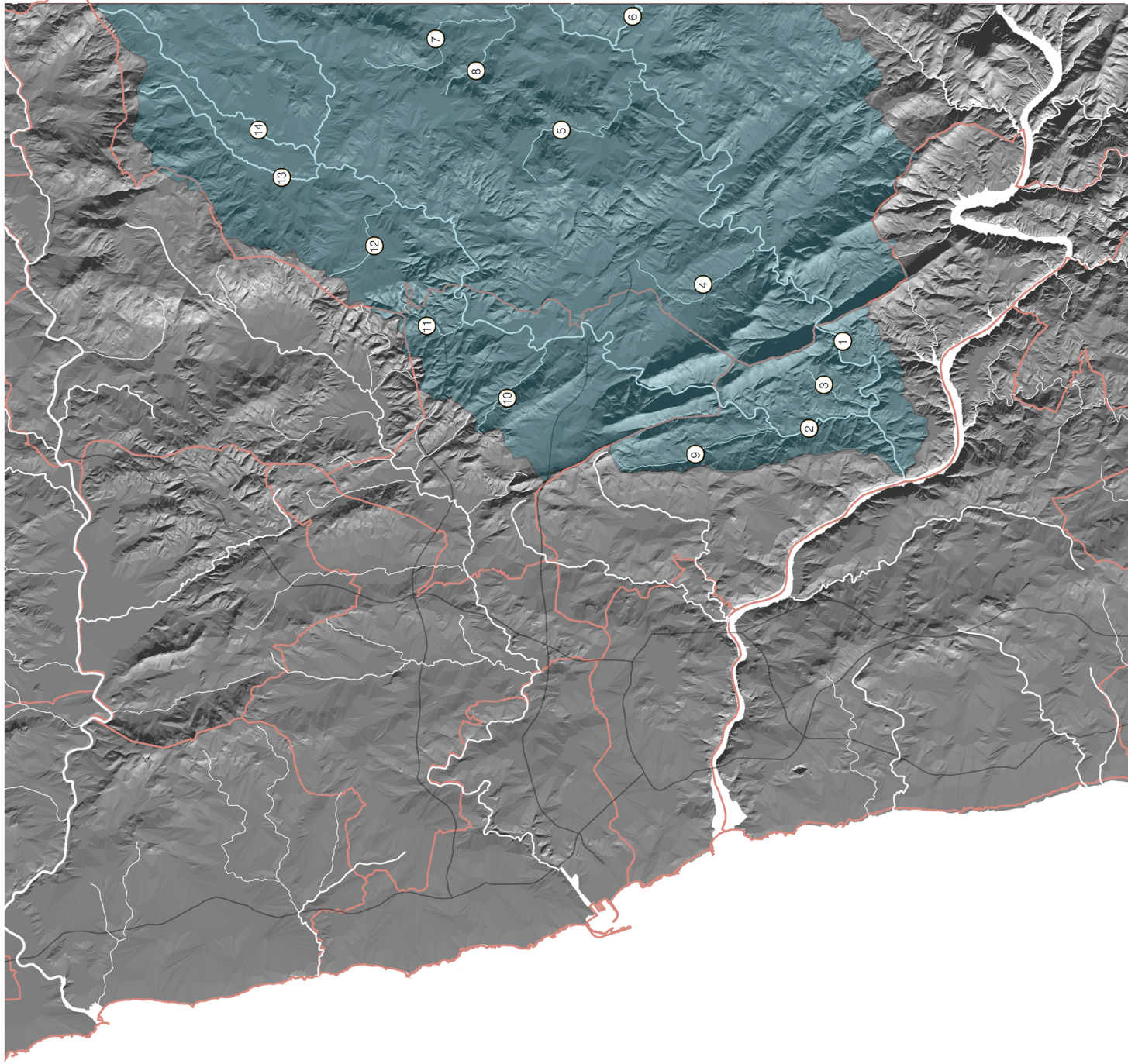




01 RIO SOUSA | GEOLOGIA

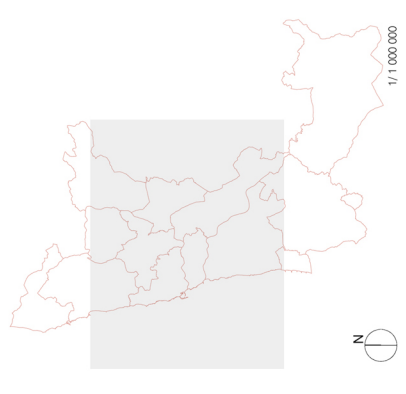
- Carbonífero Devónico
- Aluviões e FluviSSólos
- Rochas eruptivas
- Complexo Xisto-Grauwáquico
- Oravítico
- Plio-plistocénico



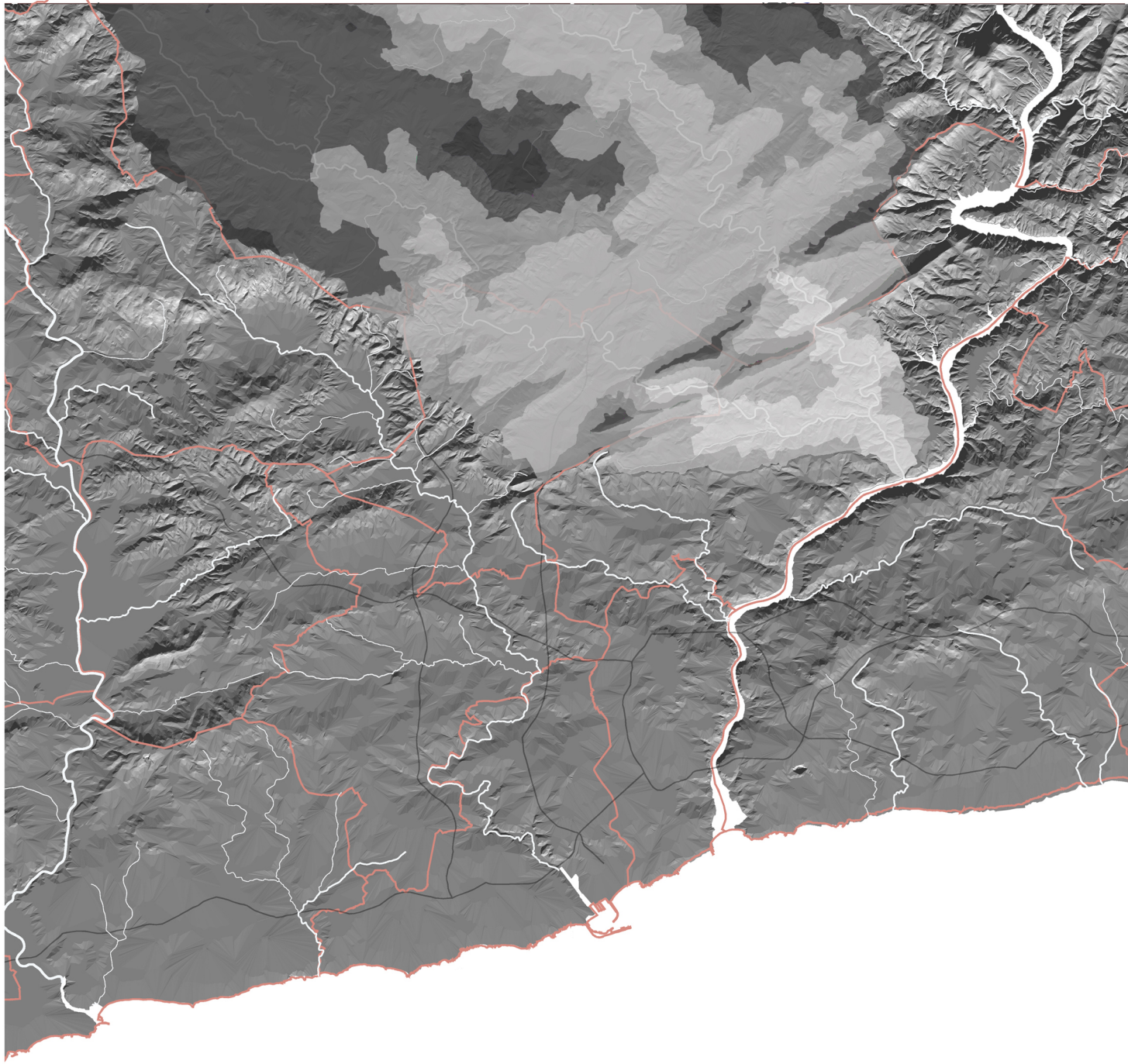


02 RIO SOUSA | HIDROGRAFIA PRINCIPAL

- 1 Rio Sousa
 - 2 Rio Ferreira
 - 3 Ribeira de Fontão
 - 4 Ribeira de Bustelo
 - 5 Ribeira de Baltar
 - 6 Rio Cavalum
 - 7 Ribeira de Sentiais
 - 8 Ribeira de Ribeira
 - 9 Ribeira de Parada
 - 10 Ribeira de Fontelhas
 - 11 Ribeira da Ermida
 - 12 Ribeira de Feteira
 - 13 Rio de Eiriz
 - 14 Rio de Carvalhosa
- Bacia Hidrográfica do Rio Sousa



02 RIO SOUSA | HIDROGRAFIA PRINCIPAL

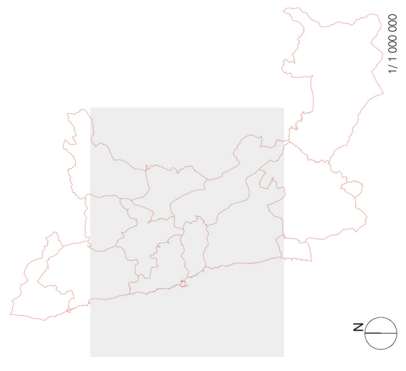


03 RIO SOUSA | HIPSOMETRIA

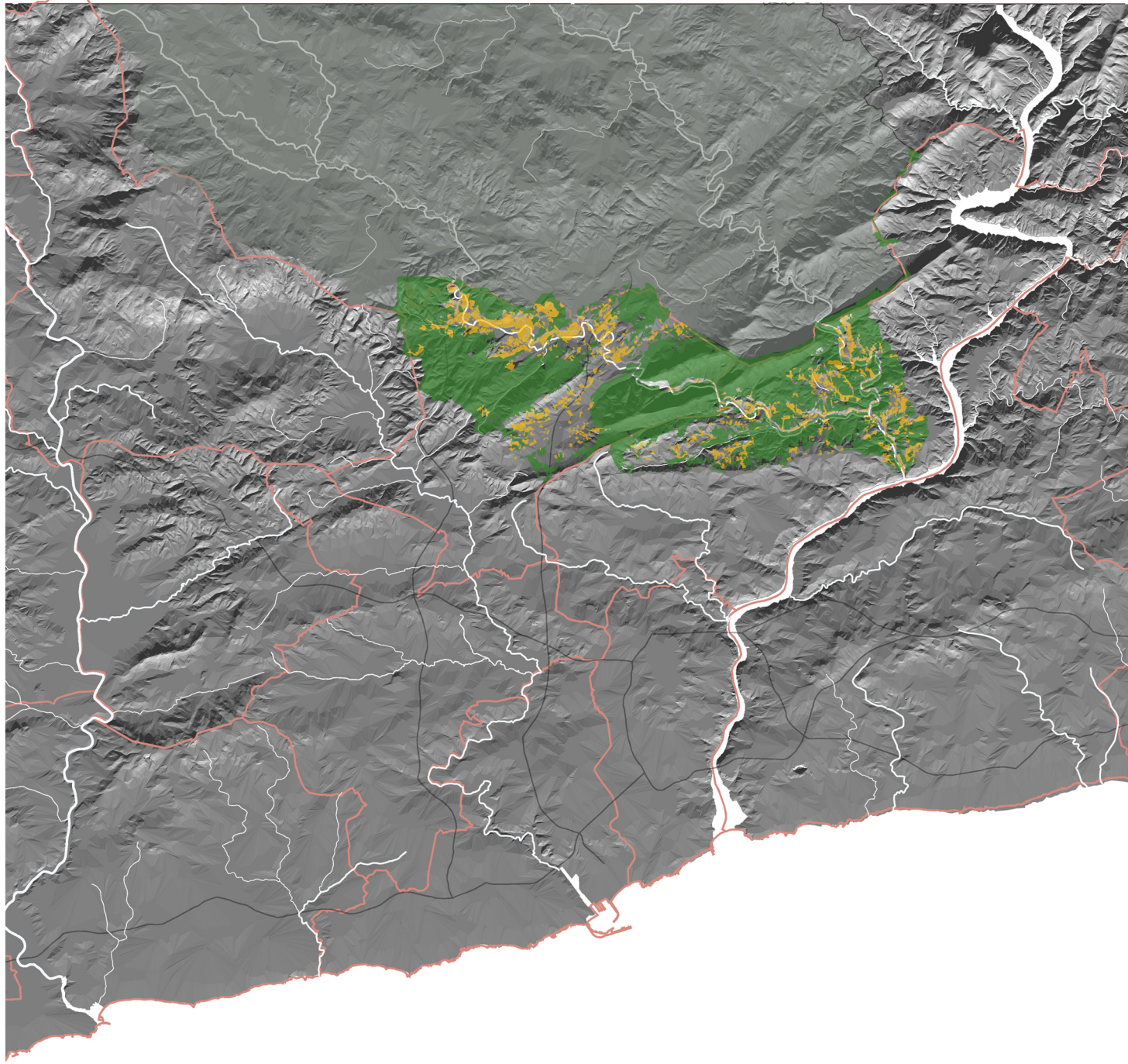
1 km

03 RIO SOUSA | HIPSOMETRIA

- 0 - 100 metros
- 100 - 200 metros
- 200 - 300 metros
- 300 - 400 metros
- > 400 metros



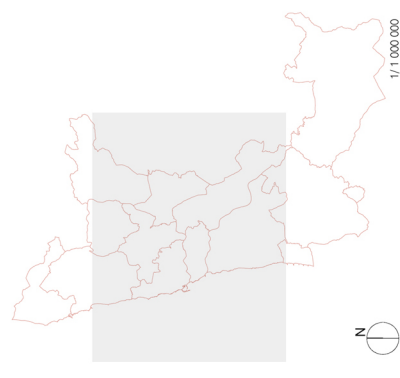
1/1,000,000

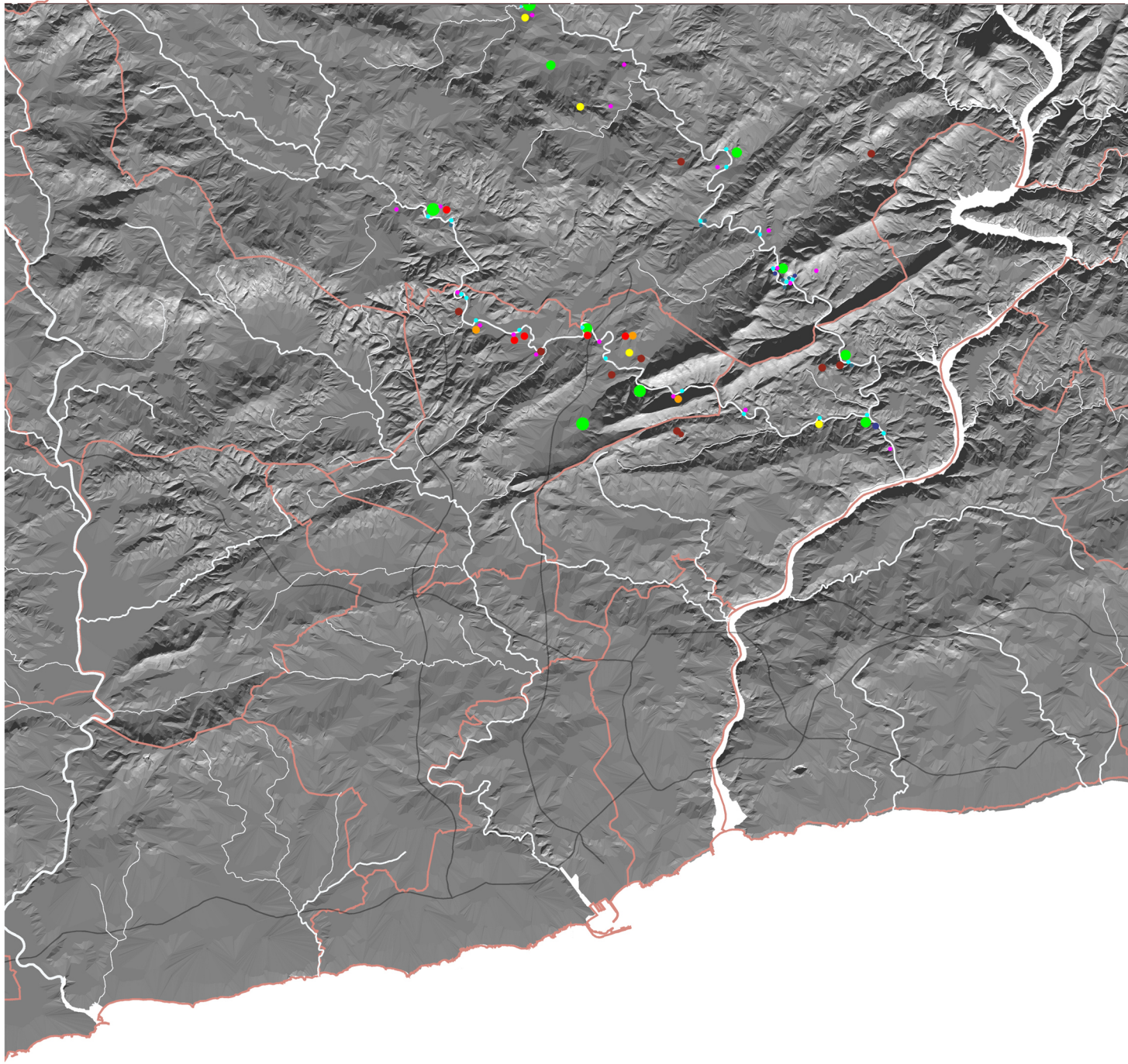


04 RIO SOUSA | OCUPAÇÃO DO SOLO

04 RIO SOUSA | OCUPAÇÃO DO SOLO

- Agrícola
- Florestal
- Sem dados



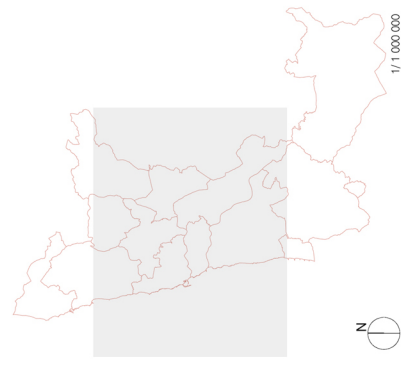


05 RIO SOUSA | PATRIMÓNIO

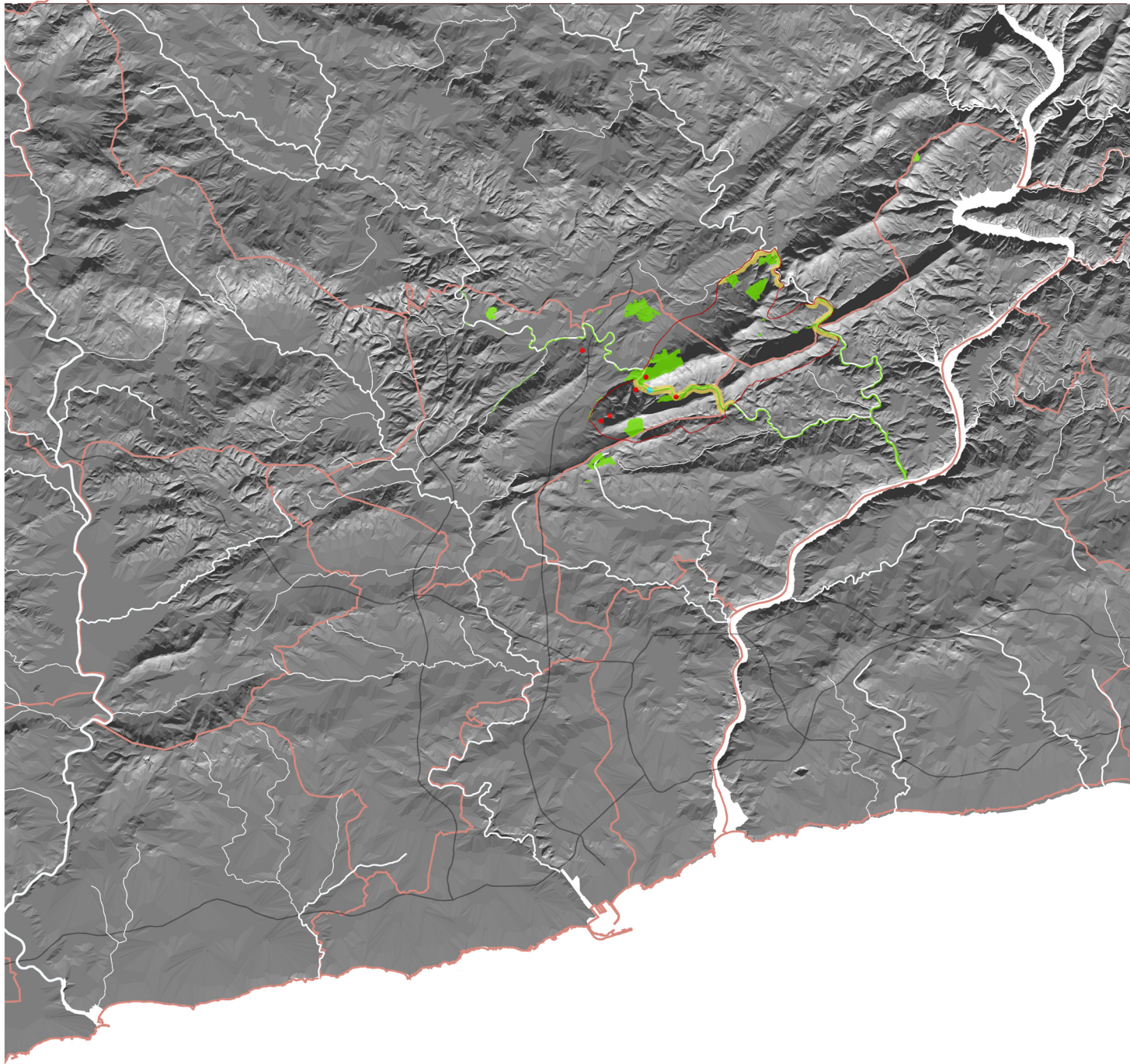
1 km

05 RIO SOUSA | PATRIMÓNIO

- Património religioso
- Quintas
- Parques
- Moinhos
- Pontes
- Património Industrial
- Equipamentos
- Aldeias e Núcleo rural
- Infraestruturas



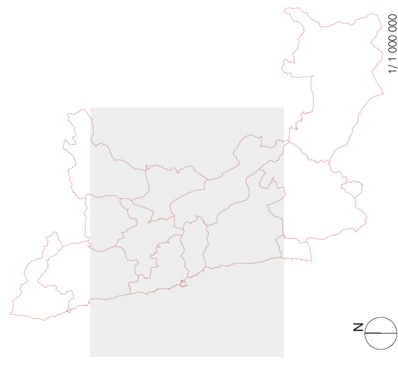
1/1,000,000



06 RIO SOUSA | REDE NATURA 2000

06 RIO SOUSA | REDE NATURA 2000

- Sítio "Valongo" Rede Natura 2000
- Habitats naturais (RN2000)
- Espécies Flora (RN2000)
- Espécies Fauna (RN2000)



1/1.000.000

1 km

IDENTIFICAÇÃO

Nome: “Rios Sousa e Ferreira”

Área:

Freguesias: *Rio Sousa:* Paredes (Castelões de Cepêda, Cête, Parada de Todeia, Recarei e Aguiar de Sousa), Gondomar (Covelo e Foz do Sousa); *Rio Ferreira:* Paredes (Lordelo e Rebordosa), Valongo (Sobrado, Campo e Valongo), Gondomar (Jovim, São Pedro da Cova e Foz do Sousa)

Concelhos: Paredes, Valongo e Gondomar

DESCRIÇÃO

“As lontras eram muito vulgares no rio Sousa, devido à abundância de peixe; na Primavera, no tempo do cio, brincavam aos bandos na areia das margens e nos açudes, soltando gritos, em noites serenas de luar, que imitavam a voz humana. As pessoas timoratas que os ouviam e não conheciam a sua origem, atribuíam-nas a fantásticos bandos de bruxas que, de saia branca e batendo palmas, se banhavam no rio acompanhadas do demónio.” (Oliveira, 1983)

“Regueifa! Quem quer regueifa?

Quem quer regueifa comprar?

Apregoa a “valongueira”

De alvos dentes a brilhar.

Regueifa de alva farinha,

Das moendas do Ferreira,

Regueifa, pão de rainha,

Coadá em fina peneira.

Pão branco, cheirando a povo,

Pão de hóstia consagrado,

Pão de fartura e renovo,

E Valongo semeado,

E em Valongo amassado,

Pão por Deus abençoado!” (Lavandeira, 1993)

O Sítio

O **rio Sousa** é um afluente da margem direita do rio Douro, tem nascente em Friande (Felgueiras) e desagua em Foz do Sousa (Gondomar). No seu trajecto, atravessa os concelhos de Felgueiras, Lousada, Penafiel, **Paredes** (freguesias de Castelões de Cepêda, Cête, Parada de Todeia, Recarei e Aguiar de Sousa) e **Gondomar** (freguesias de Covelo e Foz do Sousa). Desde a nascente até à foz, estende-se ao longo de **64,7 km**, medida a partir de cartas militares. O Rio Sousa tem como afluentes principais na margem esquerda o **rio Cavalum** e na margem direita os **rios Mesio** e **Ferreira**, este último de maior significância e que nele desagua em Foz do Sousa (Gondomar). Os afluentes secundários do rio Sousa incluem, na margem esquerda e desde a nascente, a Ribeira da Ribeira, a Ribeira de Caíde, a Ribeira de Outeiro e a **Ribeira de Santa Comba** e na margem direita, a Ribeira da Longra, a Ribeira de Barrosas, a Ribeira de Pontarrinhas, a Ribeira de Centiais, a Ribeira de Bustelo e a **Ribeira de Fontão**.

O rio Sousa caracteriza-se por possuir um **vale bastante aberto** na zona a montante da sua bacia hidrográfica que abrange grande parte do concelho de Felgueiras, desde as imediações da cidade. Continua pouco cavado tanto no concelho de Lousada como na parte Norte do concelho de Penafiel e na região da cidade de Paredes. Para jusante, depois de receber o rio Cavalum na margem esquerda, atravessa a zona Sul do concelho de Paredes em **vale encaixado e fortemente meandrizado**. A confluência com o Douro, em Foz do Sousa, localiza-se já no concelho de Gondomar.

O **rio Ferreira** é o afluente principal do rio Sousa, nasce em Raimonda (Paços de Ferreira) e desagua no lugar da Ribeira de Cima, na freguesia de Foz do Sousa, no concelho de Gondomar. No seu trajecto, atravessa os concelhos de Paços de Ferreira, Paredes, (Lordelo e Rebordosa), Valongo (Sobrado, Campo e Valongo) e Gondomar (freguesias de Jovim, S. Pedro da Cova e Foz do Sousa). Tem como principais afluentes o **rio Eiriz** e o **rio Simão** (na margem direita) e o **rio da Carvalhosa** (na margem esquerda). Da margem esquerda e desde a nascente, incluem-se como afluentes secundários do rio Ferreira o Ribeiro de Vilarinho e a Ribeira de Fervença e na margem direita, a Ribeira da Feteira, a Ribeira de Fontelhas, a Ribeira de Silveirinhos e a Ribeira de Parada. O rio Ferreira atravessa a zona central do concelho de Paços de Ferreira, cujo território coincide praticamente com a zona de montante da respectiva bacia hidrográfica. Este rio é meandrizado ao longo de todo o seu percurso e conflui com o rio Sousa no concelho de Gondomar.

Entre os concelhos de Valongo, Gondomar e Paredes, as denominadas "**serras de Valongo**", constituídas por uma série de elevações orientadas na direcção NW-SE e formadas essencialmente por cristas de rochas quartzíticas que correspondem a uma dobra anticlinal - **Santa Justa** (367 m), **Pias** (385 m) e **Castiçal** (324 m) – dão corpo a um maciço montanhoso de **grande valor natural e paisagístico**, caracterizado pela presença do **rio Ferreira**. Este corre num vale encaixado onde se evidenciam algumas

gargantas apertadas, como no **Alto do Castelo** e nas **Fragas do Diabo**, e por um complexo sistema de **fojos, minas**, pequenas nascentes e linhas de água. O rio Ferreira ao atravessar as cristas quartzíferas das Serras de Santa Justa e Pias, originou os chamados "**Saltos do Ferreira**" (FCG, 1985).

A bacia hidrográfica do Rio Ferreira apresenta a área de **184 km²** e o perímetro de **83 km**, onde residem cerca de 200 mil habitantes (Rodrigues *et al.*, 2006). Na área de influência da bacia hidrográfica do rio Ferreira estão abrangidas áreas pertencentes aos concelhos de Paços de Ferreira (89%), **Paredes** (31%), **Valongo** (60%) e **Gondomar** (16%). De referir ainda que Lousada é também influenciada por esta bacia, sendo, no entanto, uma área muito reduzida e pouco significativa (apenas 4%) (FEUP, 2005).

O rio Ferreira desagua no rio Sousa na freguesia de Foz do Sousa (Gondomar), com as suas margens ainda pouco urbanizadas e ocupadas predominantemente com **campos agrícolas**, existindo também alguns troços de galeria ripícola. Nas **margens mais escarpadas** a ocupação dominante é a **floresta de pinheiros e eucaliptos**, com a invasão de outras espécies infestantes. Em alguns pontos das suas margens observam-se áreas ocupadas por actividades como a indústria de extracção de inertes, empresas de produção de papel, assim como construções desordenadas. Os rios Sousa e Ferreira, seu afluente, têm percursos quase paralelos predominantemente na direcção SW. Estas características morfológicas conferem à zona central da região em estudo a aparência de dois anfiteatros que se desenvolvem a partir das cabeceiras do Sousa e do Ferreira, em direcção aos respectivos vales.

O Vale do Sousa (de que se inclui o seu afluente, o rio Ferreira) integra-se num domínio bioclimático atlântico setentrional, caracterizado por ter um **clima relativamente chuvoso** (médias anuais de pluviosidade entre 1000 e 2000 mm) e **com uma persistente nebulosidade**. A pluviosidade média anual ultrapassa os 1500 mm em diversas áreas mais altas dos concelhos de Paços de Ferreira, Lousada e Felgueiras, bem como entre os Vales do Sousa e do Tâmega. Este espaço é demarcado por Verões com temperaturas máximas moderadas (23° C a 29° C) nas áreas mais baixas, na proximidade dos rios Douro, Ferreira, Sousa e Tâmega, embora se registem Verões quentes (29° C a 32° C) nas áreas mais altas (planálticas ou montanhosas de média altitude, na região). Os Invernos são termicamente moderados (temperaturas mínimas médias entre 4° C e 6° C) nas áreas com menores altitudes nesta sub-região (com proximidade do leito do Douro) mas tornam-se frescos (entre 2° C e 4° C) no restante território (www.valedosousa.pt). Segundo dados do Instituto de Meteorologia, da estação meteorológica da Serra do Pilar (1961 – 1990), a temperatura média no mês mais frio (Janeiro) foi de 9,3°C e a temperatura média do mês mais quente (Julho) de 19,85°C. A insolação média é de 2 419 horas por ano, sendo este valor cerca de 52% da insolação máxima possível. Quanto ao regime de ventos, os mais frequentes são os provenientes de Norte - Oeste (meses Abril - Setembro), Leste (restantes meses) e Oeste, com uma velocidade média anual de 12 km/h (Santos, 2002). Os que apresentam maiores velocidades provêm de Noroeste, Sul e Sudoeste, com máximos superiores a 20 km/hora (www.meteo.pt).

Em relação à **geografia**, os rios Sousa e Ferreira abrangem para além de **Gondomar** e **Valongo**, pertencentes à **Área Metropolitana do Porto**, territórios da região conhecida como **Vale do Sousa**, constituída pelos concelhos de Penafiel, Paredes, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira e Castelo de Paiva. Os cinco primeiros integram o distrito do Porto, à excepção de Castelo de Paiva, que se situa no distrito de Aveiro. O Vale do Sousa situa-se numa zona de transição entre a Área Metropolitana do Porto e o interior da Região Norte, integrando-se na NUT (Nomenclatura de Unidades Territoriais) III do Tâmega. O Vale do Sousa confina a Norte com o Vale do Ave, a Sul com o Entre Douro e Vouga, a poente com a Área Metropolitana do Porto e a nascente com o Baixo Tâmega. A **Valsousa - Comunidade Urbana do Vale do Sousa** é uma pessoa colectiva pública de natureza associativa e de âmbito territorial, criada em 2003, composta pelos municípios do Vale do Sousa e tem como missão o desenvolvimento integrado e sustentado de toda a região (www.valsousa.pt).

A **história** do Vale do Sousa está ligada à história da **nobreza portuguesa** e das **ordens religiosas**, pois é a partir destes grupos sociais que se pode traçar a evolução destas terras e das suas gentes. Estes concelhos surgem na Idade Média como domínios da nobreza (honras) ou das ordens religiosas (coutos), não se podendo detectar um núcleo populacional que não estivesse integrado neste regime feudal. Esta região deve a sua importância e crescimento ao facto de estar ligada, desde o séc. X, aos senhores de Riba Douro (Paço de Sousa) e aos Sousas ou Sousões (Pombeiro), duas das cinco famílias que constituíam a primeira nobreza portuguesa, referidas no Livro Velho de Linhagens de D. Pedro, e que apoiaram D. Afonso Henriques. Egas Moniz, o célebre aio do rei, fazia precisamente parte da família de Riba Douro. Estas duas famílias contribuíram com os seus filhos segundos (infanções) para o povoamento e reconquista do território português, para além do papel fundamental que detinham na eleição de abades e administradores dos bens da Igreja, colocando em mosteiros e conventos alguns dos seus filhos. As grandes famílias protegiam as comunidades religiosas, constituindo-se como seus patronos, pois numa época em que a cultura se encontrava nas mãos dos clérigos, eram estes os responsáveis pelo enaltecimento destas famílias e dos seus feitos. **A família dos Sousas tem um grande peso na história da região.** As primeiras referências a membros da família Sousa referem-se a documentos da Corte e da Arquidiocese de Braga entre 1070-90. Nos anos seguintes, a Casa de Sousa inicia uma trajectória que a levará até ao topo da escala social. Um novo chefe de linhagem, Mem Viegas, aparece referenciado nas Cortes desde 1094, com D. Raimundo, D. Henrique (1106, 1110-11), D. Teresa (1112, 1116 e 1120) e com D. Afonso Henriques, provavelmente com as funções de governador das terras de Sousa e de Bastos. Mantendo, no entanto, os seus interesses no Mosteiro de Pombeiro, obtém para este a carta de couto em 1112. Da sua descendência destaca-se o seu filho Gonçalo Mendes de Sousa, O Sousão (morre em 1133), personagem que após a morte de Egas Moniz se destacou ao lado

de D. Afonso Henriques e que desempenhou durante dez anos as funções de mordomo-mor. Outro filho de Mem Viegas, Soeiro Mendes, O Grosso, que participou na Batalha de S. Mamede, foi governador de Aguiar de Sousa. A partir de 1120, ano em que D. Teresa lhe faz uma doação, desconhece-se o seu percurso (www.valedosousa.pt).

A importância dos Sousas manteve-se ainda nos primeiros anos do séc. XIII, pois Gonçalo Mendes II herdou o cargo de mordomo-mor, desempenhado até ao final do reinado de D. Sancho I. No entanto, as relações entre os Sousas e o rei nem sempre foram cordiais, existindo uma certa rivalidade entre as famílias do Norte e o rei na disputa pelo poder. De realçar que embora por linha bastarda, **os Sousas têm sangue real**. Os Riba Douro foram outra das famílias que dominaram nesta região. O primeiro dos seus representantes, Monio Viegas, figura em documentos régios a partir de 1054. Segundo estes documentos seria originário da Gasconha, fazendo-se acompanhar por dois irmãos, um dos quais bispo do Porto, D. Sisnando, que realmente se pode documentar para os anos de 1055 a cerca de 1075 e de D. Énego, que é mais difícil de identificar. A família de Riba Douro tem uma forte presença neste período, na região do Vale do Douro, principalmente na região de Entre-os-Rios, antiga Anegia. Aí fundam ou apropriam-se de vários mosteiros, alguns dos quais tornam-se muito importantes como Paço de Sousa, Alpendorada, Tuíás e Vila Boa do Bispo (www.valedosousa.pt).

Relativamente à **demografia** da região, os concelhos de **Gondomar** e **Valongo** integram 17 freguesias representando uma área total de 133 km² e 73 km², correspondente a 16,3% e 8,9% do total do Grande Porto. Em termos de população, nestes dois concelhos residem 164 096 e 86 005 habitantes (Censos 2001), o que representa respectivamente 13% e 6,8% da população do Grande Porto (www.ine.pt).

Os seis concelhos do Vale do Sousa integram um largo conjunto de freguesias (144), que abrangem uma área de aproximadamente 767,1 Km², representando 3,6 % do total da região Norte. Aqui reside cerca de 9% da população da região Norte, num total de 327 808 habitantes, o que implica uma densidade populacional de 427 habitantes por km², muito acima da média geral da zona Norte. No conjunto, destacam-se os concelhos de Paços de Ferreira (19,9%), Felgueiras (17,2%), Lousada (17%) e **Paredes** (14,2%) com as maiores taxas de crescimento, enquanto que Castelo de Paiva (5%) e Penafiel (4,9%) apresentaram as menores taxas de crescimento populacional. **O Vale do Sousa é a região mais jovem de Portugal e uma das mais jovens de toda a Europa**. O grupo etário com maior frequência nos seis concelhos tem entre 25 e 65 anos, ou seja, pertence à população activa. **A taxa de analfabetismo na região do Vale do Sousa é de 8,03%** (www.valedosousa.pt). Do ponto de vista demográfico, o Vale do Sousa tem evidenciado uma dinâmica populacional relativamente forte, ao longo das últimas décadas, assumindo progressivamente maior relevância no contexto regional e nacional.

O crescimento demográfico do Vale do Sousa tem sido acompanhado por um forte desenvolvimento industrial, económico e social: indústrias modernas e dinâmicas, essencialmente vocacionadas para a exportação de qualidade, com especial destaque para o têxtil, calçado, mobiliário, vinhos verdes e granitos, absorvem a mão-de-obra local e são uma importante fonte de rendimento para a região e para o país. A estrutura de emprego do Vale do Sousa caracteriza-se pela concentração na indústria transformadora – cerca de 73% do emprego total - e, em particular, em 3 sectores: a indústria do calçado, representando 20,7% do emprego total do Vale do Sousa, 65,6% do de Felgueiras e 39,2% do de Castelo de Paiva; a **indústria de madeira e mobiliário**, com um peso relativo de 19,8% na região, **46,6% em Paredes** e 41,7% em Paços de Ferreira; e a indústria de vestuário, com um peso de 19,1% na região, 46,3% em Lousada, 28,6% em Penafiel e 21,6% em Paços de Ferreira (www.valedosousa.pt). **Na região do Vale do Sousa é produzida e comercializada cerca de 80% da indústria mobiliária portuguesa** (www.valedosousa.pt).

Pode-se constatar um predomínio de, fundamentalmente, dois sectores de actividade, a **indústria de mobiliário** e outras indústrias transformadoras, e a **indústria de vestuário**: preparação, tingimento, fabricação de artigos em pele e pêlo **nas bacias dos rios Sousa e Ferreira**. São também estes dois sectores de actividade que representam a maior dimensão da actividade industrial em função do número de trabalhadores, com 76% do número total de trabalhadores. Os concelhos que integram a bacia do rio Ferreira são actualmente um pólo de desenvolvimento socioeconómico em expansão. Nesta bacia, caracterizada por forte componente industrial, há, ainda, uma importância significativa do sector agrário.

Relativamente à **agricultura**, da área total do Vale do Sousa, que abrange os concelhos de Paredes, Penafiel, Castelo de Paiva, Lousada, Felgueiras e Paços de Ferreira, apenas 30% tem utilização agrícola. Verifica-se na região uma **franca predominância das culturas forrageiras anuais, dos cereais, das leguminosas secas para grão e batata**. O concelho de Paredes e Penafiel representam juntos 50% do total da produção agrícola de cereais. É importante também referir em Paredes a produção de flores. **A cultura da vinha chega a ocupar 93% da parte reservada às culturas permanentes**, atinge também em Paredes uma expressão muito significativa. A **produção animal, sobretudo gado bovino**, no Vale do Sousa, está presente em cerca de 70% das explorações agrícolas, com destaque para **Paredes e Lousada** (Pinto, 1996). No que diz respeito ao Grande Porto (de que Gondomar e Valongo fazem parte), segundo dados de 1999, apenas 20% da sua área total tem utilização agrícola. Nos concelhos de **Gondomar e Valongo**, a actividade agrícola é menos expressiva e apresenta as taxas mais elevadas de regressão, representando 11,9% e 10,8% do seu território, respectivamente (www.futurosustentavel.org). Quanto ao número de explorações agrícolas, a agricultura destes concelhos está baseada na **plantação de vinha, culturas temporárias, cereais para grão, batata, culturas hortícolas e produção de forragens** para o gado. A área plantada distribui-se com maior relevância para as **culturas hortícolas**,

produção de cereais e leguminosas secas para grão (em Gondomar) e **prados temporários** (em Valongo) (INE, 2001).

Os **espaços florestais** ocupam uma importante área do território do Grande Porto (cerca de 34%). Todos os concelhos desta região têm **povoamentos florestais**, encontrando-se as manchas de **maior continuidade** em **Valongo e Gondomar**. Nestes dois concelhos, são predominantes os povoamentos puros de eucalipto, onde se verifica uma **forte influência da indústria de celulose**. Em Gondomar e Valongo, surgem mais de 4.500 ha de povoamentos puros de eucaliptos, com a existência de propriedades arrendadas e geridas por empresas ligadas ao sector. As parcelas florestais assumem uma dimensão significativa (áreas superiores a 14 ha) e encontram-se áreas contínuas muito extensas de povoamentos e matos (www.futurosustentavel.org).

Em 2005, no Grande Porto, os **fogos florestais** atingiram maioritariamente os concelhos de **Valongo e Gondomar em termos de área ardida**, respectivamente, 1 073 ha e 2 522 ha. Os povoamentos florestais corresponderam nestes concelhos 55,8% e 63,8% da área total ardida, respectivamente (INE, 2007). A região do Vale do Sousa, que abrange os concelhos de Paredes, Penafiel, Castelo de Paiva, Lousada, Felgueiras e Paços de Ferreira, estende-se por uma área com 77,7 mil hectares, dos quais 45% são florestados. As espécies florestais predominantes são o eucalipto (55%), e o pinheiro (21%). O valor económico da floresta na região do Vale do Sousa, no que se refere à produção de madeira de eucalipto e pinheiro, ascende a quase sete milhões de euros anuais. A contabilização do valor económico da floresta tem ainda em conta outros factores, como a produção de mel, o potencial económico das zonas de recreio, a produção agrícola em zonas florestais, o que permite chegar à estimativa de 483€ por hectare florestado no Vale do Sousa, superior à média nacional (www.ambienteonline.pt). Este valor intrínseco da floresta do Vale do Sousa não se coaduna com o impacto ecológico e económico dos fogos florestais na região. No **Vale do Sousa** arderam em 2005 cerca de 10 692 ha de floresta, dos quais **Paredes (20,5%)** e Penafiel (82,7%) foram os concelhos mais afectados. Nestes dois concelhos, a área ardida de povoamentos florestais em relação à área ardida total do concelho foi de 87,3% e 82,7%, respectivamente (INE, 2007).

No que diz respeito à **geologia**, os rios Sousa e Ferreira, a Norte do Vale do Douro, rasgaram vales relativamente encaixados, num espaço que se integra geologicamente no **Maciço Antigo Ibérico**, onde predominam rochas duras (granitos, xistos, etc.). O carácter deste território atribui-lhe várias especificidades à sua identidade, em especial pelo posicionamento no Noroeste português, predominantemente atlântico e pelo relevo acidentado, onde se implanta uma densa rede hidrográfica que recortou os vales dos rios Sousa e Ferreira que em algumas secções se apresentam encaixados, criando

espaços orograficamente vigorosos (gargantas, fragas, etc.) (www.valedosousa.pt). Particularmente, os rios Sousa e Ferreira estão instalados quer em **metassedimentos do Paleozóico** (com idades compreendidas entre os 540 e os 290 milhões de anos) quer em **rochas graníticas**. No concelho de Paredes, o rio Sousa encontra-se instalado essencialmente em metassedimentos de diversas idades (cerca de 540 a 400 milhões de anos). Nos concelhos de Penafiel e Lousada, o rio Sousa encontra-se encaixado em rochas graníticas, de diversos tipos e idades, com datas entre os 310 a 290 milhões de anos. No concelho de Felgueiras, o rio Sousa encontra-se encaixado quer em formações metassedimentares (440 a 430 milhões de anos), quer em rochas graníticas (310 a 290 milhões de anos). O rio Ferreira encontra-se essencialmente encaixado em rochas graníticas (cerca de 310 a 290 milhões de anos). Ao longo das margens dos rios, são igualmente abundantes os **depósitos aluvionares quaternários**, da idade holocénica (12 mil anos à actualidade). Relativamente às litologias existentes nos vales dos rios Sousa e Ferreira, distinguem-se três tipos: aluviões e terraços, rochas metassedimentares, granitóides. Os aluviões são abundantes em ambos os rios Sousa e Ferreira, sendo a sua extensão maior onde estes rios se encontram encaixados em rochas graníticas, sendo fundamentalmente constituídos por areias grosseiras e cascalhos de idade holocénica. No concelho de Paredes, é possível encontrar um terraço de idade plicocénica (5,3-1,8 milhões de anos). O rio Sousa percorre encaixado no concelho de Paredes, em rochas metassedimentares, cujos sedimentos que lhes deram origem se depositaram numa bacia marinha. Estas encontram-se dobradas numa grande estrutura tectónica, o "Anticlinal de Valongo", no seu flanco normal, que se estende desde a Póvoa de Varzim até próximo de Castro Daire. A sequência metassedimentar é constituída por conglomerados, vaques, quartzitos e xistos. Nos xistos do Ordovícico, contém-se o valioso património da paleobiodiversidade dos mares que cobriam a região há cerca de 470 a 460 milhões de anos, constituído por trilobites, graptólitos, braquiópodes, gastrópodes, cefalópodes, entre outros. O final do Ordovícico está representado por uma formação designada por "pelitos com fragmentos" que testemunha uma grande glaciação que ocorreu no final deste período. O Silúrico que sobrepõe o Ordovícico é constituído por xistos, quartzitos e liditos. Na nascente do rio Sousa, ocorrem metassedimentos de idade silúrica, constituídos essencialmente por xistos e ampelitos. As rochas graníticas ocupam a maior extensão da bacia do rio Sousa. Os granitóides mais antigos ocorrem na zona de Felgueiras e correspondem a um granodiorito porfiróide, biotítico, relacionado com o início da terceira fase de deformação da Orogenia Varisca. No concelho de Lousada ocorre um granito porfiróide, biotítico, de grão grosseiro, sin a tardi-tectónico em relação à terceira fase de deformação da Orogenia Varisca. Nos concelhos de Paços de Ferreira e Penafiel aflora um granito monzonítico, porfiróide, de duas micas, de grão médio. Por vezes esse granito altera-se em "bolas" devido a um fenómeno de meteorização. Na zona do vale do Sousa, existem dois tipos de vales: vales abertos associados aos granitos e vales encaixados em formações paleozóicas, de principal relevância nas zonas em que as linhas de água cortam as sequências predominantemente quartzíticas, bastante espessas, da base do Ordovícico, como acontece na Senhora do Salto (Paredes). Aqui observam-se "**marmitas de gigante**",

originadas por erosão do leito do rio provocada por movimentos circulatorios de blocos ou seixos transportados pelo mesmo, escavadas em quartzitos do Ordovícico (ADER-Sousa *et al.*, 2007; ADER-Sousa *et al.*, 2008).

A área do **Parque Paleozóico de Valongo**, que **abrange parte do vale do rio Ferreira e as Serras de Santa Justa e Pias**, está situada na Zona Centro-Ibérica, uma das maiores unidades geológicas do Maciço Ibérico. As principais formações geológicas que ocorrem na área do Parque Paleozóico, ou no seu envolvente mais próximo, exceptuando alguns **terraços fluviais e aluviões de rio** que são depósitos recentes do Quaternário, com idades superiores a 280 milhões de anos, a morfologia está fortemente condicionada pela presença de **rochas quartzíticas** que, por serem mais resistentes à erosão, originam **cristas** alongadas segundo a **direcção NW-SE**, direcção que é paralela às estruturas da idade hercínica ocorrentes na área de Valongo. Estas cristas constituem relevos vigorosos com altitudes variáveis (300-500 metros), distribuindo-se em dois ramos, cada um dos quais corresponde a um dos flancos do **Anticlinal de Valongo**. São conhecidas pela designação genérica de “Serras de Valongo” das quais se destacam, na área do Parque, a Serra de Santa Justa no ramo ocidental e a Serra de Pias no ramo oriental. Entre estes dois ramos e sobre os terrenos do **Complexo Xisto-Grauváquico**, postos a descoberto por erosão da zona axial do Anticlinal de Valongo, instala-se parte do vale do Rio Ferreira, exemplo característico de um caso de inversão de relevo. Paralelamente a estas cristas principais, ocorrem cristas de menor importância relacionadas quer com a presença de quartzitos de menor espessura que os anteriores (Precâmbrico ou Câmbrico e Ordovícico Superior), quer com a presença de conglomerados (Precâmbrico ou Câmbrico e Carbonífero). (...) Nos locais onde o Ferreira forçou a travessia através das rochas quartzíticas, formaram-se estreitos e profundos vales de paredes verticais. Estas gargantas podem ser observadas nas **Fragas do Castelo**, local onde o rio Ferreira corta os quartzitos do flanco oriental do Anticlinal de Valongo e, nas **Fragas do Diabo**, local onde o mesmo rio corta os quartzitos do flanco ocidental do Anticlinal de Valongo. Contudo, na maior parte do seu percurso no interior do Parque, o rio Ferreira segue ao longo das rochas xistosas. No núcleo do Anticlinal de Valongo, onde estas rochas são mais abundantes, o percurso do rio Ferreira é menos acidentado e, junto à aldeia de **Couce** origina **terrenos aluvionares**, com alguma expressão, que são utilizados na actividade agrícola (Couto e Dias, 2001).

Relativamente aos **recursos minerais** da região dos Vales do Sousa e Ferreira, salientam-se as **lousas de Valongo** e Arouca, o granodiorito cinzento de Paços de Ferreira, o granito de Penafiel, utilizados como rochas ornamentais e as mineralizações que ocorrem na região. Dentro do Parque Paleozóico de Valongo, a actividade mineira estava centrada na **exploração das ardósias e do carvão**. A exploração de ardósias, da Formação de Valongo, remonta a 1865, na Mina do Galinheiro, de que era proprietário a Companhia Inglesa “The Valongo Slate & Marble Quarries”. Desde aí, a exploração de ardósias intensificou-se e modernizou-se de tal maneira que são, ainda hoje, diversas as louseiras em exploração

activa. A exploração de ardósia é feita quer em lavra a céu aberto quer em lavra subterrânea. A exploração de carvão, nesta região, centrou-se no **Couto Mineiro de São Pedro da Cova**, localizado a Sul do Parque Paleozóico de Valongo. A actividade nesta mina iniciou-se em finais do séc. XVIII tendo durado até meados de 1994, tendo sido explorada inicialmente por trabalhos subterrâneos e mais recentemente a céu aberto. O carvão aqui produzido era metrancite mas de qualidade relativamente fraca, devido à quantidade de matéria mineral que possuía.

As **mineralizações de ouro, antimónio, chumbo, zinco, prata, estanho e tungsténio** que ocorrem na região do Vale do Sousa fazem parte do Distrito Mineiro Dúrico-Beirão, que se prolonga por uma faixa de cerca de 90 km, com orientação NW-SE, entre Esposende e Castro Daire. Nele ocorrem mais de uma dezena de jazigos, alguns lavrados desde a época de ocupação romana da Península Ibérica. Este distrito mineiro foi muito importante, tendo sido o segundo maior produtor de ouro em Portugal com a produção de cerca de 5,6 t de ouro e 12 000 t de antimónio. Salienta-se a importância **do couto mineiro das Banjas** através de vários estudos da autoria do Centro de Geologia da Universidade do Porto (ADER-Sousa *et al.*, 2007; ADER-Sousa *et al.*, 2008). Os mais importantes vestígios no Norte do País das **explorações auríferas durante a ocupação romana** são bem patentes na **Serra de Santa Justa** (concelhos de Valongo e Gondomar) e na **Serra das Banjas** (concelhos de Gondomar e Paredes). Vários autores clássicos fazem referências concretas às explorações mineiras na Península, tais como Plínio “o Antigo” (anos 23 d.C. a 79 d. C.) e Estrabão (anos aprox. 58 a. C. a 23/24 d. C.) (Câmara Municipal de Gondomar, 1999).

As primeiras explorações de **antimónio**, que ocorre frequentemente associado ao ouro, são bastante mais recentes. Os primeiros jazigos a serem descobertos, em 1807, foram os de Vale de Achas e Ribeiro da Igreja, localizados em Valongo, que só em 1858 entraram em lavra activa. A exploração atingiu o seu auge nas décadas de 1870-1980. A produção de antimónio cessou, praticamente, a partir do início deste século. Contudo, algumas minas continuaram em lavra activa. Em 1971, cessou completamente a actividade de produção (Couto e Dias, 2001). Entre os trabalhos antigos [...], destacam-se os **fojos**, cavidades estreitas e profundas correspondentes ao desmonte dos filões auríferos na época da ocupação romana. Na Serra de Santa Justa e na sua encosta voltada para Nordeste observam-se vários fojos, dos quais se destacam o **Fojo das Pombas**, os **Três Fojos Sagrados** e o **Fojo da Valéria**. É ainda de realçar a existência de minas mais recentes, como por exemplo as Minas de Ribeiro da Igreja e Vale do Inferno (Couto e Dias, 2001).

No que diz respeito ao concelho de Paredes, a área é dominada pelos “relevos de dureza”, a partir das serras quartzíticas, orientadas de Noroeste para Sudeste, que originam formas rígidas de relevo e especialmente relevantes pela altitude e pela sua abruptuosidade. O granito cobre grande parte do seu território, mas a Sul, pode observar-se no entanto uma mancha de rochas sedimentares do período Eodévónico. As diferenças entre os processos de erosão no xisto e no granito estão bem patentes nas

diferentes formas de relevo do concelho. Enquanto o granito facilita a penetração da água em direcções preferenciais, graças a sua densa rede de diáclases, o xisto proporciona uma erosão linear, promovendo o aprofundamento de uma densa rede de linhas de água que separam cabeços arredondados. Assim verifica-se que os granitos transmitem aos solos uma textura ligeira, permeável, pouco profunda. São solos de elevada acidez, razoáveis níveis de potássio, sais de ferro e alumínio, grande deficiência em fósforo, magnésio e cálcio. Os solos xistosos, pelo contrário, apresentam tendência para uma maior fertilidade, sendo mais profundos e argilosos que os solos graníticos, têm mais magnésio mas menos potássio que estes. A circulação da água precipitada nos materiais rochosos vai assim depender directamente das características de permeabilidade que aqueles vão assumir à superfície. Os trabalhos agrícolas vão ressentir-se da natureza dos seus solos. Também as características climáticas vão condicionar o sucesso de uma agricultura porventura demasiado dependente de factores externos (Pinto, 1996).

No Parque Paleozóico de Valongo que integra parte do vale do Rio Ferreira entre as Serras de Santa Justa e Pias, o clima, a orografia do terreno e a constituição dos solos condicionam, de uma forma notável a distribuição dos seres vivos que povoam a região. Os ventos dominantes de Nordeste, o regime de chuvas típico da região, e a grande humidade do ar durante todo o ano são os factores climáticos mais importantes. Os vales encaixados, as encostas íngremes e os abundantes afloramentos rochosos são os factores orográficos relevantes. A abundância de minas e fojos tem também um papel relevante. A constituição do solo, dominado por componentes xistosas, é fundamental para explicar a composição e distribuição da comunidade vegetal (Santos e Silva, 2001).

Relativamente à **hidrologia**, a **bacia do rio Sousa** incluindo o seu afluente, o **rio Ferreira**, abrange uma **área de 555 km²**. O seu balanço hidrológico caracteriza-se por uma precipitação média anual de 1582 mm, evaporação potencial de 915 mm e um escoamento médio de 821 mm (INAG, 2001). Os afluentes dos rios Sousa e Ferreira são de grande importância em termos de contribuição para a qualidade das suas águas. O **Ribeiro de Fontelhas** ou Ribeiro de São Gonçalo nasce em Quintarei, entre Alfena e Valongo, e era no passado particularmente importante porque nele eram descarregados os efluentes da Companhia Industrial de Fibras Artificiais SARL (CIFA), em Sobrado (Valongo), onde desaguava no rio Ferreira. O **rio Simão** nasce em Valongo e desagua no rio Ferreira, já em área de Rede Natura 2000. Este rio encontrava-se no passado fortemente poluído pelas indústrias e esgotos domésticos, no qual descarregavam os seus afluentes. Actualmente têm sido feitos esforços para a despoluição do rio Simão pela Câmara Municipal de Valongo e pelas Águas de Valongo. A **Ribeira de Fervença**, afluente da margem esquerda do Ferreira, passa pelos lugares da Corredoura e Fervença. Está poluída por pó de ardósia e a sua nascente ocorre junto a antigas minas de ouro. O **Ribeiro de Midões** que desce do lugar com o mesmo nome para Além do Rio, onde desagua na margem direita do rio Ferreira, era bem

conhecido pela sua poluição: as suas águas eram nocivas aos campos agrícolas enquanto as minas de carvão estavam em funcionamento. A **Ribeira de Silveirinhos** nasce em Valongo e desagua no lugar de Belói, no rio Ferreira, junto a um açude ali existente. As suas águas apresentam-se muito férreas, com a tonalidade amarelo-acastanhada característica de escorrência das minas por onde atravessa. O **rio Cavalum** nasce e desagua no concelho de Penafiel, no rio Sousa. São frequentes neste afluente descargas de águas residuais.

O **rio Mezio** nasce em Lustosa, passa em Sousela (Paços de Ferreira) e desagua em Castelões de Cepêda (Paredes), no rio Sousa. Tem sido afectado pela poluição orgânica, ou seja, elevadas concentrações de azoto e fósforo. A **Ribeira de Baltar** tem um comprimento médio de 1800 metros, nasce na Serra do Muro e desagua no Rio Sousa em Cête (Paredes). Tem sentido uma pressão ambiental significativa, devido à exploração intensa dos solos e à construção intensiva, aliada à falta de saneamento. A **Ribeira de Bustelo** tem o seu nascimento para lá do lugar de Oregas, passando por Bustelo, freguesia de Recarei (Paredes), e desagua na margem direita do rio Sousa, próximo do lugar do Alvre. A **Ribeira de Santa Comba** desagua na margem esquerda do Rio Sousa, a meio caminho entre os lugares de Alvre e do Salto, ambos em Aguiar de Sousa. Nasce em Penafiel, depois recebe o **Ribeiro das Banjas**, na sua margem esquerda, um pouco antes da povoação de Santa Comba, freguesia de Sobreira, entrando depois em Aguiar de Sousa, ambas em Paredes. Nas Memórias Paroquiais de 1758, *"tem varias levadas e asudes par delle se tirar agoas para os frutos. (...) Tem bastantes moinhos, e mayor parte delles moem todo o anno. Os povos uzão livremente das suas agoas para a cultura dos campos sem pensão alguma."* (Coelho, 1988). Esta ribeira é ainda designada popularmente como Ribeiro dos Cágados, por antigamente ser muito povoado por tal espécie, que agora muito raramente se vê. Em alguns documentos aparece-nos com o nome de Ribeiro do Couce, como acontece no Minho Pittoresco. A **Ribeira de Fontão**, nasce no Salgueiro (Foz do Sousa, Gondomar), atravessa o lugar de Gens e desagua na Pesqueira, na margem direita do rio Sousa.

As cheias ordinárias do rio Sousa chegam a atingir dois metros acima do nível do rio em estado normal (Oliveira, 1983). Existem algumas zonas críticas onde as cheias provocam interferência com as povoações, a rede viária e as zonas agrícolas. Nessas zonas, pode verificar-se a destruição ou perdas de bens e o desalojamento das populações afectadas, a interrupção das vias de comunicação pelo corte de estradas e caminhos-de-ferro e ainda estragos em plantações agrícolas. Dos aglomerados populacionais expostos a estas situações, destaca-se a zona da foz do Sousa (INAG, 2001). As últimas grandes cheias no rio Sousa aconteceram em 2001.

Relativamente à **paisagem**, o território da Bacia do Sousa integra o mosaico paisagístico do Noroeste de Portugal, combinando aspectos da genética tradicional das paisagens rurais desta região, com a

fragmentação impulsionada pela expansão urbana, suburbana e urbana, associada ao crescimento das actividades transformadoras, comerciais e de serviços. O desenvolvimento dos espaços rurais com habitat disperso, coexistindo com centros urbanos importantes que têm revelado, acentuado crescimento, caracterizados igualmente pelo seu desenvolvimento industrial e mais recentemente alguns deles têm aumentado a sua população em consequência da notória melhoria dos meios de comunicação e transporte à cidade do Porto, resultando numa maior complexidade do modelo de ocupação e organização do território e, conseqüentemente, num mais amplo impacto na alteração das paisagens naturais e rurais. O processo de ocupação urbana e industrial, em toda a região do Vale do Sousa, tem sido em grande medida desordenado, dispersando-se por todo o território, mas privilegiando as localizações junto às linhas de água e vias de comunicação.

Quanto ao **abastecimento de água** no Vale do Sousa, existem três estações de tratamento de águas destinadas a consumo humano (ETAs). São elas as **ETAs de Lordelo** (Paredes) no rio Ferreira, a **ETA de Sarnada** (Aguiar de Sousa, Paredes) no rio Sousa, ambas sob a supervisão das Águas de Paredes, S.A., e a **ETA de Ferreira** (Modelos, Paços de Ferreira) sob a supervisão das Águas de Douro e Paiva, S.A.. Criada em Maio de 1995, por um período de 30 anos, as Águas do Douro e Paiva, SA tem a concessão do Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água à Área Sul do Grande Porto para a captação, tratamento e adução de água aos municípios de Arouca, Castelo de Paiva, Cinfães, Espinho, **Gondomar**, Maia, Matosinhos, Oliveira de Azeméis, Ovar, Porto, Santa Maria da Feira, S.João da Madeira, **Valongo** e Vila Nova de Gaia. Em 1998, esse espaço foi alargado a mais 4 municípios da região do Vale do Sousa: Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira e **Paredes**. Estes municípios, e ainda os de Castelo de Paiva e Cinfães, apresentam vastas áreas rurais com “habitat” disperso, coexistindo com centros urbanos importantes, onde se tem verificado um acentuado crescimento populacional e onde a taxa de atendimento domiciliária é nitidamente inferior à média nacional. Após ter realizado vários estudos sobre a rede de abastecimento de água à zona abrangida por aqueles municípios, a empresa Águas do Douro e Paiva, SA, (AdDP) criou um novo modelo de fornecimento de água à região - o **“Subsistema Vale do Sousa”**, que integra os municípios de Castelo de Paiva, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira e Paredes. A principal origem de água deste complexo é o rio Paiva. Esta origem não é, no entanto, exclusiva pois podem ser utilizadas as águas provenientes de captações localizadas nos rios Ferreira, Ferro e Vizela. A água proveniente do rio Ferreira é tratada na ETA do Ferreira pode ser aduzida apenas ao município de Paços de Ferreira (www.addp.pt). Ao longo de todo o subsistema Vale do Sousa foram instaladas condutas adutoras, construídas e reabilitadas estações elevatórias e reservatórios e um sistema de monitorização, automatização e telegestão. O investimento global nas infra-estruturas do Subsistema Vale do Sousa até à data ascende a 77 milhões de euros, dos quais cerca de 50 milhões foram participados pelo Fundo de Coesão. (www.addp.pt). A Estação de

Tratamento de Água do Ferreira é composta por um conjunto de infra-estruturas anteriormente exploradas pelo município de Paços de Ferreira, depois reabilitadas e ampliadas em 2004 de forma a criar um local de apoio à exploração do Subsistema do Vale do Sousa. A ETA de Ferreira tem uma capacidade de produção de 4500 m³/dia. A água do rio Ferreira é recolhida, filtrada em leitos de areia, encaminhada para poços colectores, elevada para pré-oxidação, seguida de coagulação/floculação e ajuste de pH, decantação lamelar, filtração e desinfecção final com cloro (www.addp.pt).

O Contrato de Concessão do Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água à Área Sul do Grande Porto e Vale do Sousa estabelece a obrigatoriedade da criação de uma origem de água alternativa ao rio Douro (www.addp.pt). A solução mais adequada foi a interligação do sistema do Grande Porto ao sistema vizinho das Águas do Cávado, a **ligação dos subsistemas de Lever e do Vale do Sousa** e a **viabilização de outras origens vizinhas, no rio Sousa**, de forma a permitir o abastecimento à região em caso de emergência por deterioração da água do rio Douro. Desta forma, o rio Sousa é de importância vital para o abastecimento de água a Sul do Douro (www.addp.pt).

A hipótese de se **reactivar a antiga captação da Foz do Sousa** que abastecia a cidade do Porto, orientando-a para o abastecimento do Vale do Sousa, poderia ser equacionada se houvesse garantias de um controlo efectivo da poluição, o que não é o caso. Esta captação apresenta ainda a desvantagem de ter uma localização distante dos principais aglomerados populacionais a abastecer. A construção de uma barragem na linha de água a montante das principais fontes de poluição, de forma a aumentar o caudal a captar é contra-indicada neste rio pela morfologia do vale pouco favorável, intensa ocupação urbana e agrícola do mesmo e deficientes condições de saneamento urbano e industrial.

O município de Paredes abastece a importante zona Noroeste que abrange Lordelo, Rebordosa e Vilela, através de um outro sistema construído em 1991. A captação deste sistema realiza-se nos areais do rio Ferreira, no local da Ribeira e entrou em funcionamento em 1995, captando presentemente um volume de 1035 m³ por ano (Lacerda e Megre, -). De referir ainda que existem várias captações no rio Sousa, sob a supervisão das Águas de Paredes (www.inag.pt). A falta de controlo de qualidade da água de abastecimento adequado conjugada com a ausência em muitos casos de qualquer tratamento faz admitir que os problemas de má qualidade da água distribuída podem ser preocupantes. Por outro lado, diversos factores concorrem para que uma fracção importante da população esteja a ser abastecida por sistemas precários, baseados na utilização de poços, nascente e furos individuais. No Vale do Sousa, o habitat é disperso, o que encarece significativamente a implantação de redes de distribuição de água, tornando acessíveis outras fontes de água.

A monitorização da qualidade da água no rio Sousa tem mostrado **elevados índices de contaminação bacteriológica e orgânica**, com tendência para o agravamento ao longo do tempo, em consequência da **elevada densidade populacional** e da **intensa actividade industrial**. Com efeito, esta bacia é das que

apresenta superiores cargas em azoto, fósforo e carência bioquímica de oxigénio, a que acresce concentrações importantes em metais pesados (INAG, 2001). A rede de pontos de amostragem que caracteriza a qualidade das águas superficiais na Bacia Hidrográfica do Rio Douro inclui as estações de **Souto e Modelos (no rio Ferreira)**, ambas a funcionar desde 1989. Também incluía as estações de Foz do **Sousa e Quintela (no rio Sousa)**, em funcionamento desde 1989 mas desactivadas em 1996. A classificação da qualidade da água para usos múltiplos permite obter informação sobre os usos que potencialmente podem ser considerados na massa de água classificada. No que diz respeito à qualidade da água para usos múltiplos e de acordo com a classificação anual da EPPNA (Equipa de Projecto do Plano Nacional da Água) com base em nove parâmetros, a classificação dos cursos de água na área do Plano do Douro em 1995/96 era **particularmente crítica no rio Sousa, no seu troço final**, e o seu afluente **rio Ferreira, pela elevada concentração bacteriana** (INAG, 2001). As captações de água superficiais em actividade no rio Ferreira (Souto e Modelos) foram classificadas entre 1994/96 como classe do tipo A1, sendo aptas para a produção de água para consumo humano.

Actualmente, as estações de monitorização das águas superficiais em funcionamento são a Foz do Sousa (rio Sousa) e Modelos (rio Ferreira), incluídas na Bacia Hidrográfica do rio Douro. Entre 1995 e 2007, o posto de amostragem de Foz do Sousa (no rio Sousa) tem sido classificado como classe E “Muito Má”, D “Má” ou C “Razoável”, graças às **elevadas concentrações de coliformes totais e fecais, fósforo total, fosfatos, nitratos e carência bioquímica de oxigénio**. Em 2007, a classificação deste ponto de amostragem foi classe C “Razoável”. Entre 1995 e 2007, a estação de Modelos (no rio Ferreira) teve classificações para uso da água do tipo C “Razoável”, D “Má” e E “Muito Má”, devido às elevadas concentrações de coliformes totais e fecais, estreptococos fecais, fósforo total, fosfatos e azoto Kjeldahl. Em 2007, a classificação obtida foi de E “Muito Má” (www.inag.pt).

Para além destas, as estações de Souto, Quintela e Cabeceiras do Sousa podem dar informação histórica sobre a qualidade da água dos rios Sousa e Ferreira. Entre 1995 e 2005, o ponto de amostragem de Souto (rio Ferreira) teve classificações do tipo D “Má” ou C “Razoável” devido às elevadas concentrações de coliformes totais e fecais, **estreptococos fecais, azoto amoniacal, azoto Kjeldahl, fósforo total, fosfatos e mercúrio**. Entre 1996 e 2006, o ponto de amostragem Quintela (rio Sousa) foi classificada como classe D “Má” ou E “Muito Má”, devido às elevadas concentrações de fósforo total, fosfatos e coliformes totais e fecais, enquanto Cabeceiras do Sousa (rio Sousa) esteve classificada entre 2000 e 2006 como classe E “Muito Má” ou C “Razoável” devido aos valores elevados de carência química de oxigénio, sólidos suspensos totais, fósforo total, fosfatos, nitratos, os coliformes totais e fecais (www.inag.pt).

Pode citar-se ainda que no Plano de Bacia Hidrográfica do rio Douro, volume III de 1999, o **rio Ferreira** encontra-se classificado como **“extremamente poluído”**, sendo também neste caso, os parâmetros maiores contribuintes para esta classificação os bacteriológicos, designadamente coliformes totais e

coliformes fecais, o que evidencia a carência existente na região em infraestruturas de saneamento básico (FEUP, 2005).

A poluição na bacia hidrográfica do rio Douro (incluindo as bacias dos rios Sousa e Ferreira), deve-se a descargas de fossas sépticas colectivas (83%), descargas directas (9%) e descargas de ETARs (8%), provenientes de actividades industriais e agrícolas (www.inag.pt). Observam-se disfunções ambientais nos rios Sousa e o rio Ferreira, por excesso de matéria orgânica e carga bacteriana. A presença de unidades industriais na envolvente dos cursos de água da bacia potencia a degradação da qualidade da água e da paisagem, e com usos recreativos, nesse local e a jusante. Adquire particular importância a existência de áreas industriais no Vale do Sousa, assim como a expansão urbana, que coloca diversos problemas ao equilíbrio dos recursos naturais, que se traduzem na artificialização das margens, no aumento dos pontos de conflito com os recursos hídricos, na impermeabilização e contaminação de áreas de recarga de aquíferos, no aumento das dificuldades e dos custos da infraestruturização.

No que diz respeito à descarga e **tratamento das águas residuais**, existem quatro sistemas de tratamento de águas residuais (ETAR's), nos concelhos de Gondomar, Valongo e Paços de Ferreira, localizadas na bacia do rio Ferreira.

A **ETAR do Rio Ferreira** localiza-se a SO de Gondomar na freguesia de S. Pedro da Cova, a cerca de 400 metros de uma ponte, junto da confluência da Ribeira de Parada com o Rio Ferreira. O processo de tratamento inclui tratamento preliminar com gradagem, desarenamento/desengorduramento e tratamento secundário por lamas activadas sistema "Unitank" (para a fase líquida), espessamento gravítico e filtração (para a fase sólida). O efluente líquido depois de tratado é descarregado no rio Ferreira. O terreno na envolvente desta instalação é mais acidentado nas faldas da Serra do Castiçal onde abundam as plantações de eucaliptos novos (*Eucalyptus globulus*) e as matas ripícolas são densas, com predominância de amieiros (*Alnus glutinosa*) de grande envergadura, plantações de choupos-híbridos (*Populus x canadensis*) e salgueiros (*Sambucus nigra*).

A **ETAR de Paredes/Penafiel**, situada junto à Ponte das Coutinhas em Castelões de Cepêda, sob a supervisão das Águas de Paredes S.A., será desactivada entre 2010 e 2011, sendo substituída por uma nova estrutura na freguesia de **Aguiar de Sousa**, logo após o lugar da Senhora do Salto, no rio Sousa. Esta nova ETAR deverá estar pronta em 2009 e será localizada próximo do limite do concelho, a cerca de 1 km a jusante do cruzamento do rio Sousa com a EN 319-2 (km 9) e do Castelo. A nova ETAR ficará ligada à cidade por uma ciclovia com cinco metros de largura, numa extensão de 30 km (www.forumvaledosousa.com).

A **ETAR de Valongo, Campo e Sobrado** está a ser explorada pelas Águas de Valongo, S.A. desde Novembro de 2002. Localizada a nascente das minas de ardósia de Campo e da linha de caminho de

ferro e a jusante da Ponte dos Arcos, na margem direita do rio Ferreira, serve as populações de Valongo, Campo e Sobrado, pertencentes ao concelho de Valongo, bem como algumas indústrias já existentes na sua área de influência e, ainda, as populações das freguesias da Gandra, Rebordosa, Lordelo, Duas Igrejas e Vilela do município de Paredes, constituindo assim a principal unidade de tratamento de águas residuais na bacia do rio Ferreira (FEUP, 2005). Dimensionada para servir uma população equivalente de 46 530 habitantes e tendo como horizonte de projecto o ano 2015, a ETAR tem uma capacidade instalada que lhe permite tratar um caudal de água residual de 12 234 m³/dia, com uma carga mássica de 3 079 kg CBO₅/dia, 9 238 kg de CQO/dia e 5 132 kg de SST/dia (www.veoliaagua.com.pt). O sistema de tratamento é constituído pela gradagem, desarenação, decantação primária, tratamento biológico com arejamento por ar difuso, decantação secundária com recirculação de lamas activadas (fase líquida), elevação e espessamento gravítico das lamas primárias decantadas, elevação e espessamento por flotação das lamas activadas em excesso, homogeneização e armazenamento de lamas activadas, desidratação mecânica das lamas homogeneizadas e estabilização química das lamas desidratadas (fase sólida) (FEUP, 2005). O efluente tratado é rejeitado no rio Ferreira.

A **ETAR de Paços de Ferreira** da responsabilidade da AGS – Águas de Paços de Ferreira localiza-se na zona sul do concelho, na freguesia de Arreigada, na margem esquerda do rio Ferreira. Foi dimensionada para uma população de 48 482 habitantes para um caudal médio diário de 4 552 m³/dia para um horizonte de projecto de 20 anos entre 1989 e 2009, os anos de arranque e final da estrutura. Está preparada para tratar efluente com caudal mássico de CBO de 1 239 kg/dia e SST de 1 271 kg/dia. O esquema de tratamento baseia-se em gradagem manual e mecânica, medição de caudal, desarenamento/desengorduramento, decantação primária, tratamento biológico em sistema de lamas activadas, decantação secundária (fase líquida), elevação das lamas secundárias para recirculação, extracção de lamas em excesso para o decantador primário, elevação de lamas mistas para o digestor primário, digestão anaeróbia, a frio e desidratação de lamas em leitos de secagem (fase sólida) (FEUP, 2005). O efluente tratado é descarregado no rio Ferreira.

As ETAR actualmente existentes, localizadas em Valongo, Paços de Ferreira e Gondomar, já atingiram a sua capacidade limite de tratamento, tanto ao nível hidráulico, como da carga orgânica tratada, pelo que se torna premente a implementação de medidas de melhoria da cobertura de redes de saneamento e reforço/aumento da eficiência de tratamento nas ETAR existentes.

Foi realizado um estudo pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto para uma aplicação preliminar de modelos numéricos de simulação da qualidade da água, com a caracterização fisiográfica da bacia hidrográfica, a realização de estudos hidrológicos, a caracterização das fontes de poluição urbanas e industriais, levantamento de dados topográficos e dados de qualidade da água sumários e o desenvolvimento de uma primeira modelação do escoamento hidrogeológico da **qualidade da água do rio Ferreira – RIFERMAQ (RloFERreiraModeloAQuasim)** (FEUP, 2005). O RIFERMAQ foi aplicado a um

troço principal do Rio Ferreira com 17,6 km onde se incluiu a descarga de águas residuais proveniente da ETAR de Campo e permitiu concluir que a qualidade da água do rio Ferreira pode ser afectada pela descarga final de efluente, mesmo a cumprir os valores limite de emissão, e que existe um risco elevado de contaminação durante a ocorrência de períodos de seca, quando o escoamento natural do rio é reduzido (www.veoliaagua.com.pt).

Os problemas de **poluição resultantes do crescimento desordenado da indústria** e da **carência de infra-estruturas de saneamento básico** fazem-se sentir nos rios Sousa e Ferreira. Admite-se que os principais focos de poluição resultam da indústria, fortemente implantada na bacia do rio Ferreira. Existem diversas indústrias potencialmente danosas para a qualidade da água do rio das quais se incluem fábricas de polimento de móveis, ferragens e serralharias mecânicas, exploração e corte de lousa, assim como indústrias de produtos e construções metálicas. Historicamente, existem alguns marcos importantes relativos à presença de indústrias poluidoras, nomeadamente a fábrica da **CIFA (Companhia Industrial de Fibras Artificiais S.A.R.L.)** que encerrou a actividade em 1983 e a **UNITECA**, tendo esta encerrado a actividade em 1984, consideradas então como as principais origens dos focos de poluição do rio Ferreira. Após o encerramento destas indústrias de grande dimensão, ganharam preponderância outras de menor dimensão, cuja acção se faz sentir de forma directa sobre o rio Ferreira e os seus afluentes.

A deficiente cobertura das redes de saneamento básico e tratamento de efluentes é outra das responsáveis pela poluição nos rios Sousa e Ferreira. É possível estimar que cerca de 60% da população residente em Paredes, Paços de Ferreira e Valongo está servida por redes de drenagem de águas residuais. Constatase assim que ainda é bastante grande a carência em infraestruturas de saneamento básico sendo, também, verificado que a rede existente, tanto ao nível de colectores como de interceptores e emissários é, em muito locais, precária e necessita de reparação ou, mesmo, substituição, afectando significativamente a qualidade do serviço prestado e contribuindo significativamente para a contaminação do solo e principais linhas de água (FEUP, 2005).

É reconhecida a **pressão elevada** que existe sobre os **rios Sousa e Ferreira e os seus afluentes** e tem sido frequentemente divulgados casos de poluição no concelho de Felgueiras mas que acabam por prejudicar os concelhos a jusante, nomeadamente Lousada, Penafiel e Paredes (no rio Sousa). A montante do rio Sousa, uma campanha de incentivos foi lançada pelo município de Felgueiras com isenção do pagamento de taxas de ligação às redes de saneamento básico e água, ao mesmo tempo o aumento das taxas aplicadas aos munícipes que, tendo rede de esgotos e de água nas respectivas áreas de residência, ainda não tenham solicitado a respectiva ligação (www.maraoonline.com).

A poucos quilómetros a jusante da nascente, o rio Sousa apresenta já um nível preocupante de poluição, sobretudo resultante da emissão de águas residuais não tratadas e resíduos resultantes da actividade agrícola e industrial com o conseqüente desaparecimento de espécies piscícolas (a truta, a enguia, a boga e

o escaló). Em Outubro de 2005, o rio Sousa foi alvo de descargas que contaminaram o seu leito de Penafiel até ao lugar de Alvre, na freguesia de Aguiar de Sousa, concelho de Paredes (novasjornal.blogspot.com). Em Fevereiro de 2008, nas zonas de Meinedo, Lousada, e Bustelo (Penafiel) verificaram-se casos de poluição no rio Sousa, denunciados por pescadores (www.jornaltvs.net).

Apesar dos problemas de poluição dos rios Sousa e Ferreira, estes têm conseguido manter a sua qualidade ambiental enquanto ecossistemas aquícolas. As águas do **rio Ferreira** foram classificadas em toda a sua extensão pela Direcção Geral de Florestas como **águas de ciprinídeos**, competência atribuída pelo Decreto-Lei nº 236/98 (transpõe a directiva 78/659/CE de 18 de Julho, relativa à qualidade de águas doces que necessitam de ser protegidas ou melhoradas a fim de estarem aptas à vida da ictiofauna). Neste rio, foram criadas várias **concessões de pesca em Paredes**, entre a Ponte da Igreja, a montante, e a Ponte da Amizade ou Ponte Nova, a jusante, onde as espécies aquícolas que podem ser capturadas são a carpa (*Cyprinus carpio*), a achigã (*Micropterus salmoides*), o barbo (*Barbus bocagei*), a boga (*Chondrostoma polylepis*), o escaló (*Leuciscus carolitertii*), o pimpão (*Carassius auratus*) e a truta-fário (*Salmo trutta*) e em **Paços de Ferreira**, numa extensão de cerca de 1,3 Km, desde a nascente, no lugar de Igreja, a montante, até ao lugar de Pessoa, a jusante, freguesia de Freamunde (www.dgrf.pt). Refira-se também a **Zona de Caça Municipal do rio Sousa** atribuída ao Clube de Caça e Pesca do Rio Sousa, sediado na freguesia de Covelo (Gondomar), para a época venatória 2007/2008 para caça à rola (*Streptopelia turtur*), pombo (*Columba palumbus*), coelho (*Oryctolagus cuniculus*), perdiz (*Alectoris rufa*), tordo (*Turdus philomelos*), galinhola (*Scolopax rusticola*), raposa (*Vulpes vulpes*) e javali (*Sus scrofa*) (www.dgrf.min-agricultura.pt).

Por último, refira-se ainda a importância das **instituições e associações locais** no esforço colectivo de preservação dos rios Sousa e Ferreira. A associação **AARIS – Associação dos Amigos do Rio Sousa** tem uma larga experiência em actividades de sensibilização das populações locais para a defesa e preservação do rio Sousa e seus afluentes (aaris.blogspot.com/), como por exemplo o Percurso Pedestre em Vale do Sousa chamado "Rota do Ouro e da Água" realizado em Setembro de 2006.

Com actividade desde 2004 e sede em Penafiel, a **VALSAQ – Associação do Ambiente e da Qualidade de Vida do Vale do Sousa** tem por objectivo a preservação do ambiente, da qualidade de vida, lazer e prática de desporto e aventura no Vale de Sousa (valsaq.blogspot.com, www.valsaq.org).

Várias **actividades de dinâmica social e ambiental** têm sido realizadas no Vale do Sousa e Ferreira, como por exemplo a realização anual do festival de metal "**Caos Emergente**" em Recarei (Paredes) (www.caos-emergente.com), com campismo gratuito nas margens do rio Sousa, e as **acções de limpeza das margens e leito do rio Ferreira** promovidas pela Câmara Municipal de Valongo, Águas de Valongo

e Lipor, com o objectivo de sensibilizar para a preservação dos recursos hídricos (Câmara Municipal de Valongo, 2006).

A **necessidade da criação de espaços sustentáveis de lazer**, utilizando o potencial dos **vales dos rios Sousa e Ferreira**, tem sido defendida pelas Câmaras Municipais dos concelhos por eles atravessados. A Câmara Municipal de Valongo, no âmbito do projecto Futuro Sustentável – Plano Estratégico de Ambiente do Grande Porto, propôs a implementação de percursos pedonais na Serra de Santa Justa e Pias, a colocação de uma ponte pênsil sobre o Rio Ferreira, a criação de um percurso pedonal de ligação a todas as freguesias do concelho, utilizando sempre que possível os vales dos rios e equipamentos já existentes e a criação de uma ciclovia de ligação a Gondomar atravessando a Serra de Santa Justa, com passagem pelo lugar de Couce a diferentes cotas (www.futurosustentavel.org). Outros exemplos podem acrescentar-se como a recuperação do moinho e arranjos exteriores, convertido em museu, no lugar da Ponte de Novelas, em Penafiel, sobre o rio Sousa e a criação de um **Núcleo Museológico da Panificação** a partir de um antigo moinho recuperado, junto à **Ponte Ferreira** em Campo, resultando num aprazível parque de lazer.

Património Cultural

Na bacia dos rios Sousa e Ferreira, existem diversos valores e bens patrimoniais, com várias tipologias, funcionalidades distintas e derivados de diferentes períodos históricos. Fortemente povoado muito antes da colonização romana, ponto de passagem de suevos, celtas, visigodos e mouros, o Vale do Sousa conheceu um grande desenvolvimento humano, económico e social, desde a alta Idade Média e, sobretudo, depois da Reconquista (Associação dos Municípios do Vale do Sousa, -). A bacia do Rio Sousa, à semelhança do vizinho Vale do Ave, tem idêntica ocupação humana, densa e antiga. Se bem que uma boa parte desta área pertencesse, no período do românico, à diocese de Braga, a sua posição meridional favoreceu as relações com a cidade do Porto, com o curso do rio Douro e com o Sul (www.valedosousa.pt).

Na região do Vale do Sousa e do Ferreira há muito **património** edificado, semelhante à grandeza da história das suas gentes. **Estações arqueológicas**, **castros** proto-históricos, ou povoados romanos, convivem com **castelos**, **mosteiros** e **igrejas dos sécs. XII e XIII**, **fortalezas quinhentistas** e **solares dos sécs. XVII e XVIII** (www.turismo.valedosousa.pt). Sendo uma região fortemente industrial, mantém ainda uma atmosfera rural, produzindo os afamados vinhos verdes. Igrejas, capelas, pelourinhos e casas

solarengas abundam pela região, testemunhando um passado próspero e originário das ricas tradições culturais, etnográficas, folclóricas e gastronómicas. Numerosas **festas e romarias populares** são testemunho da fé e devoção das suas gentes, atraindo muitos visitantes e turistas às diversas freguesias da região do Vale do Sousa.

Os **moinhos e azenhas** distribuídos ao longo do curso dos rios Sousa e Ferreira constituem marcas da história da relação humana com os rios, das suas interações e o modo em como estes rios foram sendo aproveitados, usados e caindo no abandono. Ocorrem também elementos de **património de arqueologia industrial e mineira**, com relevância para os concelhos de Gondomar e Valongo.

O **rio Ferreira** possui no seu percurso, desde a nascente até desaguar no rio Sousa, algumas **pontes** que pela sua história, arquitectura, valor patrimonial e inserção paisagística do meio em que se encontram merecem ser destacadas, nos concelhos de Paredes, Valongo e Gondomar:

A **Ponte da Rua da Igreja (Lordelo, Paredes)** localiza-se na Rua da Igreja, seguindo pela EN602. Atravessando esta ponte, pode encontrar-se a Igreja Paroquial e o cemitério de Lordelo e dali segue-se para Rebordosa. É uma ponte singela, de arco único em pedra, com um gradeamento também em pedra. A montante e a jusante da ponte, estendendo-se pelas margens do rio Ferreira, encontra-se actualmente em construção o **futuro Parque Urbano de Lordelo**, a decorrer com obras de terraplanagem, regularização das margens e do curso do rio. Neste local, existe também uma pequena ponte em pedra e um açude. A vegetação ali existente inclui espécies tipicamente ripícolas como amieiros (*Alnus glutinosa*) e choupos (*Populus nigra*).

A **Ponte das Penhas Altas ou Ponte Romana (Lordelo, Paredes)**, medieval, sobre o rio Ferreira, é constituída por dois arcos redondos, aduelas irregulares mas com arestas concordantes aos alinhamentos das fiadas da abóbada interna (www.cm-paredes.pt, www.monumentos.pt). O tabuleiro, as guardas e o cavalete são de aparelho irregular cujos blocos pétreos não são esquadriados (www.cm-paredes.pt). Junto a esta ponte, existe também um núcleo de moinhos em série mas estes encontram-se já recuperados e explorados por privados.

A **Ponte da Amizade (Lordelo, Paredes)** é uma nova travessia, à cota alta, sobre o rio Ferreira que liga os lugares de Fijô (Rebordosa) e Levadinha (Lordelo), pela EN209. Em Outubro de 2001, devido ao mau tempo que se fazia sentir na região, parte da sua estrutura antiga ruiu. Os arcos de pedra não resistiram à força das águas do rio Ferreira. Face à necessidade de restabelecer esta importante ligação para as populações de Lordelo e Rebordosa, a autarquia construiu a nova Ponte da Amizade, inaugurada em 2003 pela Câmara Municipal de Paredes, como atesta a placa em bronze no tabuleiro da ponte. Reconstruída pelo método de escoramento ao solo, a uma altura média de 15 metros, constitui ainda uma via fundamental de acesso ao IC25 e ao IC28. Está assente em dois pilares de betão, um em cada

margem. O corredor ripícola é insipiente e descontínuo, com muita predominância do eucalipto (*Eucalyptus globulus*) e pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) no estrato arbóreo e mato no estrato arbustivo.

A **Ponte da Balsa (Sobrado, Valongo)** localiza-se na Rua Ponte da Balsa, sobre o rio Ferreira. O seu acesso faz-se por um desvio da EN209, onde o rio percorre um longo cotovelo, dentro da propriedade privada de Marques Sá. Junto ao portão de acesso, pode encontrar-se umas singelas alminhas em azulejo. Ao mesmo proprietário, pertence a fábrica Balsamóvel e a grande quinta agrícola, com extenso vinhedo nas margens do Ferreira. Pelo mesmo acesso, pode encontrar-se a **capela da Balsa**.

A **Ponte e o Aqueduto do Açude (Sobrado, Valongo)** situam-se na Gandara, lugar do Açude, numa estrada a partir do km 19 da EN209 (entroncamento da Rua Nossa Senhora das Necessidades e Rua da Ponte do Açude). Enquadrada em ambiente rural sobre o rio Ferreira, faz parte do caminho velho que de Sobrado se dirige para Lordelo. A data de construção da ponte e aqueduto é desconhecida, mas presume-se que a mesma se situe entre a Idade Média e a Idade Moderna (séc. XVI). É uma ponte de tabuleiro plano com uma largura máxima de cerca de 3,2 m, assente em três arcos de volta perfeita, iguais, em cantaria, com pegões cegos de estribo saliente. A base dos arcos assenta num parapeito nos pegões. Apresenta, a montante, dois talhamares triangulares, baixos, e a jusante dois talhamares rectangulares, baixos, implantados no espaço entre os arcos. O seu pavimento encontra-se lajeado, apresentando ainda, a montante, guardas em cantaria. O espaço do tabuleiro, a jusante, foi acrescido de um caleiro de águas, com cerca de 1,3 m de largura que implicou o alargamento dos arcos, visível no seu aparelho utilizando lajes de menores dimensões. O caleiro, saliente em altura, apresenta um embasamento em aparelho irregular de blocos graníticos com cunhas de xisto, tendo um fundo lajeado e paredes laterais igualmente em lajes graníticas. O aparelho dos paramentos revela os sucessivos arranjos (...). Na margem esquerda, na zona a montante, o alicerce dos pegões encontra-se protegido por um muro de suporte que entesta no respectivo pegão. O gradeamento da ponte é de ferro com corrimão de madeira (www.monumentos.pt). O aqueduto servia para o transporte da água para os campos, sendo o sistema de rega comunitário ampliado com novos canais e engenhos de elevação puxados por parelas de bois (de ferro) permitindo fertilizar as terras mais afastadas do rio, chegando o mesmo terreno a produzir três a quatro culturas por ano (Lusitânia Editores, 1996b). Em 1996, a Ponte do Açude foi alvo de obras de restauro, limpeza da vegetação, consolidação dos talhamares, repavimentação, reposição das guardas laterais e substituição dos postes de iluminação por candeeiros em ferro forjado, a cargo da Câmara Municipal de Valongo. Durante as obras de restauro, foi encontrada uma pedra epigrafada da primeira metade do séc. XIX, a qual corresponderá provavelmente a uma intervenção de restauro efectuada na ponte (www.monumentos.pt). Actualmente, a ponte ainda tem circulação rodoviária de sentido único. Umas pequenas alminhas em azulejo localizam-se junto à ponte. Destaca-se os extensos campos agrícolas com vinha nas margens bordejada com uma galeria ripícola constituída por amieiros (*Alnus glutinosa*), mato abundante e um moinho que serve de casa-habitação.

A **Ponte da Gandra (Sobrado, Valongo)** localiza-se na Rua Dr. Fernando Melo, junto ao **Núcleo Rural da Nossa Senhora das Necessidades**, sobre o rio Ferreira. De arquitectura moderna em betão, foi inaugurada em 2001. A margem esquerda a montante apresenta extensos campos agrícolas com bordadura de matos junto ao rio. A montante e a jusante da ponte, a galeria ripícola é densa, entremeada com pinheiros-bravos (*Pinus pinaster*), eucalipto (*Eucalyptus globulus*) e acácias (*Acacia sp.*)

A **Ponte de Santo André (Sobrado, Valongo)** localiza-se na Rua de Santo André, perto da Igreja Matriz de Sobrado e do Largo do Passal e estende-se sobre as margens do rio Ferreira que aí passa. É uma ponte de cariz românico baixo-medieval, datado dos sécs. XIII-XIV (www.regional-editora.com), com uma estrutura em alvenaria, de triplo arco pétreo. Integra três arcos de volta perfeita suportando um tabuleiro de lombo asinino pouco pronunciado. As respectivas guardas consistem em muretes baixos compostos por compridos blocos, certamente posteriores à restante fábrica. Diz o imaginário popular de Valongo, acerca desta ponte (Câmara Municipal de Valongo, 1993):

*“Ó ponte de Santo André
Ó ponte da solidão
Tens um moinho a teu lado
Está cansado, não moi o pão.*

*É assim que se arranca o linho
É assim que se arranca o pão
É assim que se colhe o vinho
Meu amorzinho do coração.*

*Ó ponte de Santo André
Que foste a primeira
Ó ponte dos namorados
Tão abraçados no Ferreira. (...)
Na ponte de Santo André
Teu nome hei-de gravar
Que é para os namorados ver
E ler quando nela passar.”*

Junto à ponte, encontra-se um moinho abandonado, a jusante do açude. Alguns campos agrícolas com culturas forrageiras e vinha dispõem-se na margem direita do rio.

A **Ponte Ferreira, Alminhas e Casa da Portagem (Campo, Valongo)**, localizam-se no lugar de Além-do-Rio, num local onde foi inaugurado em 2000 o **Parque Municipal de Campo**. É um conjunto

arquitectónico constituído por uma ponte antiga com alminhas e casa da portagem. Esta ponte, medieval (séc. XIV), reconstruída posteriormente, ergue-se sobre o rio Ferreira, integrando-se na via que ligava Porto a Amarante. Num dos lados do tabuleiro, existe a antiga casa de portagem e nas proximidades o nicho das alminhas, datado do séc. XVII. A Ponte de Ferreira é um dos marcos históricos de Campo. Esta ponte foi o palco onde se desenrolaram as hostilidades travadas entre D. Pedro IV e o seu irmão D. Miguel, em de 23 Julho de 1832, na batalha que tomando-lhe o nome ficou conhecida, como **Batalha da Ponte de Ferreira**. Nesse local se debateram os dois exércitos, para a travessia do rio (www.regional-editora.com). Na sequência da batalha, construíram-se junto à ponte as alminhas em honra dos que então ali morreram (www.monumentos.pt). A Ponte de Ferreira, construída em granito e betão, é constituída por uma ponte de tabuleiro plano sobre 3 arcos iguais, apontados, separados por talhamares triangulares e com guardas de cantaria. Em 1994, a Câmara Municipal de Valongo removeu a vegetação e argamassas que ocultavam parte da estrutura e realizou trabalhos de consolidação, reconstrução do tabuleiro em saibro e grauváquio, realinhamento das guardas, afastamento da ponte dos postes de iluminação; limpeza das alminhas e restauro da antiga casa de portagem. Durante as obras de conservação, detectou-se uma pedra com sigla cruciforme, dois fragmentos de uma mesma mó, alguma cerâmica vidrada relativamente recente e uma moeda de cronologia pós-medieval. Visto que a pintura do retábulo das alminhas havia desaparecido completamente, durante o seu restauro, realizou-se uma nova pintura com base nos testemunhos dos habitantes locais, com o tema de Nossa Senhora do Carmo rodeada de anjos, o fogo e almas do purgatório (www.monumentos.pt), em memória das vítimas da batalha entre liberais e miguelistas. Nas proximidades da ponte, existe um açude e uma azenha, tendo esta sido recuperada e convertida no **Núcleo Museológico de Panificação**, inaugurado em 2005. A jusante da ponte antiga, situa-se a ponte nova por onde segue a estrada actual.

A rua da Terrafeita constitui uma passagem que inclui uma pequena ponte sobre o rio Ferreira, ligando a rua Padre António Vieira à Rua Central do Campo, passando sob a A4, que provoca um forte impacto visual e sonoro. Junto à ponte, a estrada é constituída por um caminho em terra batida no meio de um choupal. O trânsito é unicamente pedonal, estando a ponte um pouco degradada e não possuindo protecção lateral. Junto encontra-se uma pequena construção em betão, que descaracteriza o local. Neste local, o rio Ferreira apresenta uma galeria ripícola com bastante relevância, constituída principalmente por espécies de porte arbóreo, como choupos (*Populus sp.*) e amieiros (*Alnus glutinosa*). A água possui um aspecto límpido e inodoro, não se observando muitos detritos.

A **Ponte S. Martinho dos Beirais (Campo, Valongo)** localiza-se no centro da freguesia, em plena EN15, junto à Igreja Matriz de S. Martinho de Campo e ao cemitério. É uma ponte em betão armado, sobre a estrada nacional, de arco único, em tabuleiro betuminoso, reparada em 1939 como descreve uma pedra de granito no tabuleiro da ponte. A montante e jusante da ponte, o rio atravessa dois pequenos açudes numa área densamente construída com habitações e instalações industriais sobre a margem direita. A

galeria ripícola é composta por alguns amieiros e choupos na bordadura de ambas as margens e campos agrícolas em actividade. É visível a presença de caixas e condutas de saneamento básico e a deposição de lixos, numa plataforma à cota baixa.

A **Ponte de Luriz (Campo, Valongo)** também designada por **Ponte da Morte**, localiza-se no entroncamento da Rua dos Moirais com a Rua e Travessa de Luriz, numa zona rural e isolada, sobre o rio Ferreira, caracterizada por campos de cultivo, vinhas e arvoredos e também algumas habitações de reduzidas dimensões. "*Crê-se que, na mesma época da doação do Couto de Luriz (1140) aos Bispos do Porto, os mesmos Bispos mandassem fazer a tal ponte para utilidade pública e lançassem contribuição, a que dava o nome de "S. Joaneira", por ser paga por ocasião das festas de S. João*" (Lusitânia Editores, 1996a). É uma ponte medieval, possivelmente de origem romana (reconstruída) e muito semelhante em construção à Ponte de Ferreira. De acesso pedonal e automóvel (com excepção de veículos pesados), esta ponte apresenta pavimento em cubo de granito e protecção lateral em granito. Dos lados, existem umas escadas que levam à parte debaixo da ponte. É uma ponte de granito de tabuleiro em cavalete assente em três arcos desiguais, dois de volta perfeita e o central ogival. A montante, existe um talhamar triangular visível entre dois arcos. As guardas em granito estão apoiadas no tabuleiro com juntas largas argamassadas. É visível no arco mais pequeno de volta perfeita silhares almofadados e adossada à ponte do lado Oeste, existe uma escada de um único lanço permite o acesso à margem do rio (www.monumentos.pt). Em 1987, dado o mau estado de conservação da ponte, foi deliberada pela Câmara Municipal de Valongo a sua reconstrução, tendo sido iniciada já nos anos 90. Na envolvente, existem campos agrícolas, cultivados com prados de erva-azevém, hortaliças e com ramadas de vinha divididas por lajes de xisto, e áreas com vegetação ripícola, constituída por choupos e amieiros. A montante, um pequeno açude estreita o curso das águas do rio, parcialmente coberto por vegetação herbácea. É visível a deposição de detritos que correm pelo rio e de uma pequena linha de água que ali desagua na margem esquerda, ficando presos na vegetação ribeirinha, predominantemente silvas e herbáceas. O impacto visual negativo resulta também das habitações construídas junto a esta linha de água. No rio, observam-se pequenos peixes e insectos flutuantes. Actualmente, a ponte mantém circulação rodoviária e pedonal, de onde se vislumbra a **Igreja Matriz de S. Martinho do Campo**.

A **Ponte e Aqueduto dos Arcos (Campo, Valongo)** é um conjunto arquitectónico que se localiza entre a Rua da Arrifana, a Rua do Alto do Moinho e a Rua Padre Américo, ligando as duas margens do rio Ferreira, a jusante do viaduto da linha férrea, no caminho das louseiras. O aqueduto era uma estrutura destinada a conduzir água de consortes (Lusitânia Editores, 1996a). O aqueduto é formado por quatro arcos, sendo uma passagem estritamente pedonal, com corrimão em metal. Em 2004, após solicitação da Câmara Municipal de Valongo, foi realizada uma visita técnica para monitorização do estado de conservação do Aqueduto dos Arcos, realizado pelo Instituto da Construção da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (ncrep.fe.up.pt). Entre a Ponte e o aqueduto dos Arcos, existe um espaço com

pavimento de granito e placas de lousa no local onde contacta com o rio. Existem várias habitações construídas junto a esta estrutura, de onde se podem observar descargas de efluentes para a linha de água. No rio, mais acima, encontra-se uma represa. A galeria ripícola é inexistente, estando as parcelas agrícolas localizadas até à margem, podendo observar-se ainda vestígios da colheita de milho, muitas hortícolas, árvores de fruto e prados de inverno para alimentação dos animais. Em alguns locais da margem, bastante assoreados, foram invadidos por silvas (*Rubus ulmifolius*) e heras (*Hedera helix*).

A **Ponte da Milhária (Campo, Valongo)**, metálica e ferroviária, atravessa o rio Ferreira, fazendo a ligação do lugar de Carvoeira, junto às minas de ardósia aos lugares de Vinhas e Fervença. Foi recentemente reconstruída e alargada. Milhária é o nome tomado dum marco miliário que ali houve, colocado na estrada romana de segunda ordem e que seguindo a encosta Nordeste da serra do Raio até Aguiar de Sousa servia de meio de comunicação de transporte para o rio Douro dos minerais e outros produtos que haviam de ser levados à capital do Império Romano (Silva *et al.*, 2001).

A **Ponte de Couce (Campo, Valongo)**, sobre o rio Ferreira, junto à aldeia com o mesmo nome, data do séc. XVII, encontrando-se, actualmente, em estado de degradação, com um tabuleiro em betão armado. O acesso a esta faz-se directamente da aldeia por uma estrada em terra batida, junto a um carvalhal, ou pelo novo acesso construído desde o estradão principal que segue para as Fragas do Diabo. Entre Couce e a ponte, existem acácias-mimosas (*Acacia dealbata*), salgueiros-negros (*Salix atrocinerea*), bastantes sobreiros (*Quercus suber*), muitos carvalhos (*Quercus robur*), amieiros (*Alnus glutinosa*), choupos (*Populus sp.*) e freixos (*Fraxinus angustifolia*). Nas serranias, predomina o pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) e o eucalipto (*Eucalyptus globulus*) e alguns sobreiros (*Quercus suber*), este último em extensas plantações sob exploração silvícola, com algum mato rasteiro ou arbustivo, como a giesta-branca (*Cytisus multiflorus*) e o tojo (*Ulex europaeus*). A estrada que segue das Fragas do Diabo para São Pedro da Cova é marginada por feto-do-monte (*Pteridium aquilinum*), especialmente nas zonas de aluvião junto ao rio, usadas aqui e além como depósitos de lixo e pedra. O rosmaninho em flor (*Lavandula pedunculata*) domina em larga extensão nos montes.

A **Ponte de Nossa Senhora das Mercês ou Ponte de Beloi (São Pedro da Cova, Gondomar)**, localiza-se na Rua da Ponte de Nossa Senhora das Mercês, ligando os lugares da Mó e Congostas a Carvalhal, Pedrogo e Beloi, em frente à Igreja da mesma santa padroeira. A jusante da ponte, existem campos cultivados, onde desagua um pequeno riacho na margem esquerda. A montante cerca de 100 metros, localiza-se uma outra ponte que liga a Rua de Beloi à Rua do Ramalho, construída em pedra e com três arcos de volta perfeita, atravessa o rio junto a um moinho abandonado na margem esquerda, encoberto pelo mato denso. Existe ainda uma levada que conduzia as águas do Ferreira ao moinho. A montante da levada cerca de 100 metros, localiza-se um pequeno açude, com acesso pela Rua do Ramalho, assoreado por troncos de árvores de grandes dimensões. Sobre este açude, na margem direita, desagua a Ribeira de Silveirinhos, com águas de cor amarelo-avermelhada, indicativa de elevadas concentrações

de óxidos de ferro provenientes de escorrências das minas de S. Pedro da Cova. Entre as duas pontes, o rio apresenta várias ínsuas com vegetação herbácea abundante. Predominam no estrato arbóreo sabugueiro (*Sambucus nigra*), amieiro (*Alnus glutinosa*), junco (*Typha latifolia*) e plátanos (*Platanus orientalis* var. *acerifolia*) na margem direita.

A **Ponte de Santa Helena (Foz do Sousa, Gondomar)**, também chamada **Ponte de Ferreirinha**, sobre o rio Ferreira, localiza-se na Rua de Santa Helena, no lugar de Ferreirinha. No pilar da margem esquerda da ponte, existe uma lápide com a data de 1982. Em ambos os pilares da ponte, estão as seguintes quadras inscritas em placa de xisto da autoria de F. Costa:

*“Rio Ferreira ao passar
Faz amor com Ferreirinha,
E a gente deste lugar
Com ternura os acarinha.”*

*“Ferreirinha uma princesa
Pelo Ferreira beijada
É singela tem nobreza
É uma fada encantada”*

Na margem direita, junto ao pilar da ponte, existem umas alminhas em abrigo de pedra e vidro, com gradeamento bem preservado, de arranjo paisagístico recente e perfeitamente enquadrado na paisagem, com a imagem de Santa Helena e da cruz de Cristo na sua mão direita, ambas em pedra. Santa Helena é invocada contra os trovões e o fogo e é a padroeira dos pintores. Junto a esta ponte, podem encontrar-se amieiros (*Alnus glutinosa*), salgueiros (*Salix atrocinerea*), muitas figueiras (*Ficus carica*), choupos-híbridos (*Populus x canadensis*), oliveiras (*Olea europea*) plantadas em micro-clima e alguns castanheiros (*Castanea sativa*).

A **Ponte de Travassos (Foz do Sousa, Gondomar)**, é a última travessia entre as margens do rio Ferreira, a poucos metros das suas águas desaguiarem no rio Sousa. O nome deriva do latim *“trabs, trabalium”* que significa traves. Primitivamente, neste local existia uma ponte com traves em madeira. Actualmente, no local de confluência do rio Ferreira e do rio Sousa, existem duas pontes, uma antiga em pedra, à cota baixa, assente em 4 pilares, talvez de origem romana, apenas para circulação pedonal a partir da margem, pela Rua de Travassos. A outra ponte, de construção moderna, à cota alta, liga a Rua das Águas à estrada em direcção a Ferreirinha. No tabuleiro da ponte, uma inscrição a letras douradas em pedra de xisto, da autoria de F. Costa, a lembrar os tempos em que as águas do Sousa e Ferreira abasteciam a cidade do Porto:

*“Em lembranças me vou dando
Ao Sousa mas com saudade
Outro tempo quando
Dávamos água à cidade”*

*“Por entre os sonhos e mágoas
Vai o Ferreira a correr
Deixem passar suas águas
O Sousa as quer receber”*

Existem actividades de movimentação de areias não licenciadas numa das margens do rio Ferreira, a pouca distância da ponte de Travassos (Jornal de Notícias de 25 Maio de 2007). Nas margens à cota baixa, denota-se a presença de vegetação e lixo a assorear a passagem da água a montante da ponte antiga e depósitos de resíduos de construção civil. Aqui são abundantes exemplares de salgueiro (*Salix atrocinerea*), amieiro (*Alnus glutinosa*) e freixo (*Fraxis angustifolia*). Seguindo pela rua de Travassos, em caminhos de servidão dos campos agrícolas na margem direita, encontra-se uma extensa galeria ripícola que acompanha o caminho entre Travassos e Gens, marginal ao rio Sousa e ao seu afluente, a Ribeira de Travassos. Esta galeria ripícola inclui choupos-híbridos (*Populus x canadensis*), sabugueiros (*Salix sp.*), freixos (*Fraxis angustifolia*), acácias-mimosas (*Acacia dealbata*), castanheiros (*Castanea sativa*) e carvalhos em abundância (*Quercus robur*), uns jovens, outros bem desenvolvidos. Esta galeria ripícola é acompanhada por giesta-branca (*Cytisus multiflorus*) e fetos-do-monte (*Pteridium aquilinum*), junto aos muros de xisto.

O **rio Sousa** possui no seu percurso, desde a nascente em Felgueiras até desaguar no rio Douro, **pontes** com história, arquitectura, valor patrimonial e inserção paisagística do meio que merecem algum destaque, nos concelhos de Paredes, Valongo e Gondomar:

A **Ponte de Cepêda (Castelões de Cepêda, Paredes)**, sobre o rio Sousa, localiza-se na Rua de Cepêda, junto à Casa de Cepêda, no lugar de S. José. Está enquadrada numa zona urbana, isolado, no centro da povoação, integrada no caminho velho denominado "Estrada Real", no troço compreendido entre Paredes e Penafiel (www.monumentos.pt). A ponte, de origem medieval, é constituída por um só arco de aduelas de cantaria estreitas e alongadas que se dispõem em alinhamentos regulares e muito bem esquadriados (www.cm-paredes.pt). O tabuleiro em cavalete é pouco pronunciado, com uma largura máxima de cerca de 3,4m, assente num único arco de volta perfeita, em cantaria (www.monumentos.pt, www.cm-paredes.pt) que a jusante, no seu primeiro terço, se apresenta mais saliente que o restante paramento.

Apresenta pegões cegos de estribo saliente, estando o alicerce destes assente em encaixes em um sistema de encaixe tipo "macho-fêmea" cavados no afloramento. O seu pavimento encontra-se lajeado, registando-se ainda guardas em cantaria. O aparelho dos paramentos revela os sucessivos arranjos, particularmente nas fiadas superiores, sendo, no geral, em aparelho regular, com algumas fiadas pseudo-isódomas, embora estas se registem exclusivamente nas fiadas inferiores. Na margem esquerda, na zona a montante, o alicerce dos pegões encontra-se protegido por um muro de suporte que entesta no respectivo pegão (www.monumentos.pt). À entrada da ponte, na margem esquerda, a montante, encontra-se um "banco" encaixado entre as guardas, talhado num silhar granítico para cobranças de portagens (www.cm-paredes.pt, www.monumentos.pt). Ao longo dos tempos, a ponte de Cepêda foi sofrendo reconstruções, mantendo, contudo, o interesse patrimonial.

A **Ponte da Casconha (Sobreira, Paredes)**, de traça medieval, situa-se na Casconha, lugar da Devesa, a partir do km35 da EN319, na Rua Central da Devesa, enquadrada em ambiente rural, isolado sobre o rio Sousa. Integrava-se no caminho medieval que do Porto se dirigia para Entre-os-Rios (www.cm-paredes.pt). É uma ponte de tabuleiro plano, assente em quatro arcos quebrados e de volta perfeita, desiguais, em cantaria, com pegões cegos. Os arcos centrais são quebrados e desiguais, sendo o arco que se encontra mais próximo da margem esquerda aquele que apresenta uma maior amplitude na sua abertura e uma quebra mais acentuada, enquanto que os arcos que se encontram junto às margens são de volta perfeita, de menores dimensões e iguais entre si. Apresenta três talhamares triangulares, baixos, de remate piramidal, a montante e a jusante, implantados no espaço entre arcos. O seu piso encontra-se muito alterado, sendo actualmente constituído por uma camada de betuminoso. Os resguardos laterais do tabuleiro são constituídos por uma armação em tubo de ferro. O aparelho dos paramentos revela os sucessivos arranjos, particularmente nas fiadas superiores em que se encontra construído com blocos de menores dimensões, sendo, no geral, constituídos por um aparelho regular de silhares graníticos, com algumas fiadas pseudo-isódomas (www.ippar.pt). Na entrada da ponte, na margem direita, a jusante, encontra-se um nicho com alminhas (www.monumentos.pt). Foi construída na Idade Média e restaurada na Idade Moderna. Revela ainda sucessivos arranjos, designadamente obras de alargamento do tabuleiro, colocação de resguardo metálico e pavimentação em betuminoso, da responsabilidade da Câmara Municipal de Paredes, efectuadas em 1991 (www.cm-paredes.pt). Actualmente, a ponte ainda tem circulação rodoviária. Junto a esta ponte, pode encontrar-se nas margens choupos-híbridos (*Populus x canadensis*), salgueiro-chorão (*Salix babilonica*), freixo (*Fraxinus angustifolia*) e castanheiro (*Castanea sativa*) e ailanto (*Ailanthus altissima*).

A **Ponte da Devesa (Sobreira, Paredes)**, de construção moderna, situa-se na Rua Central da Devesa. A margem direita, a montante, encontra-se cultivada com uma galeria ripícola insipiente e mal estruturada. A jusante ambas as margens apresentam uma galeria ripícola mais consistente, com as encostas em regeneração natural pós-fogo. Salienta-se a presença de choupo-branco (*Populus alba*), bordo-negundo

(*Acer negundo*), salgueiro-preto (*Salix atrocinerea*), medronheiro (*Arbutus unedo*) e funcho (*Foeniculum vulgare*). De referir a existência de lontra (*Lutra lutra*) neste troço do rio. Na margem esquerda, é possível encontrar o desvio para o **Parque de Merendas de Sobreira**, com indicação em placard informativo.

A **Ponte de Além-do-Rio** ou **Ponte do Cabouco (Recarei, Paredes)**, de construção moderna com tabuleiro assente em dois pilares com talhamares de cimento e betão, localiza-se no lugar de Além-do-Rio, num desvio da EN319-2. Aqui é possível observar-se ocasionalmente patos-bravos (*Anas platyrhynchos*) deslizando suavemente pelas águas calmas, a montante do açude. Os terrenos em ambas as margens encontram-se cultivados. Refira-se de especial importância três moinhos a jusante, dois na margem direita e um na margem esquerda, que se encontram abandonados e entre eles, um açude. Interessante notar aqui uma placa indicativa da Junta de Freguesia de Recarei a assinalar ali a passagem do rio Sousa, sensibilizando para a sua preservação. Junto a esta ponte, podem encontrar-se nas margens a montante choupos-híbridos (*Populus x canadensis*), amieiros (*Alnus glutinosa*), plátanos (*Platanus orientalis* var. *acerifolia*), freixos (*Fraxinus angustifolia*), salgueiros (*Salix atrocinerea*), figueira (*Ficus carica*) e videira (*Vitis vinifera*) junto aos moinhos. Pode também encontrar-se heras (*Hedera helix*) nos moinhos e funcho (*Foeniculum vulgare*).

A **Ponte de Santa Comba** ou **Ponte do Alvre (Aguiar de Sousa, Paredes)**, de origem provavelmente medieval, está situada no lugar do Alvre sobre o rio Sousa, mais propriamente na Rua Central do Alvre, servindo os lugares de Alvre, Valdeira, Santa Comba e ligando às Banjas. Encontra-se próximo da Igreja de Santa Marta, em Alvre. Para montante, existe um pequeno açude com vestígios de azenhas ou moinhos em ambas as margens que se encontram envoltas em mato denso. Para jusante desenvolvem-se, em ambos os lados, campos de milho. Na direcção do centro de Alvre, junto à estrada, existem umas alminhas revestidas a azulejo industrial recente. É uma ponte de xisto de planta em S, com tabuleiro plano assente em quatro arcos em granito. Dos três arcos de largura igual, um deles é ligeiramente apontado e dois são de volta perfeita. O quarto arco na margem esquerda, de reduzida dimensão, é de volta perfeita. A montante, existem três talhamares triangulares entre os arcos. O pavimento apresenta-se ligeiramente balançado em betão e revestido a asfalto. A jusante, existem dois pilares de betão adossados de cada lado do arco de menor vão e as guardas com pilaretes de betão estão unidos por tubos metálicos. Nos anos 80, a Ponte do Alvre foi alvo de obras de alargamento do tabuleiro da ponte, reforço dos talhamares e colocação de guarda com tubulares metálicos e pilaretes de betão (www.monumentos.pt). Actualmente, a ponte é utilizada para circulação rodoviária e pedonal. Junto a esta ponte podem-se encontrar-se matos densos e muitos salgueiros (*Sambucus nigra*), lírios-de-água (*Iris pseudocorus*), erva-ciática (*Ranunculus repens*), corriola (*Convolvulus arvensis*) e um bosque de pinheiro-manso (*Pinus pinea*) numa das margens a jusante.

A **Ponte do Salto (Aguiar de Sousa, Paredes)**, de origem romana, situa-se no lugar do Salto sobre o rio Sousa. Construída em pedra e cimento, dá acesso à **capela** de invocação da **Senhora do Salto**. Desta

ponte, a jusante, avista-se um conjunto de casas e moinhos em xisto, de construção tradicional, as **marmitas de gigante** e a **Boca do Inferno**. A montante, observam-se algumas construções mais recentes, desenquadradas na paisagem natural, com café e restaurante. A vegetação predominante inclui as acácias-mimosa (*Acacia dealbata*), muitos amieiros (*Alnus glutinosa*), salgueiros (*Sambucus nigra*), freixo (*Fraxinus angustifolia*), eucalipto (*Eucalyptus globulus*), acácia-austrália (*Acacia melanoxylon*), pilriteiro (*Crataegus monogyna*), tílias (*Tilia vulgaris*), várias árvores de fruto e muitas oliveiras (*Olea europaea*) em redor da capela. Junto aos moinhos, podem encontrar-se freixos e videiras (*Vitis vinifera*). A giesta-branca (*Cytisus multiflorus*) é a vegetação arbustiva mais representativa nas encostas. O embude (*Oenanthe crocata*) e o ailanto (*Ailanthus altissima*) são frequentes junto às margens do rio.

A Ponte do Castelo ou de Aguiar (Aguiar de Sousa, Paredes) localiza-se junto à base da elevação, onde se situam os vestígios do Castelo de Aguiar de Sousa, na Avenida do Castelo. A ponte serve de passagem entre os lugares de Aguiar para Senande, Sarnada e Brandião e nela pode observar-se o canhão formado pelas escarpas de xisto entre a Senhora do Salto e o Castelo de Aguiar, cobertas maioritariamente por acácias. Pela Travessa da Vila, um caminho na margem direita do rio Sousa, acede-se a um conjunto de dois moinhos, de propriedade privada e ainda em funcionamento, com caminho pedonal que termina abruptamente em escarpa xistenta. Aqui existem anexos de uma esplanada improvisada, sobranceira ao rio, de acesso privado, junto aos moinhos e do açude. Defronte a este caminho, pode observar-se uma mini-hídrica em funcionamento. A vegetação arbórea predominante inclui as acácias (*Acacia spp.*), choupos (*Populus spp.*), freixos (*Fraxinus angustifolia*), salgueiro-negro (*Salix atrocinerea*), vimieiro (*Salix spp.*) e das arbustivas e herbáceas, incluem-se a gilbardeira (*Ruscus aculeatus*), urtigas (*Urtica spp.*), erva-da-fortuna (*Tradescantia fluminensis*), dedaleira (*Digitalis purpurea*), erva-de-São-Roberto (*Geranium robertianum*), fetudo-monte (*Foeniculum vulgare*), falsa-acácia (*Robinia pseudoacacia*), malmequer-amarelo (*Coleostephus mycoris*), fentilha (*Dryopteris affinis*), leituga (*Hypochoeris radicata*) e várias gramíneas.

A Ponte da Rua das Conchadas (Covelo, Gondomar) localiza-se na rua das Conchadas sobre o rio Sousa, junto das minas de Monte Alto (na margem direita) e do Parque de Merendas de Covelo (na margem esquerda). A importância desta ponte encontra-se na sua envolvente, porque a sua arquitectura em betão é simples e moderna. A montante da ponte localiza-se o parque de merendas na margem esquerda, um espaço verde recentemente constituído, bem infra-estruturado, que serve actualmente como local de lazer e convívio. Igualmente a montante, na margem direita, restam devolutas as instalações das minas. A jusante da ponte, encontra-se um moinho, ainda bem conservado, aparentemente em funcionamento e com acesso privado. Junto ao moinho, existe um açude e uma grande ínsua no meio do rio. O acesso a jusante da ponte faz-se através de uma estrada que desce em direcção ao rio, na margem esquerda e que poderá servir para banhos no rio. São abundantes a bétula (*Betula alba*), salgueiro (*Salix atrocinerea*), choupo-negro (*Populus nigra*), plátano (*Platanus orientalis var.*

acerifolia), ácer (*Acer pseudoplatanus*), catalpa-comum (*Catalpa bignonioides*), oliveira (*Olea europaea*), bordo-negundo (*Acer negundo*), tília (*Tilia vulgaris*), faia (*Fagus sylvatica*), salgueiro-chorão (*Salix babilonica*), amieiro (*Alnus glutinosa*), sobreiro (*Quercus suber*), carvalho-americano (*Quercus rubra*) e ailanto (*Ailanthus altissima*), sobretudo junto ao Parque de Merendas.

A **Nova Ponte da Sousa e Ponte da Ribeira (Foz do Sousa, Gondomar)** são duas pontes, ambas localizadas no lugar da Ribeira, servindo de ligação do centro da freguesia ao lugar de Jancido, com acesso pela rotunda em frente ao Centro de Saúde de Foz do Sousa. A primeira ponte, mais antiga, em betão, assenta em três pilares, encontra-se desactivada e destina-se à circulação pedonal. Foi construída há mais de 50 anos. Na altura, tomou o lugar de um velho atravessamento em madeira. A ponte agora desactivada será transformada em travessia pedonal, estudando-se a hipótese de colocar canteiros e bancos para torná-la mais aprazível não sendo demolida, segundo intenção da Câmara Municipal de Gondomar, porque tem acopladas diversas estruturas, como as ligações de electricidade, de telefone e condutas de água (www.portalgondomar.com). Devido ao crescente tráfego na ponte antiga e às deficiências apresentadas na sua estrutura, foi construída e inaugurada em 2007 uma nova ponte em betão, adjacente à antiga travessia, assente em quatro pilares sobre as margens, destinada à circulação rodoviária e pedonal. Esta travessia está a uma cota mais elevada do que a do anterior tabuleiro, de forma a prevenir possíveis inutilizações em épocas de cheias, como as verificadas na altura da queda da ponte de Entre-os-Rios (2001). Os acessos à ponte nova ainda estão em obras, no sentido Jancido-Foz do Sousa. Atravessando o rio Sousa em direcção a Jancido e Compostela, pela Rua da Ponte e seguindo pela Rua da Nossa Senhora da Aparecida, encontra-se um pavilhão gimnodesportivo a alguns metros de distância. A Rua da Ponte segue depois para o lugar da Nossa Senhora da Aparecida, após alguns quilómetros, onde se encontra aqui uma capela sem grande relevância arquitectónica. Na envolvência desta ponte podem encontrar-se castanheiros (*Castanea sativa*), salgueiros (*Salix spp.*), choupos (*Populus spp.*), salgueiros-chorão (*Salix babilonica*) na galeria ripícola, ácer-bastardo (*Acer pseudoplatanus*) a margem da Rua das Águas, bordo (*Acer negundo*) nas bordaduras dos campos agrícolas, com sementeiras de milho na margem direita. Na Rua das Águas, existem também amieiros (*Alnus glutinosa*) e sabugueiros (*Sambucus nigra*).

A **Ponte da Foz do Sousa (Foz do Sousa, Gondomar)** projectada pelo Eng. Edgar Cardoso localiza-se ao km 9,5 da EN108, aqui denominada Avenida do Clube dos Caçadores, junto ao Restaurante Estrelas do Douro. Construída em betão e em arco, serviu de projecto para a Ponte da Arrábida, junto à foz do rio Douro, tendo servido de ensaio à construção desta última. Na margem direita, junto ao tabuleiro da ponte, uma inscrição sobre placa de xisto, descreve em verso da autoria de F. Costa o local da foz do Sousa, onde se juntam as suas águas ao Douro:

"Sob a aliança da ponte

O Sousa se une ao Douro

Espelhados por céu e monte

Levam ao mar seu tesouro”

Esta ponte integra o **circuito da marginal**, um dos roteiros turísticos do concelho de Gondomar (www.cm-gondomar.pt). A montante da ponte, o Sousa apresenta grande caudal de águas, observando-se na margem esquerda, a vegetação ripícola densa e sem acesso. Nesta margem, abundam a acácia-austrália (*Acacia melanoxylon*) e a acácia-mimosa (*Acacia dealbata*), com poucos exemplares de sobreiros (*Quercus suber*), freixos (*Fraxus angustifolia*) e carvalho-alvarinho (*Quercus robur*). Sobre a margem esquerda e com a extensão de alguns metros até à foz, existe uma canalização abandonada em ferro. Na margem direita, predomina a actividade agrícola em pequenas parcelas de terrenos, sobretudo com a plantação de hortícolas, bordeando junto ao rio alguns exemplares de sabugueiro (*Sambucus nigra*) e freixo (*Fraxus angustifolia*) de porte arbóreo, figueira (*Ficus carica*), nespereira (*Eriobotrya japonica*) e citrinos junto à conduta elevada sobre o rio que transporta as águas da captação de Zebreiros para abastecer a cidade do Porto. A jusante, a foz do Sousa tem um pequeno areal na margem direita, com acesso pela Rua da Praia, onde acostam alguns barcos de pesca (Praia do Esteiro do Sousa).

Nos rios Sousa e Ferreira, em todo o seu percurso, existem **levadas** que fazem derivar água para rega e **moinhos ou azenhas** para moer cereais, azeite e linho. As azenhas são moinhos de roda vertical, tocada pela água, introduzidos na Península Ibérica pelos árabes ao passo que o moinho de roda horizontal, turbina primitiva, é dos romanos. A progressiva desafectação dos moinhos tem vindo a provocar também o abandono e a deterioração das levadas, como é o caso da de Alvre (no rio Sousa), cuja função era levar a água aos moinhos e à rega dos campos. As levadas são ainda aproveitadas para, no verão, as pessoas se banharem e aí passarem as tardes de domingos ou feriados (Coelho, 1988). Muitos moinhos podem ainda ser encontrados nos rios Sousa e Ferreira; no entanto, encontram-se devolutos e em avançado estado de degradação na sua larga maioria. Ainda se podem encontrar moinhos em funcionamento junto à confluência do rio Simão com o rio Ferreira, no Alto do Castelo (Campo, Valongo). Existem alguns em ruínas na zona da Queiva. O moinho de Ponte de Ferreira foi recentemente recuperado. Nas Penhas Altas (Paredes), a série de moinhos em cascata foram recuperados e estão sob utilização. Constata-se a existência ao longo dos rios Sousa e Ferreira, de inúmeros **açudes**, sobretudo utilizados com fins agrícolas, bem como desvios para pequenos moinhos. Em Couce e Ponte Ferreira no rio Ferreira, as populações locais costumam usufruir das águas do rio para banhos, especialmente no Verão, embora não existam infraestruturas ou sinalética adequadas para as considerar como verdadeiras praias fluviais.

Os vales do Sousa e do Ferreira são uma das zonas mais industrializadas do país, existindo na região vestígios do espólio do **património industrial e mineiro** de que dependia a economia da região.

As **Minas ou Covas de Castromil (Sobreira, Paredes)** localizam-se no lugar de Castromil, na margem direita do rio Sousa a Norte da linha de caminho-de-ferro, no vale da Serra Queimada. As designadas Minas de Ouro de Castromil exploraram um depósito mineral localizado geologicamente no contacto entre metassedimentos (xistos, grauvaques, quartzitos, etc) e rochas ígneas (granito e aplito). Esse contacto faz-se nesta região por uma falha de direcção NW-SE que é facilmente observável no corte da linha de caminho-de-ferro e que juntamente com o rio Sousa dividem o depósito de ouro em duas partes: massa de Covas de Castromil a NW e a massa de Serra da Quinta a SE (www.cm-paredes.pt). Os movimentos compressivos de grande intensidade que explicam a forte deformação que as rochas apresentam, permitiram também a circulação de fluidos com a precipitação dos minerais de quartzo e sulfuretos (pirite e arsenopirite). As partículas de electrum (mistura de ouro e alguma prata) ficaram aprisionadas nas fracturas desses minerais, durante a circulação de fluidos mais tardios (www.cm-paredes.pt). Pensa-se que este depósito de ouro terá sido descoberto e explorado em primeiro lugar pelos Romanos, durante a ocupação da Península Ibérica por este povo. Apesar de, na gíria popular, dizer-se que as minas e buracos que abundam em Covas de Castromil serem dos Mouros, a verdade é que nunca foram encontrados vestígios deste povo nesta área (www.cm-paredes.pt). Foi já só no séc. XX que se iniciou uma tentativa de exploração artesanal, mas sem êxito. Nos anos seguintes, uma empresa canadiana chamada Noranda, fez uma campanha de prospecção que consistiu principalmente na construção de galerias de prospecção, mas que não obteve o sucesso esperado (www.cm-paredes.pt). Posteriormente uma empresa inglesa – Billinton – tentou mais uma vez através de estudos mais aprofundados provar a viabilidade da sua exploração, mas acabaram por desistir, devido à pequena dimensão do depósito (www.cm-paredes.pt). Finalmente nos anos noventa do séc. XX, uma empresa irlandesa – Connary Minerals PLC – depois de uma campanha de prospecção intensa e completa, provou a viabilidade económica da exploração do jazigo de ouro, face às tecnologias actuais. No entanto, o Ministério do Ambiente rejeitou atribuir uma licença de exploração, alegando futuros problemas ambientais (www.cm-paredes.pt). No local, podem ser visitadas galerias que correspondem a escavações subterrâneas de prospecção recente que intersectam desmontes subterrâneos antigos (ADER-SOUSA, 2008). Os painéis informativos no local estão bastante degradados e insuficientes.

A **Fábrica da CIFA - Companhia Industrial de Fibras Artificiais (Sobrado, Valongo)** localiza-se no lugar de São Gonçalo, na margem direita do rio Ferreira, na Rua de S. João do Sobrado. Nas traseiras, está instalada a fábrica da indústria automóvel Miritta Group. Em funcionamento desde 1920, dedicava-se ao fabrico da seda e produtos químicos para a indústria farmacêutica, trazida pelos suíços em sociedade com o empresário Magalhães Sousa, dono da UNITECA. A economia e o emprego desta freguesia dependiam da sua actividade, também conhecida pelo impacto ambiental dos seus efluentes sobre as

águas do rio Ferreira. Encerrou as portas em 1975, desempregando muitas pessoas da freguesia e do concelho. Hoje está sob a tutela da Segurança Social.

A **Fábrica de Fiação e Tecidos da Balsa (Sobrado, Valongo)**, situada no lugar da Balsa, é uma empresa criada em 1860, dedicada à fiação e torcedura de algodão, cuja força motriz provinha de uma turbina hidráulica que aproveitava o movimento das águas do rio Ferreira. Esta fábrica tinha também em funcionamento uma central termoelétrica de uso particular, anterior a 1928 e que funcionou até 1943. As suas operárias eram conhecidas pelas “pataqueiras” em virtude de receberem ordenado um pataco (Lusitânia Editores, 1996b).

O **Couto Mineiro das Banjas** abrange terrenos das freguesias de Melres (Gondomar) e Sobreira (Paredes). É um conjunto de concessões desde o Facho, na margem do Sousa, até quase à serra da Presa, sobre o Douro. Na freguesia da Sobreira, localizam-se várias concessões, uma das quais designada por poço romano onde se extraía **ouro** e as Minas de Quinta destinada à exploração dos filões de quartzo aurífero. Nas suas galerias, foram encontradas lucernas, ainda colocadas nos nichos (www.cm-paredes.pt). As minas estão em mau estado de conservação e em risco eminente de desabamento. Existem diversos caminhos abertos pelos madeireiros. Não existe sinalética para a entrada das minas e galerias e condições de segurança para eventuais visitantes.

A **Empresa das Lousas de Valongo (Campo, Valongo)** localiza-se na Rua Central de Vinhas na margem esquerda do rio Ferreira. Data de 1865 o edifício com fachada de belíssima arquitectura em ardósia, edificado pela companhia inglesa “The Vallongo Slate & Marble Quarries”. Transformada posteriormente em Empresa das Lousas de Valongo, fazia a exploração de ardósia a céu aberto, associada à sua transformação para diversos fins (www.cienciaviva.pt) e encontra-se ainda em funcionamento. Chegou a ser uma das maiores empresas do concelho de Valongo. A ardósia de Valongo é comercializada sob a forma de placas para revestimento, mesas de bilhar, lousas escolares, etc. Nas traseiras da fábrica, organizam-me passeios de BTT aos fins-de-semana (www.forumbtt.net).

As **Minas de ardósia (Campo, Valongo)** localizam-se junto à linha de caminho-de-ferro nas margens do rio Ferreira. Estão dispostas segundo um alinhamento NO-SE, na bordadura limite da serra de Santa Justa. Apesar de serem abundantes os afloramentos de xistos ardosíferos em Portugal, foi na região de Valongo que a sua exploração atingiu significado industrial. As mais importantes explorações de lousas situam-se nesta região, sendo as ardósias extraídas dos xistos ordovícicos do Landeiliano, no flanco Este do anticlinal de Valongo. *“A ardósia portuguesa de melhor qualidade e com maiores possibilidades de emprego na construção civil é extraída dos xistos da região de Valongo. (...) Também na região de Valongo se encontram os fósseis e os minerais que se consideram como impurezas da ardósia, tornando-se, necessário proceder à selecção das zonas do interesse comercial, onde são obtidas as lousas de melhor qualidade. (...)”* (www.eb23-valongo.rcts.pt). A extracção da ardósia é actualmente feita em poço

ou céu aberto. Os primeiros registos de notas da descoberta de minas de ardósia no concelho de Valongo datam de Setembro de 1834. No passado, a extracção da ardósia era feita em poço, no interior da mina trabalhavam vários mineiros que abriam com o picão cortes horizontais e posteriormente cortes verticais. Com a cunha, através de uma pancada destacavam o bloco e com a palmeta rachavam-no. Todos estes trabalhos eram realizados com muito esforço humano. Actualmente, a extracção da ardósia da pedra está totalmente mecanizada. É retirada em grandes blocos que, depois de cuidadosamente inspeccionados são seccionados e encaminhados para os sectores da pedra clivada, serrada e amaciada. É então fornecida em produtos semi-acabados ou acabados, embalados em caixas de cartão ou em grades de madeira próprias para exportação. A exploração industrial da ardósia em Valongo começou em 1865 com a companhia inglesa *The Vallongo Slate and Marbles Quarries*, embora se tenha conhecimento de explorações anteriores do tipo rudimentares. No mesmo ano, um funcionário britânico desta empresa começou a ensaiar o polimento e envernizamento da lousa para chaminés. A partir desta data, a indústria lousífera inicia o seu grande desenvolvimento. No princípio do séc. XX, e a 20 km dos portos do Douro e de Leixões, esta região foi sujeita a uma acentuada procura de ardósia como lastro dos navios da marinha mercante. Alguns destes, vindos de Inglaterra com carvão, faziam como retorno o transporte de placas de ardósia aplicáveis na construção civil em Londres e Liverpool, nomeadamente em telhados, pavimentos e revestimentos. Desde aí e dada a qualidade da pedra extraída, a exploração aumentou consideravelmente, sendo diversas as louseiras instaladas e ainda hoje em exploração. Os produtos exportados eram essencialmente **soletos** (ardósias para telhados), pedras polidas, pedras para bilhares e quadros escolares. A produção inicial destinava-se principalmente à exportação para Inglaterra e Estados Unidos onde existiam escritórios e armazéns de distribuição, embora se comesçassem a fazer em Portugal, telhados como os do Palácio do Freixo e Palácio da Foz, empenas, torreões da baixa do Porto, etc. Posteriormente e tendo-se modificado o mercado, com excepção das pedras de bilhar, a ardósia começou a ser utilizada mais como rocha ornamental e de construção, nomeadamente para pavimentos, revestimentos, peitoris, degraus, etc. Actualmente, a indústria está altamente mecanizada, em empresas como Empresa das Lousas de Valongo, S. A e Pereira Gomes & Carvalho tanto na extracção como na transformação, utilizando inclusive máquinas de controlo numérico. A primeira realiza a exploração de ardósia a céu aberto, sendo a maior de Portugal; a segunda retira a ardósia do interior das extensas galerias. Presentemente, a maior parte de toda a pedra natural extraída é exportada. Esta tendência foi aumentando gradualmente desde os anos 80, apesar da regressão extractiva de 1992/93, prosseguindo em 1995 a tendência expansiva retomada em 1994. Em complemento, esta evolução positiva tem sido acompanhada pela tendência crescente para a exportação de produtos acabados, dentro dos padrões de qualidade exigidos pelo mercado internacional. Entre Janeiro e Junho de 1999, a exportação de ardósia atingiu as 5 015 toneladas, tendo-se verificado um aumento de 0,9% relativamente ao mesmo período do ano anterior. A ardósia é exportada para mercados tão diversos como a

Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Japão e Reino Unido (www.eb23-valongo.rcts.pt).

As **Minas de Midões (Foz do Sousa e Covelo, Gondomar)**, de **carvão**, situam-se parte no lugar de Gens, da freguesia de Foz do Sousa e a outra parte no lugar de Midões, da freguesia de Covelo. Era seu proprietário a firma Hasting & Tait e depois denominada Veloso & Tait, tendo sido vendida e comprada pela Empresa Mineira do Carvão de Midões, Lda, em 1916. Esta empresa mandou construir as instalações abandonadas ainda existentes: casas de habitação, oficinas e armazém e o caminho-de-ferro para transporte do carvão até à Foz do Sousa, seguindo a margem direita do rio Sousa. Nestas minas, eram frequentes as explosões com acidentes mortais. Iniciada a sua exploração em 1856, cessou a sua actividade extractiva em 1927 (Oliveira, 1983).

As **Minas de Monte Alto (Covelo, Gondomar)**, de **antimónio**, situam-se na margem esquerda do rio Sousa, próximo à povoação de Covelo e a 12 km da cidade do Porto. As rochas predominantes são os xistos argilosos e micáceos com uma estratificação em geral muito regular. O minério explorado era o sulfureto de antimónio, tendo como gangas o quartzo, encontrando-se o ouro disseminado no quartzo ou à estibina. Tendo iniciado a sua exploração em 1864 e interrompido a actividade em 1899, as minas tem uma extensão horizontal de 700 metros e a máxima profundidade de 160 metros. Para o esgoto desta mina, aproveitava-se a **força motriz do rio Sousa**, tomando-se a água no açude das Devesas e sendo conduzida por uma levada de 3 km de comprimento para o local da mina. No Verão, não podiam trabalhar as turbinas das minas porque os lavradores de Covelo precisavam da água do rio para os moinhos e rega dos campos marginais (Oliveira, 1983). As minas de Monte Alto são muito antigas: as cavernas pré-históricas de Monte Alto, Devesa e Ferraz eram genericamente conhecidas por Covas da Raposa. Aí se abrigaram, posteriormente, alcateias de lobos e raposas, complementadas por um afluxo de javalis, lebres, coelhos e perdizes, tornando a freguesia num paraíso cinegético notável. De igual modo, ao nível da sua fauna mais original, terrenos que dão relevo à presença real de aves de rapina com prevalência de águias e açores, assim como o habitat favorável para a criação de abelhas em colmeias, ainda referenciais aos dias de hoje nesta região (www.gondomar.com.pt).

Hoje, as minas estão marcadas por alguns edifícios semi-arruinados, como por exemplo, os 24 moinhos que ali existiam. Destes, apenas dois conseguiram sobreviver ao passar do tempo e permanecem em funcionamento, deixando viva a memória das épocas em que a agricultura, juntamente com a exploração mineira, eram o principal meio de subsistência da população (www.gondomar.com.pt).

Das **Minas da Ribeira (S. Pedro da Cova, Gondomar)**, de **ferro**, as águas convergiam no Ribeiro da Murta e este desaguava no rio Ferreira em Beloi. Tinham em solução um sal de ferro, tornando-se amarelas em contacto com o ar e deixavam um depósito de óxido de ferro nos canais por onde passavam. Eram carbonatadas ou sulfuradas. Estas águas, por onde corriam, matavam toda a vegetação e peixe até

grande distância, mesmo já misturada com as do rio Ferreira, na margem direita, principalmente. No entanto, podiam servir em tratamentos de pele (Oliveira, 1983).

As **Minas de São Pedro da Cova (São Pedro da Cova, Gondomar)** datam a sua descoberta de 1795, no lugar da Ervedosa, tendo sido reconhecida a existência da bacia carbonífera em 1804/05. Eram minas **de carvão, do tipo antracite** (de origem mineral), em geral de boa qualidade. A profundidade da mina é de 140 metros e a sua máxima extensão horizontal de 320 metros. O sistema adoptado na lavra era o de talhes laterais, enchendo o vazio dos desmontes com entulhos trazidos na maior parte da superfície, visto os trabalhos subterrâneos pouco produzirem, por serem executados no interior da camada de carvão (Oliveira, 1983). Foi intensamente explorada a partir dos anos 30 do séc. XX, com extracção de carvões domésticos e industriais (energia temoeléctrica, produção de vapor, fábricas de cimentos, etc.) (FCG, 1985). As minas estavam ligadas à cidade do Porto por cabos aéreos que levavam o carvão em vagonetas, aos depósitos de Rio Tinto e Monte Aventino numa extensão de 9 km e à Central Térmica da Tapada do Outeiro numa extensão de 10,5 km (FCG, 1985). Hoje encontram-se em estado devoluto.

O **cavalete de extracção de carvão e as instalações do poço de S. Vicente da Mina de S. Pedro da Cova, incluindo a casa da Malta (S. Pedro da Cova, Gondomar)** são um conjunto arquitectónico construído em betão, cuja presença dominante na paisagem tornou-se símbolo da actividade mineira na freguesia de S. Pedro da Cova. Localiza-se nas proximidades do Largo do Outeiro, Rua de Santa Helena, Rua das Minas, Rua do Centro Revolucionário Mineiro e Rua Nova, sobre o Poço de S. Vicente.

Enquadradas num ambiente rural, isolado nas proximidades de pequenas habitações, as antigas Minas de São Pedro da Cova localizam-se a Oeste da serra de Valongo, nas proximidades do Outeiro dos Foguetes. O cavalete pela sua altura destaca-se de um complexo construído em apoio à actividade mineira (www.monumentos.pt). Em 1795, foram descobertas abundantes jazidas de carvão em S. Pedro da Cova (existindo as de manganês e de volfrâmio em Zebreiros), material imprescindível ao arranque e desenvolvimento da Industrialização oitocentista que se seguiu. O ano de 1921 é a data provável da construção do Poço de São Vicente, com a orientação técnica do Eng. Carlos Barros. O Poço de São Vicente, dada a sua capacidade de extracção, era o mais importante deste complexo e localizava-se junto ao limite entre as duas mais importantes concessões do Couto Mineiro: a de São Pedro da Cova e a do Passal. Segundo o relatório do Eng. Augusto Farinas de Almeida, director técnico da mina de São Pedro da Cova, o Poço de São Vicente possuía na época uma profundidade de 148 metros e uma secção circular de 4 metros de diâmetro revestida com betão de 25 cm de espessura (www.monumentos.pt). O cavalete de extracção de carvão, construído em 1935, totalmente em betão, localiza-se sobre este poço. Desconhece-se o seu projecto e autoria, existindo um projecto anterior de técnicos franceses utilizando uma estrutura metálica. O cavalete propriamente dito é constituído por uma estrutura vertical porticada, marcado por quatro pilares nos ângulos e sucessivos patamares de contraventamento. Com uma altura aproximada de 13 pisos tinha como função principal apoiar na parte superior grandes roldanas,

vulgarmente designadas por "andorinhas", nas quais deslizavam cabos de aço que desde a máquina de extracção passavam por estas até descerem na vertical aos poços. O remate superior do cavalete onde se localizavam as "andorinhas" é ligeiramente mais profundo e mais largo que o corpo da torre passando a apresentar seis pilares nos ângulos. Este aspecto é conseguido através de sucessivos frisos com uma guarda de betão ao nível da plataforma de assentamento das roldanas e na parte superior pelo beiral denteado da cobertura, os quais referenciam este elemento a edifícios como a Clínica Heliántia. A cobertura em telhado apresenta seis águas. As escoras do cavalete prolongam-se inclinadas até ao terreno com uma quebra de forma a garantir a manutenção de um acesso pré-existente. O corpo da torre com diversos patamares unidos por escadas apresenta nos sucessivos níveis guardas em betão armado de expressão delicada. Na base do cavalete na parte inferior de uma escada metálica, vê-se uma inscrição em relevo: "Poço de S. Vicente - 1935" (www.monumentos.pt).

Nos anos trinta do séc. XX, intensificou-se a extracção mineira, assistindo-se, então, a um processo de migração para S. Pedro da Cova, localidade que passaria a ser conhecida por "terra mineira", por excelência (www.ippar.pt). Em Julho de 1934, iniciou-se a remodelação do antigo cavalete em madeira, tendo sido concluída em Agosto de 1936. Foram construídos oito silos em cimento armado, para carga de zorras, com uma capacidade de cerca de 500 toneladas, seis silos em cimento armado para carga do cabo aéreo, com uma capacidade de cerca de 450 toneladas e de um novo edifício para escritório da mina, adaptando o antigo armazém (www.monumentos.pt).

Em Março de 1975, a exploração mineira de São Pedro da Cova foi encerrada e dois anos mais tarde, a suspensão da lavra foi requerida. A memória produtiva das minas cristalizou-se no seio da primeira "Casa da Malta" (assim designada por nela habitarem os trabalhadores oriundos de outras regiões do país) (www.monumentos.pt), um exemplo vivo da preservação de todo um passado histórico relativo à tradição mineira local, bem como à memória colectiva das gentes de S. Pedro da Cova (www.amp.pt). Localizado na Rua de Vila Verde, o **Museu Mineiro** é uma antiga casa que servia de alojamento aos mineiros, os "malteses", este edifício foi adquirido à Companhia das Minas de Carvão e reconstruído e reconvertido em museu pela Junta de Freguesia da Vila de S. Pedro da Cova, desde 30 de Setembro de 1989. As rodas ou "andorinhas" do Cavalete estão agora ao ar livre no jardim do Museu Mineiro.

A empresa a quem se encontra arrendada o couto mineiro de S. Pedro da Cova procurou nos últimos anos a recuperação do carvão dos maciços de protecção à superfície, assim como do existente nas escombrelas produzidas pela arrendatária (www.monumentos.pt). O conjunto arquitectónico formado pelo cavalete de extracção de carvão, as instalações do poço de S. Vicente da Mina de S. Pedro da Cova, incluindo a Casa da Malta está em vias de classificação desde 1996 (www.ippar.pt). Uma estilização perspectivada do Cavalete do Poço de São Vicente passou desde 1990 a ser o logótipo do Departamento de Minas da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (www.monumentos.pt).

A antiga **Central de Captação de Água da Foz do Sousa (Foz do Sousa)** localiza-se na Rua das Águas na margem direita do rio Sousa, a cerca de 200 metros da rotunda do Centro de Saúde de Foz do Sousa, no sentido de Gens e Ferreirinha. Esta é uma estrutura hidráulica para captação de águas a partir do rio Sousa dada a abundância de recursos hídricos que este rio oferecia, para abastecimento de água à cidade do Porto. Foi construída a partir de 1855 através do decreto real aprovando o contrato firmado com a *Compagnie Générale des Eaux pour l'Étranger*, para construção de obras de captação, elevação, transporte e distribuição de água ao domicílio, que conferia ao Porto a exclusividade de utilização das águas dos rios Sousa e Ferreira, erguendo-se, para o efeito, e entre outras estruturas, a “**Central-do-Sousa**”, mas cuja fragilidade, em tempo de cheias, justificou as beneficiações nela realizadas, já em finais dos anos vinte do séc. XX, até que a edificação da Central Elevatória de Lever conduziu à sua desactivação. Encontra-se em vias de classificação como Imóvel de Interesse Público (www.ippar.pt). Actualmente, as suas instalações estão devolutas. Neste local, o rio Sousa sofre um estreitamento do seu curso, com uma represa assoreada por troncos de árvores arrancados por força das águas. Aqui as águas do Sousa ganham mais velocidade e pode encontrar-se ocasionalmente bogas e outros peixes. Passeriformes e anfíbios estão presentes pelo ambiente sonoro que se vive na envolvência da instalação.

Na margem direita, predominam os plátanos (*Platanus orientalis var. acerifolia*), algumas figueiras (*Ficus carica*), amieiros (*Alnus glutinosa*), nespereiras (*Eriobotrya japonica*), freixos (*Fraxinus angustifolia*), bordo-negundo (*Acer negundo*), camélia (*Camellia japonica*), acácia-mimosa (*Acacia dealbata*) enquanto na margem direita, abundam as acácias de porte arbóreo (*Acacia melanoxylon* e *Acacia dealbata*) e salgueiro-chorão (*Salix atrocinerea*). A montante da antiga estação elevatória, cerca de 100 metros, as margens do rio foram emparedadas em pedra.

A **fábrica de têxteis (Foz do Sousa, Gondomar)** localiza-se na margem direita do rio Sousa, na Avenida de Foz do Sousa nº 651, a cerca de 150 metros da Ponte de Foz do Sousa. É uma antiga fábrica de produção de materiais têxteis de apoio à indústria do Vale do Ave, cujas instalações estão devolutas há mais de 30 anos e que utilizava no passado as águas de uma pequena ribeira que desaguava no rio Sousa, segundo informações de um habitante local. A poucos metros da fábrica e na mesma margem, localiza-se um areeiro em funcionamento. Observam-se na margem direita e antes do areeiro, alguns campos agrícolas com hortícolas (batata, feijão, cebola, etc.), campos de erva-azevém e árvores de fruto como macieiras (*Malus sylvestris*), cerejeiras (*Prunus avium*) e laranjeiras (*Citrus sinensis*), bordejando o rio plátanos (*Platanus orientalis var. acerifolia*) e alguns salgueiros (*Salix atrocinerea*). Na margem esquerda, a galeria ripícola é descontínua e mal estruturada com alguns castanheiros (*Castanea sativa*), amieiros (*Alnus glutinosa*), muitas noqueiras (*Carya illinoensis*), ameixoeira (*Prunus cerasifera*) e alguma vinha. Pode-se também observar-se plantações de choupos híbridos (*Populus x canadensis*). As acácias (*Acacia melanoxylon*) predominam junto ao areeiro.

A importância histórica e cultural da região do vale dos rios Sousa e Ferreira reflecte-se no riquíssimo **património arquitectónico** neles existente.

A **Igreja e Mosteiro de S. Pedro de Cête (Cête, Paredes)** localizam-se no lugar do Barreiro, na margem direita do rio Sousa. São um testemunho tardio da arquitectura românica do Entre-Minho-e-Douro e por isso, integram a lista de monumentos da **Rota do Românico do Vale do Sousa**. A Igreja e Mosteiro de S. Pedro de Cête constituem Monumento Nacional desde 1910 (www.ippar.pt).

Fundado no ano 835 da era Cristã, por dois mouros convertidos à fé cristã – Mozara e Zamora – foi posteriormente arrasado em 963 pelos bárbaros com forças superiores. Destruído esse primeiro mosteiro pelos árabes nos finais do séc. X, foi reconstruído logo após, por iniciativa de um cruzado da Gasconha – D. Gonçalo Óveques e concluído no princípio do séc. XI. Em 1551, D. João III anexou e subordinou o Mosteiro de Cête ao Real Colégio da Graça de Coimbra; com posse efectiva a partir de 1573. Em 1834, com a extinção das Ordens Religiosas, o mosteiro foi vendido em hasta pública (www.ippar.pt). Do Mosteiro resta hoje, após séculos de degradação, a **Igreja**, a **Sala do Capítulo** e o **Claustro**. Precedida por amplo largo calçadado, tendo adossado a Sul parte das antigas dependências conventuais e possuindo a Norte um cruzeiro, a igreja possui uma nave única com planta longitudinal e capela-mor de dois tramos de remate semicircular e frontispício em empena, normalmente considerada como românica, mas classificada como gótica, visto resultar de uma reconstrução do séc. XIV por iniciativa do abade D. Estêvão (www.ippar.pt) que nela se encontra sepultado.

Da primitiva igreja românica, possivelmente da 2ª metade do séc. XII, conservam-se algumas pedras decoradas, o portal do claustro e a parte inferior dos muros de grande parte da nave. A torre ameada a Norte e o possante botaréu da frontaria que ladeia o pórtico sublinham o carácter defensivo da sua construção (www.ippar.pt). No interior, merece destaque o pórtico, de quatro arquivoltas de arcos ogivais assentes em colunas decoradas nos ábacos e capitéis, encimado por um brasão e uma rosácea e a nave, com capela-mor e capela funerária, edificada no interior da torre e coberta por abóbada de arcos ogivais cruzados. Azulejos hispano-mouriscos do séc. XVI envolvem o sarcossólio de D. Gonçalo Óveques (www.ippar.pt) na Capela de S. Nicolau Tolentino, onde se achou a pedra de armas que servia de fecho à sua abóbada. O escudo partido em pala tem no primeiro quartel as armas antigas dos descendentes de Gonçalo Oveques e, no segundo, a dos Mendes (pelo casamento de D. Urraca Mendes, irmã de D. Fernando Mendes, o Braganção, com o filho de Gonçalo Oveques) ampliadas pelos Pimenteís de Castela. O Mosteiro de Cête é um dos primeiros templos erigidos ao Cristianismo em Portugal e talvez o único fundado naquelas eras remotas que ainda hoje se encontra em estado de nele se exercerem as funções de culto religioso. Apresenta uma das mais ricas histórias de entre as fundações românicas portuguesas, que começa por uma pretensa doação aos Beneditinos de dois mouros convertidos à fé Cristã, atestada por documento anterior à própria fundação dos Cluniacenses. Está classificado como Monumento Nacional desde 1910 (www.ippar.pt).

A **Torre ou Castelo de Aguiar de Sousa (Aguiar de Sousa, Paredes)** é uma fortaleza de origem medieval, localizada numa elevação cónica, da margem direita do rio Sousa, no lugar da Vila, ao km 9 da EN319-2, aqui denominada Avenida do Castelo. A Torre é o vestígio mais visível do Castelo de Aguiar de Sousa, sendo um ponto central e estratégico com condições naturais de defesa nas proximidades da ponte velha e antiga passagem, de onde se desfruta das vistas sobre o vale do rio Sousa e das serras envolventes.

Na zona cimeira terá sido construída uma estrutura em forma de quadrilátero, irregular, adaptada à reduzida área e com função de fortaleza, mas descentrada em relação à muralha de contorno ovalóide que indicia a existência de um castelo. As notícias documentais sobre este castelo não são muitas, porque nos seus arredores não há espaços agrícolas importantes que tenham sido objecto de doação, venda ou troca a mosteiros. A sua origem parece apontar para o séc. X (www.cm-paredes): "*era de 1033 (ano de 995), Almançor tomou o castelo de Aguiar, junto do Sousa*", o que é uma prova do seu papel estratégico na região. A sua importância é também sugerida pelo facto de ter sido o centro da administração judicial mais significativo da área, sendo a cabeça de julgado da região do Baixo Sousa (Coelho, 1988).

A elevação em xisto, de origem tectónica, onde se localiza a torre está perto de uma grande falha. O acesso fazia-se por um íngreme carreiro, do lado NW, em percurso helicoidal, segundo uma solução muito frequente em castelos desta região por onde atacantes dificilmente poderiam subir e onde facilmente se expunham aos arremessos dos defensores. Na parte média do monte, lado ocidental, onde se instalam hoje pequenos socalcos parece ter havido também um declive com muralha defensiva. Do lado Norte e Este, o monte desce muito abruptamente até ao rio Sousa (Coelho, 1988). Na estrada para Senande, foram encontradas moedas e sepulturas. Diz-se ainda que o castelo comunicava com o rio por uma passagem subterrânea por onde se abasteciam de água e por onde lavavam os cavalos a beber, e que dava a um poço fundo onde se encontra um dos pilares da ponte (Coelho, 1988).

Em 2007, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais fez trabalhos de prospecção arqueológica e projecto de execução, visando a salvaguarda e valorização do monumento e do sítio, criando condições para a apreensão do seu significado e para a sua fruição enquanto ponto dominante no território do vale do Sousa. A vegetação predominante neste local inclui muitos freixos (*Fraxinus angustifolia*), acácia-austrália (*Acacia melanoxylon*), salgueiros (*Salix atrocinerea*), acácia-mimosa (*Acacia dealbata*) integradas na galeria ripícola, eucalipto (*Eucalyptus globulus*) e sobreiros (*Quercus suber*) nas escarpas e carvalhos (*Quercus robur*) perto da linha de água, no limite das áreas florestais com as zonas agrícolas. Na subida para o Castelo de Aguiar, numa zona de casas típicas de xisto em recuperação, podem encontrar-se muitas oliveiras (*Olea europaeus*) e medronheiros (*Arbutus unedo*) e no vale, vinha plantada com bôrdio (*Acer negundo*).

A **Torre dos Mouros (Lordelo, Paredes)**, também denominada **Torre dos Alcoforados, Torre Alta, Torre de Arco Furado** ou **Torre de Lordelo**, localiza-se no lugar da Torre, a cerca de 200 m da EN209, num desvio à esquerda entre os km 27 e 28. Está implantada numa pequena elevação rochosa, no quintal de uma vivenda de um piso, no limite NE do aglomerado de casas do lugar da Torre, sendo hoje um marco histórico-cultural do concelho. Apesar de a tradição local ter perpetuado a designação de "torre dos mouros", a construção deste imóvel processou-se muito depois de findo o domínio islâmico no território português. É, na verdade, uma torre gótica, construída pelos sécs. XIV-XV e vinculada originalmente a uma propriedade conhecida por Honra dos Brandões, aludindo certamente à família detentora do conjunto (www.ippar.pt). Dominante sobre o curso do rio Ferreira, com cerca de 9 metros de altura, é uma estrutura mais residencial que militar, algo singela, de planta quadrangular com apenas dois pisos, questionando-se se teria um terceiro, como parece sugerir a existência de agulheiros no topo do segundo piso, o que aponta para a inicial organização de sobrado. A porta principal localiza-se do lado ocidental e é de arco de volta perfeita a denunciar posteriores intervenções. A iluminação dos andares superiores era feita por frestas duplas de arco apontado, a maioria das quais ainda conservadas a eixo nos diversos alçados, a que correspondem, do lado interior, conversadeiras laterais (www.ippar.pt). Observam-se pequenas frestas ogivais amplas ou geminadas para o exterior, distribuídas em maior número no primeiro e segundo piso. A porta ao nível do rés-do-chão é encimada por um arco de volta inteira cortado pela padieira composta por quatro blocos. Esta construção terá tido uma função, sobretudo, habitacional integrada nas torres senhoriais do Entre-Douro e Minho nos finais da Idade-Média (www.cm-paredes.pt). Está classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1993 (www.ippar.pt).

O **Largo do Passal (Sobrado, Valongo)** é o mais antigo largo de Valongo, tem acesso pela EN209 e localiza-se junto à **Igreja Matriz de Sobrado**. Antigamente, as propriedades eram medidas em passos, daí a origem do seu nome. É o palco da festividade mais importante do concelho: as **Bugiadadas**. Esta tradição de origem pagã tem um grande interesse cultural, sendo a representação teatral de uma lenda que envolve cerca de 700/800 participantes. É um local de recreio e lazer, na envolvência do **Centro Cultural de Sobrado**. No largo, levanta-se um esbelto cruzeiro em pedra alinhado com a Igreja Matriz (e cemitério) de Sobrado a poente. O largo constitui uma placa oval ajardinada com um coreto no extremo Norte. Possui um alinhamento de plátanos (*Platanus orientalis* var. *Accerifolia*). A nascente existe um parque infantil, rodeados por canteiros. Ao centro dispõe-se uma gaiola de jardim com aves. No largo, bancos de madeira vermelhos ao estilo clássico e bancos com base em cimento e estrado de madeira servem para o descanso dos trauseuntes, maioritariamente idosos ou pais que acompanham os filhos nas brincadeiras do parque infantil.

Do **património arqueológico** do vale dos rios Sousa e Ferreira, destacam-se com maior relevância:

A **necrópole romana de Parada de Todeia (Parada de Todeia, Paredes)**, localiza-se na encosta do cabeço onde está a Igreja Paroquial, dominando os campos que descem até ao Sousa, a 160 metros de

altitude. Foi descoberta e noticiada por Mendes Corrêa em 1921 que constava de um povoado aberto ou casa e três séries de sepulturas diferenciadas. Dois grupos de enterramento estavam organizados segundo a mesma orientação (para Norte), e eram formados por inumações, dos quais restavam alguns ossos. As caixas sepulcrais, construídas com tijolo, tégula, lousas e granito, apresentavam-se bem conservadas, cobertas, e tinham planta rectangular ou trapezoidal, em dois ou três casos com dimensões para criança. O terceiro grupo de sepulturas não apresentava caixa nem conservava restos ósseos, mas continha um abundante espólio, sobretudo cerâmico, distribuído em conjuntos de dois púcaros, um jarro trilobado, e um prato por enterramento. Foram encontradas ainda cinco moedas romanas em bronze. A Necrópole de Parada de Todeia data de meados do séc. IV.

A **necrópole romana de Corredoura (Campo, Valongo)** localiza-se no lugar de Corredoura e comprova a existência de um povoado romano em S. Martinho do Campo. A sua descoberta ocorreu quando, em 1957 um proprietário no lugar da Corredoura ao proceder à abertura de uma vala destinada ao plantio de uma vinha, encontrou uma sepultura de formato quadrangular revestida interiormente a lousa e contendo restos de carvão e cinza. A cerca de 50 metros desse local encontrou mais objectos numa sepultura que estava simplesmente cavada no saibro (www.jf-campo.pt). Escavações posteriores comprovaram que as sepulturas seriam de dois tipos: umas cavadas na rocha, revestidas e tapadas por placas de lousa, de que foram encontrados restos, outras abertas simplesmente no saibro, onde eram depositados vasos votivos e as cinzas do defunto e de que não apareceram vestígios por a sua destruição ter sido mais fácil (...). Nesta necrópole romana, os mortos eram cremados antes do seu enterramento (necrópole de incineração), utilizada entre os finais do séc. III e os inícios do séc. IV, e provavelmente conotada com o estabelecimento de uma grande propriedade agrícola que se situaria nas suas imediações. Segundo o Padre Joaquim A. Lopes Reis, na sua monografia "A Villa de Vallongo", a necrópole romana "*estendia-se desde o Castro para Couço e para o Salto e pela Agra de Gallegos (que se estendia pelo Chão) onde, no ano 40 pouco mais ou menos, foi levantada pelos povos de toda a Callecia uma lápide em memória de um governador que os tratara humanamente*" (www.jf-campo.pt). Pensa-se que estes achados estarão relacionados com as explorações auríferas das Serras de Santa Justa e Pias.

Do **património religioso** do vale dos rios Sousa e Ferreira, destacam-se **alminhas, capelas e igrejas** de vários períodos históricos.

A **Igreja Paroquial de São Cristóvão de Lordelo (Lordelo, Paredes)**, situada nas proximidades do **futuro Parque Urbano de Lordelo**, cuja envolvente foi recentemente intervencionada pela Câmara Municipal de Paredes com a construção de uma longa avenida com lugares de estacionamento, na margem esquerda do rio Ferreira.

A **Capela/Ermida Românico-Ogival da Senhora do Vale (Cête, Paredes)**, situada no lugar da Senhora do Vale no largo com o mesmo nome, marca o núcleo central da freguesia, constituindo-se como uma agradável praça que apela ao lazer e convívio. Ergue-se na parte mais elevada do largo central da povoação, calçadado e rodeado por edifícios térreos, dispondo-se um cruzeiro no enfiamento do seu portal principal. O percurso e parte posterior da capela estão ladeados por grandes árvores.

A ermida da Senhora do Vale teve origem numa construção românica do séc. XIV da qual restam, ainda, alguns elementos, como o arco triunfal que, no interior, articula a nave com a capela-mor. A fachada, antecedida por uma galilé com púlpito de cantaria, é marcada pela abertura de um portal em ogiva, com duas arquivoltas assentes em colunas de capitéis decorados e pedra de fecho com uma representação figurativa (www.ippar.pt). O templo possui fachada principal antecedida por alpendre ou galilé moderno, levantado em 1967, de planta rectangular, pouco mais estreito que a capela, e composto por dois largos pilares intervalados por colunas dóricas sobre um murete baixo, encimado por gradeamento. As colunas distribuem-se duas a duas em cada lado, servindo as da frontaria de enquadramento a um portão duplo em ferro. A cobertura do alpendre é em telhado de três águas; no seu interior, destaca-se um púlpito cilíndrico, e um singelo cruzeiro com cruz latina, sobre base cúbica. O portal é em arco ogival com duas arquivoltas, sendo a exterior ornamentada com meias esferas e um mascarão central. As arquivoltas assentam em colunelos com capitéis ornados por carrancas. É encimado por um estreita fresta rectangular, acima do alpendre. A empena, em triângulo de topo truncado, é rematada por um pequeno campanário. O interior é de planta rectangular, nave única, e capela-mor quadrangular, com tectos em madeira. As paredes não possuem reboco, ficando à vista o aparelho de granito. A decoração limita-se à imagem da capela-mor, e a duas imagens sustentadas por peanhas, que enquadram o arco triunfal, ligeiramente apontado. O antigo retábulo, em talha dourada e policromada, foi retirado na década de oitenta do séc. XX, revelando então o vão de arco redondo que hoje abriga a imagem da padroeira, bem como vestígios de pinturas murais (www.ippar.pt). Desde 1967, têm sido realizadas obras de restauro e conservação da capela, a cargo da Câmara Municipal de Paredes e da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais. Está classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1950 e integra a **Rota do Românico do Vale do Sousa**.

O **cruzeiro do adro fronteiro à ermida de Nossa Senhora do Vale (Cête, Paredes)**, situado no lugar da Senhora do Vale, no largo fronteiro à ermida com o mesmo nome, é um marco histórico-cultural do concelho. Implantado harmonicamente na paisagem, o cruzeiro fronteiro ao adro da Ermida de Nossa Senhora do Vale deveria ser contemporâneo da primitiva ermida do séc. XIV. É uma estrutura muito simples, que se desenvolve sobre três degraus circulares. A coluna de fuste hexagonal termina numa cruz de Malta de dimensões consideráveis. Não se sabe se o cruzeiro definia apenas um espaço religioso no exterior da ermida, ou se a imponente cruz de Malta que o remata impunha visualmente o domínio efectivo desta Ordem na região. A verdade é que, ainda hoje, a monumentalidade deste símbolo se

impõe, face à pequena ermida. Está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1963 (www.ippar.pt).

A **Igreja Matriz de Castelões de Cepêda (Castelões de Cepêda, Paredes)** localiza-se na Avenida da República, próximo da **Ponte de Cepêda**, da **Casa das Artes** e do **Parque Urbano de Paredes**, mesmo no centro da cidade. Construída no séc. XX, trata-se de uma afirmação tardia do estilo D. Maria.

A **Igreja de S. Pedro de Sobreira (Sobreira, Paredes)**, situada no lugar da Igreja, foi construída de 1874. O adro da Igreja Velha foi recentemente alvo de investigação pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Paredes para o arranjo e pavimentação da zona envolvente à igreja. De acordo com o trabalho já efectuado, chegou-se à conclusão que este local foi um antigo cemitério paroquial. Isso é visível pelo facto de se terem encontrado vestígios de sepulturas construídas na Idade Média (www.forumvaledosousa.com).

A **capela e as alminhas de Alvre (Aguiar de Sousa, Paredes)** localizam-se no lugar com o mesmo nome. A capela apresenta no exterior vestígios da primitiva construção após reconstrução recente. Possui colunas e púlpitos em granito. As alminhas do Alvre localizam-se dentro de um inestético caixote rectangular, com porta de ferro trabalhado e pintada de verde (Coelho, 1988), junto à Ponte do Alvre na margem esquerda do rio Sousa.

A **Capela de Santa Marta (Aguiar de Sousa, Paredes)** localiza-se no lugar do Alvre, próximo da margem do rio Sousa. A capela vem designada como sendo de Santa Maria no “Catálogo e História dos Bispos do Porto”, da autoria de D. Rodrigo da Cunha, mas deve-se provavelmente a um erro dactilográfico. Já o Padre Luís Cardoso, em 1747, regista-a no seu “Dicionário Geográfico”, como sendo dedicada a Santa Marta, o mesmo acontecendo nas Memórias Paroquiais de 1758. Durante os séculos sofreu várias remodelações, tendo a mais significativa sido realizada em 1725, como se pode verificar pela qualidade do trabalho efectuado em algumas peças datadas: o púlpito que se encontra na galilé.

Na sacristia desta capela, está guardado o único “ex-voto” popularmente chamado de tábuca de milagre, que se conhece no concelho de Paredes. É oferecido a Santa Marta e está datado de 1752. Foi novamente restaurado em 1988. Encontra-se em bom estado de conservação, quer a legendagem, quer o figurado e a moldura. O calendário religioso comemora Santa Marta, padroeira dos estalajadeiros, hoteleiros e lavadeiras, a 29 de Julho, mas a tradição local consagra-lhe o último domingo de Julho ou o primeiro de Agosto (Coelho, 1988).

A **Capela da Senhora do Salto (Aguiar de Sousa, Paredes)**, situada na margem esquerda do rio Sousa, no lugar do Salto, era inicialmente uma pequena capela, quase perdida no fundo do vale por onde serpenteia o rio, com origem numa lenda local. Posteriormente ampliada, manteve-se a anterior que passou a funcionar como capela-mor, dividida por gradeamento da parte acrescentada, tendo na coluna do lado esquerdo, pouco visível, esculpida a letra M, que significa mil e, na coluna do lado direito os

algarismos 723, o que dá de forma fraccionada o ano de 1723 para a primitiva capela. Tem um púlpito na galilé e um lanço de escadas mais recente que lhe melhorou o acesso. Nesta galilé, de estrutura em madeira e coberta de telha, foi acrescentado um painel de azulejos figurando Nossa Senhora do Salto, decalcada da imagem que se encontra ao centro do altar-mor (Coelho, 1988), em madeira. No I tomo do "Dicionário Geográfico" em 1747, diz-se que "*distante desta Igreja de Aguiar, quasi hum quarto de légua, junto ao rio Sousa, em hum bosque com penhascos de huma, e outra parte do rio, está fundada a Ermida de N. Senhora do Salto, que se festeja no dia da Ascensão de Christo Senhor Nosso com grande concurso na véspera, e dia, nas Oitavas do Espírito Santo, e em vários tempos do anno: he imagem milagrosa, antigamente apparecida junto ao rio em huma gruta, que ainda hoje se vê, e os romeiros a rompem, e levão della os fragmentos, e junto a ella ha huma fonte de boa agua*". Numa outra versão da lenda, é junto a esta fonte, numa gruta, que apareceu a imagem da Senhora, que originou a construção da capela (Coelho, 1988).

A capela está implantada num local de privilegiada beleza associada a grandes contrastes e a rara e acidentada disposição geográfica, muito frequentada por alunos das escolas locais e por turistas especialmente ao fim de semana.

Em frente à capela, descendo por um carreiro íngreme, embora curto, correndo por entre espesso silvado e verdejantes amieiros (*Alnus glutinosa*) e salgueiros (*Salix atrocinerea*), vê-se numa laje do leito do rio cinco buracos próximos uns dos outros, associada pelo povo à lenda da padroeira da capela (as marmitas de gigante). Nas proximidades da capela, no promontório a poente, encontra-se um busto do Padre Joaquim Alves Correia. Não se exerce nesta igreja culto assíduo, mas regista grande afluência de devotos para cumprimento de promessas.

A Igreja Matriz de Aguiar de Sousa / Igreja de São Romão (Aguiar de Sousa, Paredes) localiza-se no lugar de Sernande, no desvio da EN319-2. Implanta-se num adro vedado de gaveto entre dois caminhos, junto de um pequeno núcleo de casario onde se insere o edifício da Junta de Freguesia. O adro de forma aproximadamente rectangular constitui-se numa plataforma elevada sobre a paisagem. Apresenta-se parcialmente revestido a cubo de granito junto à fachada principal e terra batida na zona posterior. A capela em cantaria neogótica implantada num ângulo da parte posterior do adro é do Bispo D. João Vaz Ferreira. Com data de construção provável dos sécs. XVIII/XIX e sucessivas remodelações depois de 1988 pela paróquia, a igreja é composta por uma capela de planta longitudinal, composta por nave única, transepto e capela-mor rectangular e ainda torre sineira quadrangular adossada à nave e corpo anexo, no prolongamento da sacristia. As paredes exteriores são de alvenaria de xisto, rebocadas pelo lado interior e exterior e a cobertura da torre revestida a azulejo em forma de pirâmide quadrangular é rematada por cruz. A fachada principal, orientada a Oeste, composta pelas fachadas da nave e torre ligeiramente desfasadas, entre pilastras, apresenta-se revestida a azulejos padrão azuis e brancos [...] No interior da nave, destaca-se o corpo do coro alto com balaustrada em madeira envernizada, apoiado em dois

cachorros de granito. Inferiormente, um guarda-vento com o mesmo acabamento. À esquerda, na base da torre, está a pia baptismal. Tem ao fundo um painel de azulejos figurativos azuis e brancos, alusivos ao baptismo. A pia octogonal lisa apoia numa coluna com a mesma secção. O lambril recente de azulejos padrão azuis e brancos reveste as paredes da nave e prolonga-se pelo transepto e capela-mor. Colateralmente, dispõem-se dois retábulos e dois púlpitos de guardas com balaústres envernizados. Os retábulos dourados e pintados são alusivos ao Sagrado Coração de Jesus (à esquerda) e a Nossa Senhora de Fátima (à direita). Na parede do arco cruzeiro, por baixo do arco que separa a nave do transepto, estão dois belos retábulos em talha dourada, sendo o da esquerda do Menino Jesus e o da direita de Nossa Senhora do Rosário. No topo do transepto, do lado direito, está o altar pintado do Senhor Crucificado. O tecto rebocado de duas águas, facetado no centro intercalado por peças de madeira envernizadas simulando uma estrutura portante, com arco triunfal de volta perfeita de grande vão. Na capela-mor, o tecto dispõe-se em caixotões envernizados de perfil igual ao da nave. O retábulo-mor está profusamente trabalhado em talha, quase sem folha de ouro. Esta igreja possui vários elementos de grande valor artístico: um cálice setecentista em prata e ouro, simultaneamente custódia e ostensória e uma cruz processional em prata de 1882. Tem ainda também uma imagem em terracota de Nossa Senhora do Rosário e uma de São Caetano e Nossa Senhora com o Menino em madeira policromada. Aquando das grandes obras de remodelação da Igreja nos topos laterais dos altares do arco cruzeiro, encontraram-se duas pinturas, uma delas de São Pedro e ainda dois dípticos sobre madeira. Diz-se ainda que os altares seriam provenientes da primeira Igreja Matriz de Aguiar de Sousa, localizada no lugar da Vila (junto ao Castelo de Aguiar de Sousa), que terá desaparecido após uma peste no séc. XVI que desertificou esse local (www.monumentos.pt). O santo padroeiro é São Romão, invocado a favor dos nervosos e afogados, mas não se realizam aqui romarias a este ou aos outros santos, de especial devoção nesta freguesia: Santa Ana e Santa Apolónia.

A **Capela da Balsa (Sobrado, Valongo)**, de acesso privado, localiza-se na margem esquerda do rio Ferreira, no lugar da Balsa, junto à ponte com o mesmo nome.

A **Capela de Nossa Senhora das Necessidades (Sobrado, Valongo)**, situada no lugar de Sobrado de Cima, no Largo da Nossa Senhora das Necessidades, está integrada no núcleo rural com o mesmo nome. Tem a parte exterior bastante descaracterizada, fruto de uma remodelação mais ou menos recente. No 1º Domingo de Setembro, celebra-se ali a festa anual religiosa e profana.

A **Igreja Matriz de Santo André de Sobrado (Sobrado, Valongo)** situa-se no Largo do Passal, data da 1ª metade do séc. XVII. A paróquia de "*Sancti Andree de Sobrato*" aparece mencionada pela primeira vez nas Inquirições de 1258 como integrada no Julgado de Aguiar do Sousa. Só em 1836 esta freguesia passa a pertencer a Valongo. De traça barroca, é flanqueada por uma torre sineira, posteriormente construída (1874), e talvez por isso um pouco desproporcionada em relação ao tamanho da igreja. A frontaria, constituída por três tramos, é revestida a azulejos e dividida na vertical por cantaria granítica. É

no tramo central que surge um amplo portal rectangular. As volutas ladeiam as ombreiras. Remata este conjunto um frontão triangular interrompido. No seu meio, existe uma pedra de armas. Sobrepondo-se a este, está um janelão mistilíneo quadrilobado, flanqueado por dois nichos de arco redondo, onde se abrigam as imagens dos santos tutelares, Santo André e São Francisco, em substituição das originais. A rematar o topo da igreja, também ele decorado por janelão mistilíneo gradeado, uns coruchéus de cantaria. O interior da igreja é rico em qualidade e pormenor. O retábulo-mor, com uma riqueza artística fora do comum, condizente com a abóbora, toda ela em talha dourada, é do séc. XVIII. Encontra-se ladeada pelas imagens de S. Francisco, à esquerda e a seu lado direito a do seu santo padroeiro, Santo André, esta datada do séc. XIX. Nos corredores laterais, frente a frente, estão os altares do Sagrado Coração de Jesus e o de Nossa Senhora de Fátima. Ao lado deste, tendo por baixo uma placa onde se pode ler "Altar Preveligiado Geral", uma imagem de Santa Ana com a Virgem e o Menino, também esta do séc. XIX. Próximo da igreja e junto à casa do padre foi erigido, como sinal de agradecimento do povo de Sobrado, um monumento ao Padre Agostinho de Freitas. Aí, nesse singelo agradecimento pelo muito que dedicou de sua vida e esforço, pode-se ler: " Padre Agostinho de Freitas Gratidão Perpétua do Povo de Sobrado" (www.regional-editora.com).

A **Capela Antiga e Capela Nova de S. Gonçalo (Sobrado, Valongo)** localizam-se junto às antigas instalações da fábrica da CIFA, no lugar de São Gonçalo. Subsistem dois templos da mesma invocação, separados por escassas dezenas de metros. O mais antigo, de sóbria e incaracterística traça (possivelmente oitocentista) é de medianas proporções, ostentando uma modesta frontaria com portal em esquadria rematada por frontão triangular liso. A nova estrutura, de betão armado, é mais ampla e de traça contemporânea, foi erguida já no terceiro quartel do séc. XX (Lusitânia Editores, 1996b).

A **Igreja Matriz de S. Martinho de Campo (Campo, Valongo)**, construída no início do séc. XX (entre 1902 e 1910), apresenta elementos de construções dos sécs. XIII e XVI provenientes da antiga igreja, já desaparecida. Com uma torre sineira bem proporcionada e adossada ao flanco meridional, a igreja mostra uma frontaria vazada por um austero pórtico liso e recortado em arco redondo, flanqueado por duas janelas do mesmo recorte, ao passo que as outras três aberturas idênticas se abre a nível superior, iluminando o espaço interior (Silva, 2000). Merece destaque o altar-mor em talha dourada barroca com painéis em azulejo de tons azul e branco na sacristia, invocando cenas representativas da vida de S. Martinho e o seu órgão de tubos. S. Martinho é o seu padroeiro, festejado a 11 de Novembro.

A **Capela de Couce (Campo, Valongo)** situa-se na aldeia de Couce e destaca-se das restantes edificações pelo facto de possuir cruz e remates piramidais na sua fachada principal. Datada do séc. XVIII, tem uma cruz e torre sineira, possuindo, no seu interior, um altar em madeira talhada, pintado a ouro, um coro e um presépio, datando da construção da capela. Era aqui celebrada missa, todos os domingos, até há bem pouco tempo, tendo servido como local de culto para a população de Couce (Santos, 2002). O rés-do-chão de uma das casas é aproveitado para o encontro da população, sendo aqui guardados

objectos destinados às festas da aldeia; denominando-se a “toca da aldeia”. Sendo o único local sagrado no povoado, a ele estavam associadas tradições religiosas e festivas que, com o seu encerramento, se desvaneceram. Destas, o Pascoelo assumia um particular destaque, realizando-se no Domingo seguinte à Páscoa e atraindo inúmeras pessoas à aldeia. O compasso, que se deslocava de S. Pedro da Cova a Couce, visitava todas as casas, das quais eram lançados foguetes no final pelos seus habitantes. Este edifício, de cariz privado, encerra no seu interior um pequeno coro, um altar em talha dourada, assim como um presépio provavelmente do séc. XVIII, data apontada para a construção da capela (Câmara Municipal de Valongo, 2006).

A **Capela de Nossa Senhora da Encarnação (Campo, Valongo)**, datada de finais do séc. XV, é dotada de minúsculo torreão sineiro e ampla galilé fronteira em madeira, tendo sido restaurada recentemente. Pertencia às freiras do Convento de S. Bento de Avé-Maria da cidade do Porto. (Lusitânia Editores, 1996a). Nesta capela celebra-se, no último domingo de Maio, as festas em honra de Nossa Senhora da Encarnação.

A **Capela de S. João Baptista da Azenha (Campo, Valongo)** construída no séc. XX, é um templo particular de modestas dimensões e revestimento exterior azulejar, com interior moderno e acolhedor (Lusitânia Editores, 1996a). Está erguida junto à linha de caminhos-de-ferro, no interior de uma propriedade vedada.

A **Igreja da Nossa Senhora das Mercês (São Pedro da Cova, Gondomar)** localiza-se no lugar de Belói, numa colina elevada sobranceira na margem esquerda do rio Ferreira, defronte à ponte da mesma padroeira. É uma igreja de arquitectura moderna. No largo que se dispõe em patamar inferior à igreja, localiza-se um centro de actividades recreativas da freguesia e o parque infantil Mário Rito Dias, inaugurado em 2006.

A **Igreja Matriz da Foz do Sousa (Foz do Sousa, Gondomar)** localiza-se na Rua da Igreja, junto ao cemitério e Junta de Freguesia, fronteira a um pequeno jardim, na margem direita do rio Sousa. É um templo cuja origem temporal se desconhece. Sabe-se, no entanto, através das Memórias Paroquiais, que em 1758 esta igreja já existia. De aparência exterior muito simples, possui um interior riquíssimo, com destaque para o altar-mor em talha dourada de estilo nacional, a pia baptismal do séc. XVI, os azulejos do séc. XVII e o órgão de tubos, ainda operacional (www.cm-gondomar.pt). É desta igreja que sai todos os anos a festa do Senhor ou do Santíssimo Sacramento, com procissão que percorre as ruas, onde se incorporam muitas crianças vestidas de branco. Diz-se que houve no mesmo local, junto à margem direita do rio Sousa, um castelo antiquíssimo e defronte deste uma povoação também muito antiga (Oliveira, 1983). No pequeno jardim, defronte à Junta de Freguesia, pode encontrar-se a seguinte inscrição em pedra de xisto, à semelhança de outras encontradas nesta freguesia:

“Sousa tem do rio a foz

De nome Sousa também

A matriz de todos nós

Abraça os filhos que tem.”

Ao longo dos vales dos rios Sousa e Ferreira, existem várias **quintas, solares, casas agrícolas e brasonadas**. Algumas destas casas ainda hoje existem concentrando um vasto e valioso repertório histórico nas suas típicas instalações. O tipo de casa da maioria tinha formato em “U”, tendo normalmente duas assoalhadas: na primeira eram colocados os lagares, as adegas e os animais, sendo que a segunda assoalhada estava reservada para habitação e armazenamento de produtos agrícolas (viladerecarei.no.sapo.pt).

A Casa da Estrebuela (Castelões de Cepêda, Paredes) é uma casa particular, localizada na Avenida da República, na freguesia de Castelões de Cepêda, datada do séc. XIX. Possui um frontão triangular e balaustrada acentuando a linha do telhado. No primeiro andar, as janelas seguem a linha do frontão. A fachada principal encontra-se revestida de azulejos em bom estado de conservação numa perfeita articulação entre as molduras e as pilastras de granito (www.cm-paredes.pt). Encontra-se em vias de classificação pela Câmara Municipal de Paredes.

O **Solar de Cepêda (Castelões de Cepêda, Paredes)**, oitocentista, é um belo solar edificado junto à ponte romana da freguesia, que serve actualmente para turismo de habitação. Um solar claramente senhorial, com várias características típicas: a escadaria exterior que dá acesso ao andar “nobre” da casa, as janelas ogivais e a clarabóia da ampliação do segundo piso e a torre ameada que está adossada à casa (Pinto, 1996).

A Quinta de Cête (Cête, Paredes) situa-se nas proximidades do Mosteiro de Cête, na margem direita do rio Sousa. Está classificada como Imóvel de Interesse Municipal desde 2005. É actualmente propriedade privada, de produção vinícola e integra a **Rota dos Vinhos Verdes**.

A Casa da Várzea (Cête, Paredes), situada no lugar da Várzea, na margem direita do rio Sousa, foi construída no séc. XVIII. Tem uma fonte em granito, caracterizada por duas grandes orelhas, de traça setecentista. A água cai para um tanque, localizado no quinteiro coberto por uma ramada acolhedora. É propriedade privada (Pinto, 1996).

A Casa do Pisão (Cête, Paredes), construída no séc. XVIII, fica situada no lugar de Várzea, na margem direita do rio Sousa. Tem brasão de armas em granito. Esta casa tem uma zona habitacional em redor da capela restaurada e ruas. A «casa-mãe» mantém-se fiel à sua antiguidade. Esta casa tem uma fonte por onde a água jorra de uma carraça de granito à qual se sobrepõe uma sereia, aplicadas num muro do mesmo tipo de pedra, rematado por um friso de que se destaca por cima da sereia e cai num pequeno tanque enquadrado por uma magnífica colecção de avencas, que tornam o local um remanso encantador.

Rodeada por vinhedos, desfruta de vistas magníficas para os campos verdejantes da quinta. Foi recentemente recuperada pelos seus proprietários, que a transformaram num recanto acolhedor e confortável para turismo rura (www.gppsd.pt).

A **Casa do Cerieiro (Recarei, Paredes)**, localizada no lugar da Costa, é uma casa de lavoura, propriedade de Bernardino da R. Nogueira.

A **Casa do Covo (Recarei, Paredes)**, localizada no lugar da Costa, é uma casa de lavoura. Desconhece-se o actual proprietário.

A **Casa do Alferes (Recarei, Paredes)**, situada no lugar do Outeiro, é uma casa de lavoura, propriedade de João da Rocha Pinto.

A **Casa do Cândido (Recarei, Paredes)**, situada no lugar do Outeiro, é uma casa de lavoura, propriedade de Cândido Rocha Coelho.

A **Casa do Tournal (Recarei, Paredes)**, localizada no lugar do Outeiro, é uma casa de lavoura propriedade de Custódio B. Silva.

A **Casa do Angelino (Recarei, Paredes)**, localizada no lugar da Lamela, é uma casa de lavoura, propriedade de Bernardina Rosa R. Pinto.

A **Casa do Leão (Recarei, Paredes)**, situada no lugar da Lamela, é uma casa de lavoura, propriedade de José Ventura R. Nogueira.

A **Casa do Visconde do Paço (Sobrado, Valongo)**, símbolo da nobreza rural, é um solar do séc. XIX à espera de recuperação, tal é o seu estado de quase abandono (www.regional-editora.com). O edifício mostra na respectiva frontaria uma pedra de armas do referido visconde, datada de 1864. Encontra-se degradada, mas a mansão oitocentista conserva ainda um típico revestimento protector de lousa, com a característica disposição em escama (Silva, 2000).

A **Quinta da Corredoura ou Casa da Corredoura de Cima (Campo, Valongo)**, localizada na Rua da Corredoura, é uma quinta privada destinada a eventos (www.quintadacorredoura.com). No passado, foi uma casa familiar de lavoura do séc. XVIII. Hoje é um espaço aberto à realização de eventos com dois salões de 80 e 450 m² e parque de estacionamento. Localiza-se numa zona onde predominava a exploração de ardósia (Silva, 2000).

A **Quinta do Covelo ou Casa Particular da Quinta (Covelo, Valongo)** pertenceu a uma das famílias mais distintas do País – a dos Carneiros. Sobre a verga do portão, assentam duas pirâmides, de cujo lado interno sobem duas pedras espiraladas em sentido inverso nos topos, apoiando-se na pedra de escudo ao meio. O campo do escudo é tripartido por duas secantes que descem do meio do lado superior, vê-se em cada divisão uma flor de liz, cobrindo a origem das secantes um pequeno escudete

com uma águia, subindo em voo vertical – símbolo das aspirações dessa família – como timbre, o elmo e, por cima, a cruz. O brasão de armas dos Carneiros está no frontão da capela em granito lavrado: duas folhas de acanto estilizado envolvem o campo do escudo; nesse estão dois carneiros passantes, separados por uma banda carregada de três flores de liz, como timbre o elmo. No interior da capela, à frente do altar-mor, está o mesmo brasão em lindos azulejos policromos. É tradição que a quinta fora honra: todos os criminosos que por aí se refugiassem não podiam ser perseguidos pela autoridade (Silva, 2000).

O **Solar do Rio (Foz do Sousa, Gondomar)** localiza-se na Rua da Manga, no lugar de Ferreirinha, após o atravessamento da Ponte de Santa Helena. Numa colina sobranceira ao rio Ferreira, onde o seu curso faz um cotovelo para a direita, encontra-se esta casa antiga, recentemente recuperada e actualmente destinada a restaurante e habitação de turismo rural. Nestas margens, pode encontrar-se alguns freixos (*Fraxinus angustifolia*), pequenas áreas agrícolas e vinha. Alguns metros à frente deste solar, na Rua do Picoto, localiza-se uma outra ponte junto a um açude, ponte e moinho abandonado na margem esquerda. Salgueiros (*Salix atrocinerea*), choupos-negro (*Populus nigra*) e freixos (*Fraxis angustifolia*) integram a galeria ripícola bem estruturada na margem direita.

A **Quinta do Garret (Foz do Sousa, Gondomar)** é uma quinta privada que se localiza na margem esquerda do rio Sousa, seguindo a Rua da Ponte depois de atravessar a nova Ponte de Sousa, alguns metros adiante. É uma quinta bem preservada com entrada em portão de ferro, algumas árvores ornamentais e ramadas de vinha que deixam vislumbrar a casa desta quinta.

Podem encontrar-se alguns **núcleos rurais e históricos** no vale do Sousa e Ferreira.

O **Núcleo Rural da Corredoura (Campo, Valongo)** é um conjunto de casas de lavoura e edifícios rústicos, antigas moradias de abastados lavradores construídas em xisto, localizado à saída da Ponte de Ferreira para Valongo, na antiga estrada pavimentada a cubos. Os edifícios habitacionais rurais, nobilitados, têm características arquitectónicas tipicamente rurais, correspondendo aos gostos típicos dos sécs. XVIII e XIX. Um destes imóveis, de austera traça provincial setecentista, tem num lintel a inscrição da data 1778. Embutido em arruinado edifício contíguo, em parede anexa à frontaria do primeiro imóvel, é de registar um pequeno nicho de alminhas oitocentista. Segundo a tradição, existe ali uma das casas mais antigas da freguesia onde terá pernoitado um dos Reis Filipes de Espanha (Lusitânia Editores, 1996a). Neste núcleo, pode encontrar-se a **Necrópole Romana da Corredoura**.

O **Núcleo Rural da Nossa Senhora das Necessidades (Sobrado, Valongo)** é um conjunto de casas ricas, de lavoura, com traça de grande interesse arquitectónico, agrupadas em volta de ruas estreitas e pitorescas, dos sécs. XVIII a XX. A **Capela da Nossa Senhora das Necessidades** está integrada neste núcleo.

O **Núcleo Rural do Lugar de Ferreira (Sobrado, Valongo)** localiza-se no lugar com o mesmo nome. Várias casas rurais apresentam na frontaria, por cima da porta principal, ou em local bem visível, pequenos nichos mais ou menos artísticos (alguns com porta de vidro), encerrando um pequeno santo protector.

A **Aldeia de Couce (Campo, Valongo)** localiza-se na margem direita do rio Ferreira, no vale formado pelas serras de Santa Justa e Pias. O seu nome deriva da configuração que apresenta: um arco, significado dos termos *Alcouço*, *Couço* e *Al-Kauç*. A sua localização reflecte a ligação com a actividade agrícola, estando inserida num vale abrigado do vento, com exposição solar a nascente e com o edificado concentrado acima dos terrenos agrícolas, que se encontram nas áreas aluvionares, aproveitando o máximo de espaço num terreno acidentado. Os edifícios encontram-se “adaptados à fisionomia do terreno”, de modo a aproveitar as leiras, que se estendem até ao rio, para ocupação agrícola (Santos, 2002). Couce é composta por um conjunto de casas de pedra e xisto e moinhos na margem do rio Ferreira (Pinto, 1993), uma *“pitoresca aldeia, de rústicas construções apinhadas junto ao rio Ferreira”* (Silva, 2000), *“Aconchegada entre as serras de Santa Justa e Pias, rente ao Ferreira, o chão de Couce vai do Alto do Castelo ao do Ramalho...O vale é verde. Uns palmos de terra que dão o comer à aldeia...Meia dúzia de famílias vivem no silêncio onde se ouve o nosso arfar, junto com o zumbido dos insectos e o deslizar do rio...Chega-se à aldeia descendo da estrada poeirenta por dois lados. As casas estão em baixo. Rudes e negras, de xisto... O xisto dominante calceta as pequenas ruelas, sinuosas, de chão áspero”* (Câmara Municipal de Valongo, 2002). Pensa-se que este povoado isolado tenha surgido como habitação temporária dos povos que procuravam o ouro existente na Serra, como celtas, fenícios, romanos e árabes. Junto a esta aldeia, passava uma via militar romana que ligava Lisboa a Braga, tendo aqui sido construída uma ponte (Santos, 2002). Em 2002, apresentava 5 fogos e várias habitações em ruínas, possuindo 21 habitantes. Na sua maioria, as casas, fabricadas com rochas quartzíticas, foram construídas com pedras retiradas do rio ou provenientes das cristas (Pacheco, 1986) e escombreyras. O xisto ardosífero é também um dos materiais utilizados. Juntamente com a quartzite, são usados para construções de “alvenaria de pedra seca”, não sendo necessário o uso de argamassa para segurar as pedras. Quase todas se encontram cobertas com telhados de telha Marselha. A lousa é também utilizada, principalmente nos beirais dos telhados. A madeira utiliza-se no interior das casas, portas, traves, soalhos, tectos e revestimentos das paredes. O granito encontra-se ligado a funções de suporte ou nos vãos. As rochas quartzíticas serviram, também, para a construção dos muros e moinhos (Santos, 2002). As casas de maiores dimensões apresentam um pátio interior (Santos, 2002), existindo uma casa com características senhoriais, com paredes rebocadas, possuindo uma capela (Pacheco, 1986). Existem palheiros com um ou dois pisos que, ao contrário dos existentes no Norte de Portugal, são totalmente em pedra e encontram-se em contacto com o chão (Santos, 2002).

A aldeia é cortada por um caminho. Acima encontra-se um muro, que envolveu a aldeia. Este, com uma altura de cerca de 2,7 metros, foi derrubado parcialmente quando se construiu o estradão que efectua a ligação entre Azenha, Mó e Beloi; protegia a aldeia dos incêndios florestais, da queda de rochas, ou mesmo de enxurradas. Circundava a aldeia, possuindo apenas duas ou três entradas. Actualmente, este muro encontra-se bastante degradado. Junto, e do lado da estrada contrário à aldeia, existe uma habitação em ruínas. Do lado contrário, existe uma casa de eira, em que esta é pavimentada por grandes lajes de granito. São aqui postos a secar e armazenados no edifício cereais como milho. Do lado oposto, no centro da aldeia, existe uma bica de água potável, feita de telha, coberta com granito e lajes de xisto, existindo mesmo um sinal indicativo para a “prova da água”, no estradão principal, em frente à seta em madeira que indica a “Aldeia de Couce”. Em volta do aglomerado de habitações encontram-se, adjacentes a estas, as hortas e pomares. Depois, e entre a aldeia e o rio, surgem os campos agrícolas. São cultivados batatas, milho, cebolas e hortaliças, como tronchuda, couve-galega, nabças, nabos, e semeado azevém para alimento dos animais. As árvores de fruto existentes são: laranjeiras (*Citrus sinensis*), oliveiras (*Olea europaeus*), macieiras (*Malus sylvestris*), figueiras (*Ficus carina*) e castanheiros (*Castanea sativa*). Nas bordaduras dos campos e em redor da aldeia, existem bastantes carvalhos-alvarinhos (*Quercus robur*) e sobreiros (*Quercus suber*) de grande porte. Também se encontram mimosas de porte arbóreo. Na margem oposta do rio, encontram-se mais terrenos agrícolas, embora alguns se encontrem abandonados, existindo um conjunto de moinhos abandonados, junto a um velho caminho que era constituído por pedras de granito, ladeado por um muro também de granito, dos quais restam apenas fragmentos. Nesta margem, existem também prados de lima semi-abandonados, que começam a ser invadidos por matos, juncos (*Eleocharis sp.*) e um bosque com sobreiros, onde também se podem encontrar a madressilva (*Lonicera peryclimenum*) e urze-branca (*Erica arborea*). A galeria ripícola encontra-se bem constituída, sendo formada principalmente por choupos (*Populus nigra*), embora com a corrente do rio, aqui se acumulem detritos que vão sendo levados pelas águas. Actualmente, a aldeia encontra-se um pouco descaracterizada, verificando-se a degradação das edificações e a acumulação de anexos, que servem tanto como cortes, arrumos ou ampliações das próprias casas.

Os vales dos rios Sousa e Ferreira integram um conjunto de **rotas e percursos históricos, culturais e ambientais**, dos quais se destacam a Rota do Românico do Vale do Sousa, a Rota dos Vinhos Verdes, vários **percursos pedonais** e **vias romanas**.

A **Rota do Românico do Vale do Sousa**, constituída por 21 monumentos românicos, entre mosteiros, igrejas, torres, pontes e monumentos funerários, pretende posicionar a região como o destino português do românico, sobretudo o **românico de matriz rural**. Este é um estilo arquitectónico entre o final do séc. X e o início do séc. XIII e que se sustenta no legado das grandes famílias da fundação da nacionalidade. Os monumentos que fazem parte da Rota do Românico do Vale do Sousa são os seguintes

(www.valedosousa.pt): a *Igreja de S. Miguel de Entre-os-Rios (Eja, Penafiel)*, a *Igreja de Gândara/ de S. Miguel (Cabeça Santa, Penafiel)*, a *Igreja de S. Gens de Boelhe (Boelhe, Penafiel)*, a *Igreja de S. Pedro de Abragão e Túmulos (Abragão, Penafiel)*, o *Memorial da Ermida (Irivo, Penafiel)*, a *Igreja do Salvador de Paço de Sousa (Paço de Sousa, Penafiel)*, a ***Ermida/Capela da Senhora do Vale (Cête, Paredes)***, a ***Igreja de S. Pedro de Cête (Cête, Paredes)***, a *Igreja de S. Pedro de Ferreira (Ferreira, Paços de Ferreira)*, a *Igreja Matriz de Meinedo (Meinedo, Lousada)*, a *Ponte de Espindo (Meinedo, Lousada)*, a *Ponte de Vilela (Aveleda, Lousada)*, a *Igreja de Aveleda/ do Salvador (Aveleda, Lousada)*, a *Torre de Vilar (Vilar do Torno, Lousada)*, a *Igreja de Santa Maria de Airães (Airães, Felgueiras)*, a *Igreja Matriz de Unhão (Unhão, Felgueiras)*, a *Igreja de S. Vicente de Sousa (Sousa, Felgueiras)*, a *Igreja de S. Mamede de Vila Verde (Vila Verde, Felgueiras)*, o *Mosteiro de Pombeiro (Pombeiro de Riba Vizela, Felgueiras)*, o *Monumento Funerário do Sobrado (Sobrado, Castelo de Paiva)* e a ***Torre de Aguiar de Sousa (Aguiar de Sousa, Paredes)***.

A Rota do Românico do Vale do Sousa tem como principais entidades envolvidas o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), a Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), o Instituto de Turismo de Portugal (ITP), a Diocese do Porto, a Associação para o Desenvolvimento do Turismo na Região do Norte (Adeturn) e a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N), cuja gestão está a cargo da Valsousa (www.valedosousa.pt). O projecto no âmbito do Programa ON/Operacional Norte, eixo II, no contexto da medida 2.4 – AIBT Vale do Sousa, envolve duas tipologias de intervenção: **conservação, salvaguarda e valorização do património histórico, e dinamização, promoção e animação da Rota do Românico** (Jornal de Notícias de 19 de Abril de 2008). De facto, e desde a sua criação em 1998, a Rota do Românico levou a cabo intervenções significativas no exterior e interior da grande maioria dos monumentos românicos do Vale do Sousa. A primeira fase da intervenção abrangeu 17 monumentos sob a tutela da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais. Desta fase destaca-se a Torre de Vilar, a Ponte de Espindo e a Ponte de Vilela, obras já terminadas. Segue-se, agora a possibilidade de uma intervenção no Mosteiro de Cête e no Mosteiro de Paço de Sousa, monumentos sob a tutela do IPPAR. A requalificação dos monumentos integrantes da Rota do Românico é um passo decisivo para a promoção do turismo no Vale do Sousa (www.valedosousa.pt). Esta rota é considerada o mais importante instrumento de dinamização cultural, social e económica e o mais importante produto turístico de desenvolvimento da região.

O projecto da Rota do Românico envolve 6,4 milhões de euros para a conservação dos monumentos, 48 mil euros para estudo e programa de implementação e dinamização turística, 605 mil euros para candidatura ao programa de comunicação, informação e interpretação, 420 mil euros para planos de formação para a dinamização da rota, 95 mil euros para estudos de salvaguarda das envolventes dos monumentos e 46 mil euros para o estudo de definição do modelo de gestão e viabilidade económica,

num total de 7,6 milhões de euros (Jornal de Notícias de 19 de Abril de 2008). Foram também realizados 16 cursos de formação e pós-graduação, envolvendo duas centenas de formandos.

Várias têm sido as iniciativas para promover a Rota do Românico do Vale do Sousa, projecto da Comunidade Urbana do Vale do Sousa (www.valedosousa.pt). Com já cerca de dez anos, a implementação da Rota do Românico do Vale do Sousa aposta na divulgação ao público, através da colocação de sinalética de informação turística e cultural em toda a rede viária da região e de painéis informativos junto a cada um dos monumentos, à produção de diversos materiais informativos como uma publicação científica, um guia turístico, uma brochura de apresentação, um mapa de bolso, um filme promocional, um sítio na internet e peças de merchandising (www.forumvaledosousa.com). Em estudo, está a criação de uma entidade gestora do projecto para gerar uma nova dinâmica social e económica na região.

A **Rota do Vinho Verde** tem por objectivo estimular o desenvolvimento do potencial turístico da Região Demarcada dos Vinhos Verdes nas diversas vertentes da actividade vitivinícola e da produção de vinhos de qualidade. Integra um conjunto de locais dentro da Região associados à vinha e ao vinho, organizados em rede e devidamente sinalizados, que possam suscitar um reconhecido interesse por parte do turista, através de uma oferta rigorosamente seleccionada e caracterizada. Integram a Rota 67 aderentes, entre os quais adegas cooperativas, produtores-engarrafadores, armazenistas-vinificadores, associações de cooperativas, restaurantes e associações de viticultores (rota.vinhoverde.pt). O protocolo que criou a Rota do Vinho Verde foi assinado em Braga em Setembro de 1995, e envolve a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte, a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, a Região do Turismo do Alto Minho, a Região do Turismo do Verde Minho, a Região do Turismo da Serra do Marão, a ADETURN - Turismo Norte de Portugal e a Associação Portuguesa de Agências de Viagem e Turismo. Do Vale do Sousa, integram os seguintes pontos de referência na rota dos vinhos verdes: a *Quinta de Simoens (Macieira da Lixa, Felgueiras)*, a *Caves Felgueiras (Margaride, Felgueiras)*, a *Quinta da Cela (S. Jorge de Vizela, Felgueiras)*, a *Quinta da Tapada (Casais, Lousada)*, a *Casa de Vila Verde (Caíde de Rei, Lousada)*, a *Quinta de Lourosa (Sousela, Lousada)*, a *Adega Cooperativa de Lousada (Silvares, Lousada)*, a *Adega Cooperativa de Paredes (Castelões de Cepêda, Paredes)*, a *Quinta D'Além (Bitarães, Paredes)*, a *Quinta da Aveleda (Aveleda, Penafiel)*, a *Casa de Cabanelas (Bustelo, Penafiel)* e a *Quinta da Lixa (Vila Cova da Lixa, Penafiel)*.

São vários os exemplos de **percursos pedestres** que incluem troços dos rios Sousa e Ferreira. A Associação Juvenil de Aguiar de Sousa, juntamente com a Junta de Freguesia de Aguiar de Sousa fomenta alguns percursos pedestres tais como: **Natura 2000, Salto, Moinhos nas Margens do Sousa,**

Vale do Torno/Aldeia e Santa Marta. Todos estes percursos têm uma duração entre 2 - 2h30m, excepto o percurso Natura 2000 que tem uma duração de 6h30m, tendo todos eles por objectivo a observação da paisagem, o conhecimento etnográfico e cultural de Aguiar de Sousa e o contacto com a natureza. Do lado do concelho de Paredes já estão marcados alguns **percursos pedestres e de BTT** (www.rotadosmoveis.pt) tais como os trilhos para contacto com a natureza e a paisagem, na serra de Santa Iria, possuindo um grau de dificuldade médio e baixo: O **PR 1 – AG - Trilho de Alvre**, com uma distância de 3,5 km e duração média de 1h30m, é um percurso circular com início e conclusão no Salto; faz o percurso passando por Alvre e pela ribeira de Santa Comba, aproveitando um caminho antigo e percorrendo as margens do rio Sousa. Este percurso atravessa paisagens verdejantes de grande beleza natural. O **PR 2 – AG - Trilho da Peregrinação**, com uma distância linear de 2,1 km (ida e volta 4,2 km) e duração média de 2 horas, aproveita o caminho por onde passa a procissão em honra de Nossa Senhora do Salto todos os anos no 1º domingo de Maio, o chamado trilho do Salto, até à Igreja Matriz de Senande. Este percurso permite o contacto com a natureza e com um aglomerado ainda marcadamente rural como é o de Senande. O **PR 3 – SOB – Trilho Rural**, com uma distância de 18 km e duração média de 5h30m, é um percurso marcadamente rural e circular, com início e fim na estação de caminhos-de-ferro de Sobreira, percorrendo as margens do rio Sousa e Ribeira de Santa Comba, passando pelo Parque de Merendas. Este trilho conjuga o meio urbano com o meio rural, e permite atravessar diversos cenários naturais e arquitectónicos, como vestígios arqueológicos e moinhos. O **percurso de BTT “Couto mineiro das Banjas”** localizado na freguesia de Sobreira, possui um grau de dificuldade médio, percorrendo uma distância de 30 km em círculo e uma duração média de 3h30m. Permite, além da observação panorâmica e paisagística, contactar com calçadas romanas e outros vestígios deste período, assim como conhecer o couto mineiro das Banjas e alguns núcleos rurais (www.rotadosmoveis.pt).

Foi também implantada uma rede de **percursos pedestres pela serra de Santa Justa** (Câmara Municipal de Valongo/CIBIO, 2004). No seu início e final, existem sinalizadores, que indicam as plantas cartográficas da área, delimitações de parque, outros percursos e locais de passagem importantes. Os percursos possuem diferentes cores, com diferentes temáticas e dificuldades. O **percurso lilás** inicia na ponte próximo dos Moinhos do Cuco, terminando na Estrada Nacional que liga Valongo a S. Pedro da Cova. Possui uma extensão de cerca de 3,2 km e uma dificuldade média. Devido aos declives bastante acentuados, existe a possibilidade da prática de escalada junto ao Vale da Tranquilidade. Podem também, visitar-se moinhos hidráulicos em funcionamento, fojos (como o Fojo das Pombas, Fojo da Valéria, Três Fojos Sagrados), a Mina do Campo de Trabalho, explorações mineiras mais recentes (como a Mina do Vale do Inferno), o Vale da Tranquilidade e uma vista para o rio Ferreira (ww.cm-valongo.net). O **percurso amarelo** começa também na ponte junto aos Moinhos do Cuco, onde acaba, após uma passagem pelas Fragas do Castelo. Com uma extensão de cerca de 1,2 km, possui um grau de dificuldade entre média a elevada. No seu decorrer, existe a possibilidade de visitar moinhos hidráulicos

em funcionamento, poços de antigas explorações mineiras, avistar o vale do rio Ferreira e, no final do percurso, a possibilidade de praticar alpinismo e escalada (www.cm-valongo.net). O **percurso verde** inicia e termina na ponte junto aos Moinhos do Cuco, passando pela Aldeia de Couce. Apesar da sua extensão de cerca de 4,8 km, possui um grau de dificuldade médio a baixo. Tem, como principais pontos de interesse os moinhos hidráulicos em funcionamento, o rio Ferreira, a Aldeia de Couce e a variabilidade litológica das serras (www.cm-valongo.net).

Existem ao longo da região do Vale do Sousa e Ferreira vestígios de antigas **vias romanas**:

Porto (CALE) - Valongo - Penafiel - Marco de Canaveses – Freixo (TONGOBRIGA) seria uma via romana secundária de acesso às minas de Valongo, Gondomar e Paredes, e daí a Tongobriga em Marco de Canaveses. Esta rota parece seguir no essencial a EN15 e a A4 numa região densamente povoada pelo que restam poucos vestígios. Salientam-se as travessias dos dois grandes rios da região, **o Ferreira e o Sousa, em pontes medievais mas talvez com origem romana** e principalmente o excepcional **troço de calçada romana a seguir à Ponte de Cepêda**. Teria início na Sé, no Porto, pela demolida Porta de Vandoma, Calçada de Vandoma e Rua Chã, antiga Rua Chão das Eiras, subia pela Rua Cimo de Vila à Praça da Batalha, antiga Porta da Muralha. Seguiria pela Rua de Santo Ildefonso (antiga Rua Direita), passava no Largo do Padrão, Campo 24 de Agosto (antigo Campo das Mijavelhas), prosseguia depois pela Rua do Bonfim (antigo Chão das Oliveiras) e Rua de Godim. Seguindo pela Rua de S. Roque da Lameira, atravessava o rio Tinto talvez na Travessa da Ponte, acompanhava a EN15 por S. Caetano, Cavada Nova e Venda Nova e entrava no concelho de Valongo, com possível ligação às **minas romanas na Serra de Santa Justa** e, já em Gondomar, às do **Covelo e de Medas**, passando pela **calçada junto à Ponte de Couce sobre o rio Ferreira**. Seguindo depois para **S. Martinho do Campo**, com possível ligação a Aguiar de Sousa, centro de uma região mineira como as **Minas Romanas de Banjas e Covas de Castromil pela Ponte da Morte, em Luriz, sobre o rio Ferreira** e pelo lugar da **Milhária**, eventual referência a um miliário. Atravessando uma hipotética ponte romano-medieval sobre o rio Ferreira, chegaria à Gandra e continuava por Vilarinho de Baixo, Granja e Carreiro, Vandoma (junto ao Castro Romanizado do Muro) e chegaria a Baltar, com possível desvio para os **Mosteiros de Cête** e Paço de Sousa pela Ponte do Vau sobre o rio Sousa ao km 2 da EN319-3. Em Vila Cova de Carros, sai da EN15 e segue pela EN319 até entroncar na EN598-1 onde vira à direita por Agrela. Em Paredes (antiga Castelões de Cepêda), passaria junto ao jardim público pela Rua da Estrebuela e depois pela Rua de Cepêda, atravessaria a **Ponte de Cepêda sobre o rio Sousa**, na EM 1325; seguiria pela calçada e subiria à Costeira. Em Penafiel, desembocava na entrada da Quinta da Aveleda, atravessava pelo caminho em frente até entroncar na EN596-1, seguiria até Penafiel (antiga Arrifana do Sousa) e depois Santa Marta e Croca. Daí partiria até Rezezinhos, onde se dividia, uma para Marco de Canaveses por Vila Boa de Quires e outra para Amarante por Vila Meã (adaptado de viasromanas.planetaclix.pt).

Braga (BRACARA) - Idanha-a-Velha (IGAEDITANIA) – Mérida (EMERITA) seria uma outra via romana com um troço de passagem pelo Vale do Sousa, embora o seu percurso não referenciado por Antonino esteja muito indefinido. O itinerário possível percorreria vários troços de vias regionais como o indicam as milhas nos miliários existentes. Parte desta via romana seria o troço entre Paços de Ferreira e Valongo. De Guimarães seguiria para Sul pela EN105, passando em Moreira de Cónegos, atravessando a Ponte Romana de Negrelos ou de São Martinho do Campo, sobre o rio Vizela em Santo Tirso, de onde rumaria à esquerda para Vilarinho por Burreiros, Costeira, Mosteiro, Estrada, Paradela e depois por S. Tomé de Negrelos ou Roriz e em Paços de Ferreira, chegaria à citânia de Sanfins de Ferreira e seguiria por Eiriz, Bouçós com passagem pela necrópole de Meixomil. Depois atravessaria a calçada e necrópole de Frazão e entraria em Lordelo (Paredes) pela EN209, atravessaria a **Ponte das Penhas Altas sobre o rio Ferreira**, seguindo depois para Rebordosa, Aboim e Portela onde entroncaria na EN15, e continuando por esta estrada até à Granja, onde desembocaria na via proveniente do Porto (adaptado de viasromanas.planetaclix.pt).

Os vales do Rio Sousa e Ferreira estão associados a **histórias, lendas e tradições** locais que também fazem parte do seu património cultural, de que são exemplos a Lenda da Festa das Bugiadas, a lenda da Serra de Pias e S. Martinho do Campo, a história das padeiras de Valongo, a lenda da Batalha de Ponte Ferreira entre as tropas de D. Pedro IV e de D. Miguel, a lenda da Senhora do Salto, a lenda de Santa Comba e a história da Rebordosa como "berço do móvel".

Lenda da Festa da Bugiada

"No tempo em que os Mouros habitavam a Serra da "Cuca-Ma-Cuca" (Serra de Santa Justa), o seu Rei tinha uma filha que ao completar 16 anos adoeceu gravemente, e depois de todos os meios para a curar terem falhado, acabou por recorrer ao Rei Visigodo, seu vizinho, que tinha como padroeiro S. João Baptista. Este, apiedado, pela menina rezou. Para espanto e admiração do Rei Mouro, a menina curou-se, pelo que ele mandou organizar uma festa e banquete, em agradecimento e honra do Santo, para a qual convidou os vizinhos cristãos. No fim da festa, os mouros levaram o santo numa majestosa procissão e aproveitando a sua momentânea posse, o Rei Mouro tentou com ele ficar, convencido que este lhe haveria de conceder sorte e saúde. Os cristãos traídos e revoltados tentaram reavê-lo mas foram suplantados pela superioridade moura. Lembrando então os usos e artimanhas de certa tribo Visigoda a quem chamavam Bugios, e sabendo os mouros supersticiosos, com máscaras horrendas e armados com utensílios de lavoura partiram para enfrentar os infleis. Desta feita, para além de vencidos, o seu rei foi feito prisioneiro. Desalentados pediram ao seu Santo que os iluminasse e assim lhes surgiu a ideia de

construir a figura de uma enorme serpente com a qual, se lançaram pelo acampamento mouro. Assustados com tal alvoroço, os mouros espavoridos, fugiram, deixando para trás não só o prisioneiro como a imagem do adorado S. João." A Festa da Bugiada realiza-se no dia 24 de Junho (S. João de Sobrado) e consiste numa representação desta lenda que dura o dia inteiro. Em Sobrado festejam-se ainda S. Gonçalo no último domingo de Abril, Nossa Senhora das Necessidade no 1º domingo de Setembro e Santo André no último domingo de Novembro. No jardim defronte à Igreja realizam-se duas feiras semanais, à terça-feira e ao sábado (www.regional-editora.com).

Lenda da Serra de Pias e S. Martinho de Campo

"Conta-se que no ano de 560 Theodomiro tendo recorrido a S. Martinho, arcebispo de Tours, para obter a cura de seu filho, conseguiu o que pediu e converteu-se ao catolicismo com todo o seu povo. Mandou emissários a França levar ricas oferendas e trazer algumas relíquias do Santo para colocar na igreja que mandara fazer na cidade do Porto. Na volta, os emissários, seguindo a estrada dos romanos, subiram Aguiar de Sousa para Valongo. Apertados pela sede dirigiram-se a uma cisterna (pia), daí o nome de serra da Pia, que existe no alto do monte. Aí se saciaram e os seus animais. Descansando mais adiante, nas margens do rio Ferreira, onde havia grande número de habitações, baptizaram esse povo, construíram uma Igreja à qual deram o nome do mesmo Santo, passando a designar-se S. Martinho de Valongo porque compreendia as terras das duas freguesias" (Silva et al., 2001).

A História das Padeiras de Valongo

"Durante os sécs. XVII e XVIII, o Porto alimentava-se quase em exclusivo de pão de Valongo e de Avintes. Em Valongo, eram mais de 160 as rodas de moinho instaladas ao longo do rio Ferreira e mais de 100 as padarias e muitas mais as padeiras que se encarregavam do fabrico e venda do pão por toda a cidade do Porto. Alberto Pimentel escreveu o viver destas mulheres padeiras de Valongo: "Ganham a vida fornecendo o pão trigo e o pão doce em grandes rocas que lá chamam regueifas; também fabricavam biscoitos azedos (de tosta) e biscoitos doces. Todo o trabalho de padaria recai principalmente sobre as mulheres. Por isso, diz a cantiga local que é "burra para todo o serviço". Com respeito à burra, torna-se necessária uma aclaração: efectivamente, a padeira de Valongo é uma moira de trabalho – uma burra, como diz o povo. Mas, em geral, cada padeira tem por sua vez à sua disposição para ir ao Porto, vender o pão e o biscoito, uma burra autêntica que conduz a canastra e sobre as canastras, a dona". Cada casa era uma padaria e o pão que chegava à grande cidade era o novo ouro que entrava em casa dos Valonguenses. Foi esse ouro, o impulsor de todos os melhoramentos que se fizeram na sede do concelho. Aos sábados, às quartas e às terças, saíam cedo os carregamentos de pão e biscoitos e regueifas a caminho do Porto. As regueifas e os biscoitos iam em canastras, estes acondicionados em

sacos compridos, cada um com 250 gramas. Os biscoitos eram de milho ou de limão e tinham por vezes a forma de um “S”. Paralelamente, o consumo de manteiga chegou a ser tanto que impulsionou autenticamente a respectiva produção principalmente nas áreas de Paços de Ferreira e Lousada, já que a manteiga daí era a preferida pela sua excelente qualidade e óptimo gosto, uma característica que lhe vinha através dos pastos que aí existiam, em plena chã do Ferreira.

Quando o comboio passava na estação, logo ouvíamos apregoar a regueifa por vozes estridentes e musicais, as mulheres treinadas na escola de canto dos frios e calores à espera de quem passava. Lembra-me delas, batas irrepreensíveis com o pão que traziam sob um pano branco. Apregoavam: “Regueifa de Valongo, quem merca a regueifa”. As pessoas debruçavam-se das janelas e mercavam. Alguns passageiros guardavam os estômagos e os espaços com cestas dos farnéis – da viagem de três, quatro horas, até à Régua ou ao Tua – para o pão que ali haveria de vir. Passei há pouco tempo na Estação e com surpresa – e porque não? – contentamento, lá encontrei duas mulheres apregoando regueifas. “Não morreu tudo”, pensei, “mas deve faltar pouco”... Desta coisa de uma terra crescer graças ao pão ufana-se Valongo num atributo: o seu brasão não evoca feitos guerreiros, mas o heroísmo pacífico dos homens e mulheres que o fabricavam, com o trigo e a roda dos moinhos. Só falta – acho eu – em praça pública, o monumento aos obreiros anónimos destas canseiras. E descobri, além do mais uma referência que desconhecia relativamente à contribuição das padeiras para o progresso da terra: materializada na construção singela, mas grandiosa da Igreja Matriz (de Valongo), erguida a pouco e pouco no decorrer dos anos com o tributo de 5 réis em alqueire de trigo importado para o fabrico local do pão e de um real por um cartilho de vinho, ou de azeite e arratel de carne destinados ao consumo dos moradores da Vila”. (Silva et al., 2001)

Lenda da Batalha de Ponte Ferreira entre as tropas de D. Pedro IV e de D. Miguel

“Completaram-se já 172 anos sobre o dia em que se travou a batalha de Ponte Ferreira entre os exércitos de D. Pedro IV e o seu irmão D. Miguel. Foi em 23 de Julho de 1832 e teve como campo de batalha o lugar de Ponte de Ferreira em Campo - Valongo.

No local, conserva-se ainda hoje, como então, a ponte de granito pela qual os dois exércitos se debateram para a travessia do rio. Segundo o relato dessa batalha feito pelo historiador Luz Soriano na sua obra “História do Cerco do Porto” participaram nela aproximadamente 23 000 homens, sendo de D. Miguel 15 000 homens e de D. Pedro IV apenas 8 000. Além dos regimentos portugueses da artilharia, infantaria e cavalaria, também nela participaram dois batalhões estrangeiros, um inglês e outro francês, ambos por D. Pedro IV. Durante mais de 12 horas, liberais e miguelistas bateram-se em Ponte Ferreira como valentes soldados que eram. Desde o dia 17 daquele mês de Julho que os dois exércitos se encontravam em pequenas lutas, quer pelos montes, quer pelas ruas de Valongo, até que, na manhã do

dia 23 tiveram em Ponte Ferreira a sua grande batalha. Uma vez chegado a Valongo à frente das suas tropas, D. Pedro IV teve conhecimento de que o exército de seu irmão se encontrava instalado numa linha de batalha sobre montes situados por diante da povoação da Granja, na freguesia de Gandra, do outro lado do rio Ferreira, isto é, já no concelho de Paredes, até Chão de Terronhas, ficando-lhe pela frente o rio. A sua direita, que chegava à margem esquerda do rio, em Balsehas era constituída pela 3ª Brigada com 2 esquadrões de cavalaria e uma peça de artilharia, sendo toda esta força protegida por uma íngreme montanha, a sua esquerda apoiava-se na serra do Raio" (www.jf-campo.pt).

Lenda da Senhora do Salto

A Lenda da Senhora do Salto consta de duas variantes: uma, é a do cavaleiro que perseguido pelo demónio, apercebe-se do precipício e da sua iminente queda. Aflito, invoca Nossa Senhora. Esta aparece-lhe e diz-lhe que se atire à vontade. Então, o cavaleiro e cavalo rolam para o precipício. Por efeito de milagre, não houve perigo para ambos. Deste salto resultou a impressão de cinco marcas numa laje do rio, que terá ficado mole como cera (Coelho, 1988). Os cinco buracos visíveis numa laje do leito do rio, próximo da capela, têm sido atribuídos às patas e focinho do cavalo ao aterrar. A outra versão é semelhante à anterior, divergindo apenas na figura do Diabo que aparece em forma de lebre, a correr diante do cavaleiro, provocando a mesma situação de perigo (www.cm-paredes.com). Esta lenda foi registada em 1874 por Augusto Luso da Silva que sendo poeta a transformou em quadras, que publicou no jornal "O Primeiro de Janeiro" no dito ano, bem como no seu livro denominado Impressões da Natureza e que aqui se transcrevem (Coelho, 1988):

Pela serra d'Abelheira

Montado em nédio corcel,

Leva seguida carreira

Um cavalheiro donzel.

Rompe-lhe rápida lebre

Que ali lhe escapa do pé!

Deita a correr com tal febre,

Que nada teme nem vê.

A barba luzente brilha

Do orvalho que em gotas cai;

Fareja veloz matilha

Que em roda saltando vai.

A lebre corria adiante,

E ele atrás, sempre a correr.

la o cavalo ofegante

Já em suor a escorrer.

Não vê dez braças em frente

Com tamanha névoa assim!

Ouve saltar de repente

Os cães a latir! Enfim.

Ela ia de rabo alçado,

E o via seguir atrás,

Por ter os olhos de lado;

Que fino que é Satanás!

Mas eis que chegando à beira

Daquele abismo... saltou;

E no inferno matreira

Pelo rio se escapou!

Ele ia, enfim, sem receio

E cego, a bom galopar;

Não pôde reter o freio,

Sente o cavalo saltar.

E sente do ar a corrente

Que as faces cortar-lhe vem;

Vê-se suspenso e pendente

Sobre o abismo também!...

Valei-me, Virgem Senhora,

Valei-me, sou pecador;

Por mim não, mas por ela agora,

Que sois todo o seu amor.

E sem o menor abalo,

(Tal não viu Nazaré)

Firme se achou no cavalo

Na parte oposta de pé!

Mui contrito e arrependido

Feria o peito co'a mão;

E, se votou decidido

Da Virgem à devoção.

Mas, para lembrança sua,

Daquele milagre ali

Tosca ermida, pobre e nua,

Foi levantada por si.

Depois contava em segredo,

Á que era do peito seu,

Como saltara do rochedo

Como a Virgem lhe valeu.

Que ele d'ali partia

Agora aos santos lugares

Mas que a Virgem os veria

Unidos em seus altares.

Ainda dedicados à Senhora do Salto, referindo a lenda e fazendo alusão aos factos históricos e descrevendo os acidentes geográficos locais, são as 7 quadras publicadas em 1971 no livro "Terra Verde!", cancionero que o Padre Moreira das Neves, com espírito lúdico, escreveu sobre cada uma das freguesias do concelho de Paredes, e que é oportuno reproduzir (Coelho, 1988):

"Nossa Senhora do Salto,

Lírio de cerro deserto:

O teu altar fica alto,

Mas tu estás tão perto.

Passa o rio entre rochedos,

Passa o rio lá no fundo,

Como se, tendo segredos,

Não os queira dar ao mundo.

Um cordeiro se perdeu

Entre os silêncios da Serra,

Por mais que sejas do Céu,

Nunca te esqueces da Terra.

Todas as sombras se vão

*E cada vez mais além.
Só não se vai o clarão
Que dos Teus olhos nos vem.*

*Quem te visite, que aprenda
De ti, que és Mestra em doutrina.
Anda o teu nome na lenda?
A lenda também ensina.*

*Talvez o rio que passa,
Como outro rio qualquer,
Vá cheio da tua graça,
Mais do que de água a correr.*

*Dizem que o Ahmer, o Almançor,
No lugar Te antecedeu.
Mas, ficou o Teu amor,
E o ódio de Ahmer morreu.”*

Lenda de Santa Comba

“À volta dos Mouros, circulam sempre muitas lendas. Uma dessas lendas foi contada no Jornal «O Levensense» de Julho de 1916, da qual se retirou a parte principal: «No ano de 934, o rei mouro de Córdova, com um exército numeroso, entrou em Portugal revolvendo todos os edificios e até penhascos, mandava esfolar os homens vivos, cortava os peitos às mulheres e tomava as crianças pelas pernas, batendo-lhes com as cabeças pelas pedras até as matar. (...) Aqui perto, destruíram o Mosteiro de Aguiar de Sousa, onde tentaram matar entre outras a Santa Comba, que fugiu, sendo perseguida até ao local onde foi martirizada e hoje se acha levantada a histórica ermida que lhe tomou o nome.». Uma devoção extraordinária por Santa Comba, e a construção de uma capela em sua honra, foi a consequência mais próxima do martírio da Santa. Não é ela, porém, o orago da freguesia, mas sim São Pedro, padroeiro dos serralheiros e dos sapateiros. Goza de grande popularidade em Portugal, principalmente nas vilas e aldeias piscatórias.” (www.sobreira.net)

História da Rebordosa como o “berço do móvel”

“Segundo o testemunho de um dos “pais da indústria do mobiliário em Rebordosa”, o Sr. Joaquim Moreira dos Santos, a transformação da madeira em termos de marcenaria foi introduzida por um italiano, siciliano de origem, que, pelos anos 20 do séc. XIX, aqui se estabeleceu, contraindo matrimónio com uma senhora de Santa Luzia. Desse casamento houve três filhos varões, ficando esta família conhecida por «Sesilas», da qual ainda hoje há descendentes. Esta actividade teve um impacto tão grande que, de acordo com os mesmos testemunhos, nos finais do séc. XIX praticamente todas as famílias tinham cadeiras, conhecidas por carreiras (mulheres que transportavam cadeiras às costas ou à cabeça). O sector teria o seu momento mais negro a partir de 1914, com o eclodir da Primeira Grande Guerra e com a emigração para o Brasil, mas rapidamente Rebordosa recuperaria aquela que se iria tornar a sua

actividade principal. Em 1922, dava-se conta de pequenas oficinas que iniciavam tráfego de mercadorias para Lisboa e Porto, demonstrando a qualidade inequívoca dos produtos finais. Em 1935, surgem os primeiros relatos de importação de mão-de-obra qualificada ao nível dos acabamentos e esse ponto parece ter resultado em cheio, já que é uma das actuais imagens de marca do sector. O crescimento foi tal que Rebordosa passou a figurar no mapa económico nacional como o berço do móvel.” (www.jf-rebordosa.pt).

Património Natural

A bacia dos rios Sousa e do Ferreira apresenta, em alguns troços, importantes representações de **habitats naturais**, sendo as **galerias ripícolas** dos principais rios, as **florestas naturais** (carvalhais, sobreirais, loureirais), as **comunidades dos afloramentos rochosos**, os **matos rasteiros** e as **zonas húmidas**, associadas a pequenos cursos de água os elementos significativos no que se refere à flora.

O **pinheiro-bravo** (*Pinus pinaster*) difundiu-se de forma extraordinária nas últimas décadas, substituindo num ritmo avassalador as florestas autóctones de **carvalhos** (*Quercus robur*), **soutos** (*Quercus suber*) e **pinheiros-mansos** (*Pinus pinea*), cultivados desde há milhares de anos. O mesmo se passou com o **eucalipto** (*Eucalyptus globulus*), espécie totalmente deslocada da mata original, mas de ciclo vegetativo muito curto e de fácil adaptação a solos ácidos. Os pinhais com eucaliptais são hoje dominantes na paisagem e ganham cada ano maior área de implantação, trepando as encostas de mato, envolvendo terras e povoações.

Grande parte do rio Sousa e dos seus principais afluentes possui **galerias ripícolas arbóreas** (habitat 91E0* do Anexo I da Directiva Habitats, considerado prioritário no contexto comunitário) relativamente bem estruturadas, mas ruralizadas por diversos processos de humanização da paisagem (agricultura, silvicultura, expansão urbana). Estas galerias ripícolas são tipicamente dominadas pelo **amieiro** (*Alnus glutinosa*), pelo **salgueiro-negro** (*Salix atrocinerea*) e pelo **freixo** (*Fraxinus angustifolia*). O **narciso endémico** *Narcissus cyclamineus* (espécie listada no anexo II da Directiva Habitats), cuja presença ainda não foi confirmada na sub-bacia do rio Sousa (mas é conhecida no seu afluente rio Ferreira), constituirá o elemento florístico de maior importância neste ambiente. Além dos rios Sousa e Ferreira, também os rios Cavalum e Mezio e a Ribeira de Santa Comba possuem, em alguns troços, galerias ripícolas de grande valor. Além dos rios principais, assumem também importância em termos de conservação as pequenas linhas de água que desaguam nos rios Sousa e Ferreira. Aí podemos encontrar vegetação de ambientes húmidos de carácter oligotrófico (habitat 7150 do Anexo I da Directiva Habitats), cada vez mais rara em

zonas de baixa altitude, como as comunidades com **esfagnos** (*Sphagnum sp. pl.*) e **plantas insectívoras** (*Pinguicula lusitanica*, *Drosera sp. pl.*) (ADER-SOUSA, 2007; ADER-SOUSA, 2008).

As formações vegetais naturais mais comuns das áreas serranas na sub-bacia do rio Sousa são os **matos rasteiros** (habitat 4030 do Anexo I da Directiva Habitats), particularmente nas serras de Santa Justa e Pias. A composição da comunidade vegetal nestas formações rochosas é muito estável e formada por um pequeno número de espécies: sobre xistos, predominam a **carqueja** (*Pterospartum tridentatum subsp. Cantabricum*), **torga** (*Erica umbellata*) e um **tojo endémico** (*Ulex micranthus*); sobre granitos, os matos são dominados por outras espécies de tojo: o **tojo-arnal** (*Ulex europaeus subsp. latebracteatus*) e o **tojo molar** (*Ulex minor*). Nas clareiras destes matos rasteiros, ocorre um endemismo de distribuição (*Succisa pinnatifida*) e são comuns os **tomilhões** de *Thymus caespititius* (habitat 8230 do Anexo I da Directiva Habitats) que na Primavera apresentam uma floração rosácea extremamente chamativa. Em alguns locais, os matos evoluem para matagais dominados pela **giesta-negral** (*Cytisus striatus*) ou pelo **medronheiro** (*Arbutus unedo*) e pela **urze-vermelha** (*Erica australis*). Quando se instalam em zonas húmidas nas proximidades das linhas de água, os matos são dominados pela **lameirinha** (*Erica ciliaris*), **tojo-molar** (*Ulex minor*) e um arbusto espinhoso endémico do Noroeste da Península Ibérica, o **arranha-lobos** (*Genista berberidea*), constituindo um habitat prioritário do Anexo I da Directiva Habitats (4020*) (ADER-SOUSA, 2007; ADER-SOUSA, 2008).

Os **carvalhais** (habitat 9230 do Anexo I da Directiva Habitats), que outrora teriam dominado a paisagem vegetal do território, encontram-se actualmente limitados aos fundos de vale e ocorrem, de forma dispersa e muito fragmentada, um pouco por toda a bacia, geralmente em contacto com as galerias ripícolas. Estas formações, apesar de escassas, são, no entanto, muito interessantes do ponto de vista biogeográfico, porque se encontram repletas de elementos característicos das florestas mediterrânicas. Para além do **sobreiro** (*Quercus suber*) que acompanha o **carvalho-alvarinho** (*Quercus robur*) no estrato arbóreo, podemos encontrar no estrato arbustivo o **aderno** (*Philyrea latifolia*), a **murta** (*Myrtus communis*), o **folhado** (*Viburnum tinus*) e a **recama** (*Smilax aspera*). Na parte terminal do rio Sousa, estes carvalhais são orlados por bosquetes de **loureiro** (*Laurus nobilis*), típicos de zonas declivosas e com alguma humidade. Estes loureirais possuem um elevado valor para conservação, pelo seu carácter relíquia e pelo seu estatuto de habitat prioritário do Anexo I da Directiva Habitats (5230*) (ADER-SOUSA, 2007; ADER-SOUSA, 2008).

Nas **escarpas e afloramentos rochosos** (como acontece na **Senhora do Salto**, uma das zonas com maior potencial de conservação), estão registadas algumas plantas importantes como o **feto relíquia** *Davallia canariensis*, com ocorrência muito pontual no País, e o **endemismo do Noroeste Ibérico** *Silene marizii* (Habitat 8220 do Anexo I da Directiva Habitats). É altamente provável a ocorrência na sub-bacia do Sousa outros endemismos ibéricos de flora rupestre como a *Silene acutifolia*, *Anarrhinum*

duriminium, *Leucanthemopsis flaveola* e *Dianthus laricifolius* (ADER-SOUSA, 2007; ADER-SOUSA, 2008).

O **Parque Paleozóico de Valongo** integra parte do vale do rio Ferreira entre as serras de Santa Justa e Pias. Esta zona pode caracterizar-se pela introdução de espécies como a **mimosa** (*Acacia dealbata*) e o **eucalipto** (*Eucalyptus globulus*). O flagelo dos fogos, têm sido, foi e provavelmente continuará a ser responsável pelas extremas mudanças verificadas na paisagem. No passado, a paisagem seria bastante diferente da actual, em que as cumeadas das serras seriam cobertas por densos matos de tojos, urzes e musgos que seriam progressivamente substituídos, descendo o relevo, por densas manchas verdes de **carvalho-alvarinho** (*Quercus robur*), aqui e ali interrompidas pelas diferentes tonalidades dos **castanheiros** (*Castanea sativa*), **medronheiros** (*Arbutus unedo* L.) ou **sobreiros** (*Quercus suber*). Já nos vales e especialmente junto às linhas de água, a diversidade vegetal aumentaria e rios e ribeiras seriam bordejados por **choupas** (*Populus sp.*), **carvalhos** (*Quercus rubra*), **freixos** (*Fraxinus sp.*), **salgueiros** (*Salix sp.*) e **amieiros** (*Alnus glutinosa*), e onde os medronheiros (*Arbutus unedo* L.) também ressaltariam. Hoje, o estrato arbóreo dominante nas serras é constituído por eucaliptos, plantados para exploração de madeira, bem como manchas de pinhal. Nestas áreas, especialmente nos eucaliptais, a diversidade e riqueza vegetal são mínimas. No entanto, de uma forma irregular, pode-se encontrar elementos isolados, como carvalhos-alvarinho, sobreiros e **azinheiras** (*Quercus ilex*), resquícios de uma floresta desaparecida. Nos locais mais húmidos, com maior intensidade, predominam os restos da referida vegetação autóctone, em que os salgueiros, os medronheiros e os amieiros ainda podem ser encontrados. Nas zonas mais degradadas, quer por incêndios, quer pela pressão humana, são frequentes as mimosas ou acácias (*Acacia sp.*) e os **ailantos** (*Ailanthus altissima*) que começaram já a invadir o ecossistema.

A área do **vale do rio Ferreira, na zona de Couce**, trata-se de um local particularmente relevante, quer em termos de património botânico, salientando-se, de entre as comunidades permanentes, as formações palustres, onde vegetam várias espécies de **plantas carnívoras**, as formações ripícolas, como os **choupais** (*Populus alba*), os **salgueirais** (*Salix alba*), e os **freixiais** (*Fraxinus angustifolia* subsp. *angustifolia*), e os bosquetes mistos de **carvalho-roble** (*Quercus robur*), **sobreiro** (*Quercus suber*) e **pinheiro-bravo** (*Pinus pinaster*), particularmente exuberantes nas bordaduras das áreas de cultivo, onde ainda é possível encontrar pequenos núcleos de **azevinho** (*Ilex aquifolium*) (www.naturlink.pt). Os principais arbustos presentes são a **giesta** (*Genista sp.*), a **urze-das-vassouras** (*Erica lusitanica*), o **tojo** (*Ulex sp.*) e a **carqueja** (*Pterospartum tridentatum*), que se encontram nas áreas mais despidas da serra ou, em zonas afectadas por incêndios. Rente ao chão, todo o ano podemos observar muitas espécies de herbáceas, como por exemplo o cravo-do-monte (*Simethis planifolia*) e o trevo (*Trifolium sp.*) e, na Primavera, muitas espécies com pequenas flores são particularmente visíveis por toda a serra, dando-lhe um colorido característico. Também se observam numerosas plantas da flora mediterrânica como o

folhado (*Viburnum tinus*) e a **gilbardeira** (*Ruscus aculeatus*) (ADER-Sousa *et al.*, 2007). No denominado tapete herbáceo, ou estrato inferior, são de salientar as plantas carnívoras e os musgos.

Como **plantas carnívoras** mais características, predominam nas zonas húmidas ou pantanosas as **rorelas ou orvalhinhas** (*Drosera rotundifolia* e *Drosera intermedia*) e a **pinguicola-lusitânica** (*Pinguicula lusitanica*), espécie que costuma surgir associada às orvalhinhas, uma vez que possui as mesmas exigências ecológicas. Nas charneças secas e xistosas sobranceiras ao vale de Couce, é possível encontrar ainda uma outra espécie de planta-carnívora, esta bem mais rara e altamente ameaçada: o **pinheiro-baboso** (*Drosophyllum lusitanicum*). Trata-se de um endemismo ibero-marroquino de distribuição altamente localizada em Portugal. Contudo, apesar de constituir um dos *ex-libris* ambientais deste maciço montanhoso, tal parece não obstar à ameaça de extinção que sobre ela paira. De facto, alguns dos preciosos e reduzidos núcleos desta espécie têm sido de tal modo afectados pela actividade florestal intensa e desregrada, com recurso, sobretudo, à monocultura do eucalipto, sucessivos fogos florestais, deposição de entulho, perturbação humana (actividades todo-o-terreno, etc.), pressão urbanística que se crê estarem actualmente em vias de desaparecer nesta região (www.naturlink.pt).

Os **musgos** desempenham um papel importante ao reduzirem a erosão ao longo dos cursos de água, ao reciclarem a água e nutrientes e ao providenciarem importantes fontes de energia – a turfa. Dos musgos, salientam-se o esfagno (*Sphagnum sp.*) e a funária (*Funaria sp.*) (Santos e Silva, 2001).

Os **fetos** constituem motivo de interesse para quem visita a região, uma vez que aqui se encontram em grande número e tem elevado valor para futura conservação. Para além deste facto, algumas espécies, bastante raras no país e/ou na Europa, encontram na boca das minas e dos fojos, e ainda, nas fendas das rochas, nos troncos das árvores e na margem dos ribeiros, condições ideais para se desenvolverem (Câmara Municipal de Valongo, 2001). Os fojos e um pequeno troço do vale do rio Ferreira são os únicos locais do nosso país onde é possível encontrar algumas espécies protegidas como a **Culcita macrocarpa**, um feto ripícola, considerado uma verdadeira preciosidade pelos botânicos, cujos únicos núcleos conhecidos vegetam nos respiradouros e galerias das antigas minas auríferas romanas; a **Trichomanes speciosum**, uma relíquia paleotropical que hoje se encontra confinada a alguns locais húmidos e pouco iluminados da serra de Santa Justa; e a **Lycopodiella cernua**, um pequeno feto de aspecto arborescente, que tem nos terrenos alagadiços e parte inundada dos caminhos próximos do rio Ferreira, o único local conhecido de ocorrência em toda a Europa continental. Para além destas espécies, vale a pena realçar igualmente a presença da **Dicksonia antartica**, um feto arbóreo originário da Austrália e Nova Zelândia, que tem nesta região a única população naturalizada que se conhece em Portugal, e ainda a ocorrência da espécie **Dryopteris guanchica**, um pteridófito macaronésico muito raro em Portugal, que apenas vegeta em pequenas ravinas húmidas e sombrias (www.naturlink.pt). Podem ainda encontrar-se minúsculos fetos arbóreos como **Cheilantes** (Santos e Silva, 2001).

Nas bacias dos rios Sousa e Ferreira, uma fracção importante da **comunidade piscícola** é constituída por várias espécies de ciprinídeos, sendo menos frequente a presença de outras famílias. Dentro desta família, destaca-se a **boga-do-Norte** (*Chondrostoma duriensis*) e do **góbio** (*Gobio gobio*), com percentagens relativas de ocorrência de 41% e 38% no caso do Sousa e 76% e 15% no caso do Ferreira, respectivamente. Numa percentagem bastante menor, é possível encontrar o **ruivaco** (*Chondrostoma oligolepis*) e **enguia** (*Anguilla anguilla*). Espécies como a **perca-sol** (*Lepomis gibbosus*), **achigã** (*Micropterus salmoides*) e a **truta-arco-íris** (*Oncorhynchus mykiss*) foram apenas detectadas no troço inicial do rio Sousa. Das espécies não piscícolas, o lagostim-vermelho-da-Louisiana (*Procambarus clarkii*) é uma das mais abundantes na bacia do Sousa, seguida de anfíbios e cobras-de-água (*Natrix sp.*) (ADER-SOUSA, 2007; ADER-SOUSA, 2008). Nos locais menos poluídos do rio Ferreira, dentro do Parque Paleozóico de Valongo, sobrevivem alguns peixes como os **barbos** (*Barbus bocagei*), os **escalos** (*Leuciscus cephalus*) e as **enguias** (*Anguilla spp.*) e ainda espécies piscícolas listadas no Anexo II da Directiva Habitats, como a **boga** (*Chondrostoma polylepis*) e o **bordalo** (*Rutilus alburnoides*), ambos endemismos ibéricos, ou o ruivaco (*Rutilus macrolepidotus*), um endemismo português. O regresso dos peixes ao rio Ferreira, em particular os barbos, tem sido uma realidade após a desactivação de algumas fábricas a montante que poluíam o rio. A **truta** (*Salmo trutta*), animal bastante sensível, devido à poluição do rio, desapareceu até quase aos nossos dias.

Dos **mamíferos** identificados na bacia dos rios Sousa e Ferreira, destaca-se a **lontra** (*Lutra lutra*), com distribuição generalizada de Norte a Sul do País, mas cujo estatuto de conservação está definido como pouco preocupante, estando ameaçada pela destruição da vegetação ripícola, a poluição da água, a regularização dos sistemas hídricos, a mortalidade acidental por atropelamento, a perseguição directa, a sobre-exploração dos recursos hídricos, o impacto das barragens e a presença humana (ICN, 2006). Para além da lontra, foi também encontradas **raposas** (*Vulpes vulpes*), **esquilo** (*Sciurus vulgaris*), **coelho** (*Oryctolagus cuniculus*), **fuinha** (*Martes foina*), **geneta** (*Genetta genetta*), **javali** (*Sus crofa*) e **texugo** (*Meles meles*). É provável a presença de **toirão** (*Mustela putorius*) e **doninha** (*Mustela nivalis*). Embora não observado, também se refere a presença do **visão-americano** (*Mustela vison*). Dos micromamíferos, e com incidência em alguns troços do rio Ferreira, destaca-se a predominância do género *Pitymys sp.* com uma percentagem de cerca de 43% (**rato-lusitânico** (*Putymys lusitanicus*) e **rato-dos-prados-mediterrânicos** (*Pitymys duodecimcostatus*)) e o **musarinho-de-dentes-brancos** (*Crocidura sp.*) com cerca de 29%. As restantes espécies encontradas foram **rato-das-hortas** (*Mus spretus*), **rato caseiro** (*Mus musculus*), **rato-dos-bosques** (*Apodemus sylvaticus*), **ratazana** (*Rattus sp.*), **rato-do-campo** (*Microtus agrestis*), **ouriço-cacheiro** (*Erinaceus europaeus*) e **toupeira-de-água** (*Galemys pyrenaicus*), esta última encontrada no rio Mezio e no rio Ferreira. Nas Serras de Santa Justa e Pias, os mamíferos mais abundantes são o **coelho-bravo** (*Oryctolagus cunicula*) e a raposa, de hábitos nocturnos ou crepusculares. Outros pequenos mamíferos estão também presentes como ouriços-cacheiros, rato-do-

campo, **toupeiras** (*Talpa caeca*), **texugos** (*Meles meles*) e **doninhas** (*Mustela nivalis*) (Santos e Silva, 2001). Verifica-se um acentuado declínio em algumas populações, designadamente entre determinadas espécies de mustelídeos, como a lontra ou o toirão, provavelmente devido ao aumento exponencial de factores de perturbação causados por acção antrópica nas áreas, até aqui, mais isoladas das serras de Santa Justa e Pias. Os fojos constituírem locais de abrigo fundamentais para algumas espécies de quirópetros cavernícolas, nomeadamente o **morcego-de-ferradura-grande** (*Rhinolophus ferrumequinum*) e o **morcego-de-ferradura-pequeno** (*Rhinolophus hipposiderus*), ambas espécies consideradas em perigo (www.naturlink.pt).

Nas bacias dos rios Sousa e Ferreira, os **reptéis e anfíbios** estão bem representados: **rã-verde** (*Rana perezi*), **rã-ibérica** (*Rana iberica*), **sapo-comum** (*Bufo bufo*), **sapo-parteiro-comum** (*Alytes obstetricans*), **tritão-marmorado** (*Triturus marmoratus*), **tritão-de-ventre-laranja** (*Triturus bosca*), **salamandra-lusitânica** (*Chioglossa lusitanica*), **lagartixa-ibérica** (*Podarcis hispanica*), **lagartixa-de-Bocage** (*Podarcis bocagei*), **lagartixa-do-mato-comum** (*Psammotromus algirus*), **sardão** (*Lacerta lépida*), **cobra-de-água-de-colar** (*Natrix natrix*), **cobra-de-água viperina** (*Natrix maura*), **cobra-rateira** (*Malpolon monspessulanus*), **cobra-de-escada** (*Elaphe scalaris*) e **lagarto-de-água** (*Lacerta schreiberi*) (ADER-SOUSA, 2007; ADER-SOUSA, 2008). Há ainda referência a outras espécies como a **salamandra-de-pintas-amarelas** (*Salamandra salamandra*), **rã-de-focinho-pontiagudo** (*Discoglossus galganoi*), **vibora-cornuda** (*Vipera latastei*), **sapo-corredor** (*Bufo calamita*), **cobra-lisa-meridional** (*Coronella girondica*) (ADER-SOUSA, 2007; ADER-SOUSA, 2008). A rã-ibérica, o tritão-de-ventre-laranja, a salamandra-lusitânica, a lagartixa-de-Bocage, o lagarto-de-água e a rã-de-focinho-pontiagudo são endémicas da Península Ibérica, logo têm grande importância de conservação. Nas minas, pequenas nascentes e linhas de água do Parque Paleozóico de Valongo, criam-se condições particularmente favoráveis para a herpetofauna associada a ambientes húmidos, destacando-se a presença do lagarto-de-água, o tritão-de-ventre-laranja, a rã-ibérica e a salamandra-lusitânica (www.naturlink.pt). Entre os arbustos ou aquecendo-se nas pedras ao sol, ocorrem também as lagartixas, bastante comuns, tal como já o foram os lagartos ocelados (*Lacerta ocellata*) ou várias espécies de cobras. A cobra-de-água-viperina é difícil de ver, habitando junto aos cursos de água e alimentando-se de rãs-verdes e outros pequenos animais. Já a cobra-rateira pode ser observada nos muros, onde caça pequenos roedores. Os tritões-de-ventre-laranja e as rãs-verde habitam poços e charcas. Os sapos podem ver-se nos poucos campos de cultivo, junto ao rio Ferreira, onde se alimentam de insectos (Santos e Silva, 2001).

As **aves** estão bem representadas na região do vale dos rios Sousa e Ferreira, tendo sido observadas **58 espécies**, o que corresponde a 52% das aves florestais nacionais. As zonas de bosque misto e de orla, associadas a campos agrícolas tradicionais ou matos rasteiros são os habitats com maior diversidade. Nos bosques melhor conservados, em especial carvalhais, podem ser observadas espécies como o **chapim-real** (*Parus major*), o **chapim-preto** (*Parus ater*), o **chapim-de-poupa** (*Parus cristatus*), a **carriça**

(*Troglodytes troglodytes*), o **gaio-comum** (*Garrulus glandarius*), a **toutinegra-de-cabeça-preta** (*Sylvia melanocephala*), o **cartaxo-comum** (*Saxicola torquata*), a **trepadeira-comum** (*Certhia brachydactyla*), o **tentilhão** (*Fringilla coelebs*), o **melro-preto** (*Turdus merula*), a **rola-brava** (*Streptopelia turtur*), o **pombotorcaz** (*Columba palumbus*), a **gralha-preta** (*Corvus corone corone*), o **corvo** (*Corax corax*), o **estorninho-preto** (*Sturnus unicolor*), o **estorninho-malhado** (*Sturnius vulgaris*) e a **perdiz** (*Alectoris rufa*). Em zonas rochosas e escarpas, podem encontrar-se espécies como a **andorinha-das-rochas** (*Ptyonoprogne rupestris*) e o **rabiruivo-preto** (*Phoenicurus ochruros*). Outras espécies não aparecem associadas a habitats específicos, sendo facilmente observadas como a **poupa** (*Upupa epops*), a **toutinegra-de-barrete-preto** (*Sylvia atricapilla*), o **pisco-de-peito-ruivo** (*Erithacus rubecula*), o **cuco** (*Cuculus canorus*), a **andorinha-dos-beirais** (*Delichon urbica*), a **andorinha-das-chaminés** (*Hirundo rustica*), o **verdilhão-comum** (*Streptopelia decaocto*), o **pardal-comum** (*Passer domesticus*), a **andorinha-das-barreiras** (*Riparia riparia*), o **trigueirão** (*Miliaria calandra*) e o introduzido **bico-de-lacre** (*Estrilda astrild*) (ADER-SOUSA, 2007; ADER-SOUSA, 2008).

As aves são os animais vertebrados mais abundantes e com maior diversidade na área do Parque Paleozóico de Valongo. De manhã ou ao fim da tarde, pode-se observar nas árvores chapins, toutinegras-de-barrete-preto, piscos-de-peito-ruivo, **verdilhões** (*Carduelis chloris*) e **serezinos** (*Serinus serinus*), entre outros. Nos ramos mais baixos, podem encontrar-se as **carriças** (*Troglodytes troglodytes*), e mais perto da água, as **alvéolas** (*Motacila alba*, *Motacila cinerea*). Um pouco por todo o lado, melros-pretos soltam o seu canto enquanto voam rente ao solo. Por vezes, um gaio lança os seus sons graves. Principalmente na Primavera, andorinhas-das-chaminés e **andorinhões-pretos** (*Apus apus*) chilreiam sem parar. Também existem **rolas-turcas** (*Streptopelia decaocto*), **gralhas** (*Corvus corone*), **rabirruivos-pretos** (*Phoenicurus ochrunus*), **pegas-rabudas** (*Pica pica*), **pica-paus-verdes** (*Picus viridis*) (Santos e Silva, 2001), o **guarda-rios** (*Alcedo atthis*), a **cotovia-pequena** (*Lullua arborea*) e a **felosa-do-mato** (*Sylvia undata*), listadas no Anexo I da Directiva Aves (79/409/CEE) (www.naturlink.pt). Com o desaparecimento de muitos peixes, o guarda-rios ou pica-peixe deixou de aparecer, embora surjam agora relatos que esta ave começa a reaparecer, vinda do rio Sousa (www.naturlink). As aves de rapina nocturnas podem ser encontradas nas bacias do rio Sousa e Ferreira. Foi detectada a presença de **coruja-das-torres** (*Tyto alba*), mas é provável a ocorrência de outras, como a **coruja-do-mato** (*Strix aluco*) ou o **mocho-galego** (*Athene noctua*). Quanto às rapinas diurnas, são frequentes o **peneireiro-comum** (*Falco tinnunculus*), o **gavião** (*Accipiter nisus*) e o **açor** (*Accipiter gentilis*) e, nas zonas abertas de campos e matos, a **água-cobreira** (*Circaetus gallicus*). Devido à sua importância em termos de conservação, é de referir a presença de um casal nidificante de **falcão-peregrino** (*Falco peregrinus*) na Senhora do Salto (ADER-SOUSA, 2007; ADER-SOUSA, 2008). Algumas aves de rapina (nocturnas e diurnas) estão presentes no Parque Paleozóico de Valongo (o qual integra o vale do rio Ferreira), como a **águia-de-asa-redonda** (*Buteo buteo*), o peneireiro, a coruja-das-torres, a **coruja-do-mato**, o mocho-

galego, listadas no Anexo I da Directiva Aves (www.naturlink.pt), após o desaparecimento quase total de **gaviões** (*Accipiter nisus*) (Santos e Silva, 2001). Algumas espécies de aves que se deslocam verticalmente e procuram os insectos que furam a madeira e as suas larvas também estão presentes como a **trepadeira-comum** (*Certhia brachydactyla*), o **peto-verde** (*Picus viridis*), o **pica-pau-malhado-grande** (*Dendrocopus major*) e o **pica-pau-malhado-pequeno** (*Dendrocopus minor*); outros aparecem em zonas ripícolas alimentando-se nas margens como o **chapim-rabilongo** (*Aegithalos caudatus*), **alvéola-cinzenta** (*Motacilla cinerea*), **alvéola-amarela** (*Motacilla flava*), a **alvéola-branca** (*Motacilla alba*) e a **garça-real** (*Ardea cinerea*); outras mergulham na água à procura de pequenos peixes, como o guarda-rios.

Para além dos vertebrados, muitos **artropodes** como gafanhotos (ordem Orthoptera), libélulas (ordem Odonata), borboletas (ordem Lepidoptera), mosquinhas (ordem Diptera), pulgões (família Aphididae), escaravelhos (ordem Coleoptera), aranhas (ordem Araneae) e outros povoam as serras e os vales, constituindo uma parte importante da dieta alimentar de muitos vertebrados (Santos e Silva, 2001).

Devido à sua **riqueza biológica**, as **Serras de Santa Justa, Pias e Castiçal**, separadas entre si pelo **vale do rio Ferreira**, afluente do rio Sousa e delimitadas por este a Sul, integram o **Sítio Valongo** (PTCON0024), que foi classificado como Sítio de Importância Comunitária (SIC) pela Decisão da Comissão de 7 de Dezembro de 2004. O sítio abrange uma área de **2 553 ha de Rede Natura 2000**, localizada aproximadamente a 12 km NE da cidade do Porto, distribuído pelos concelhos de Gondomar (649 ha), Paredes (1080 ha) e Valongo (824 ha), o que corresponde respectivamente a 26%, 42% e 32% do território de cada concelho. Considerando a área de cada concelho, a Rede Natura 2000 classifica 5% do concelho de Gondomar, 7% do concelho de Paredes e 11% do concelho de Valongo. O substrato xistoso, a presença de um sistema de minas e fojos e a existência de nascentes e pequenas linhas de água fornecem a este local boas condições para acolher importantes espécies de fauna e de flora, particularmente os fojos, sendo este Sítio o único em Portugal Continental onde “podem ser observados os fetos reliquiaes *Culcita macrocarpa* e *Trichomanes speciosum*, espécies de distribuição restrita, sob elevado grau de ameaça”. No Sítio, ocorre ainda o *Narcissus cyclamineus*, um endemismo ibérico raro e em perigo de extinção e *Lycopodium cernuum*, o único local de ocorrência em toda a Europa Continental. É também um dos sítios mais importantes para a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*), incluindo vários locais de reprodução confirmados para esta espécie endémica na Península Ibérica (www.icn.pt).

Com base no reconhecimento nacional e europeu da importância do património natural existente nas Serras de Santa Justa, Pias e Castiçal através da inclusão de parte do seu território na Lista Nacional de Sítios da Rede Natura 2000, surgiu o projecto “Conservação de quatro espécies raras em Valongo”

(1999-2003) que resultou num protocolo de colaboração entre a Câmara Municipal de Valongo e o Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto (CIBIO/ICETA-UP), co-financiado pelo programa comunitário LIFE-Natureza. Este projecto, teve como principal objectivo a implementação de uma série de acções de gestão e conservação do habitat da salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*) e três plantas pteridófitas (*Culcita macrocarpa*, *Trichomanes speciosum*, *Lycopodium cernua*), espécies raras e de elevada importância sob o ponto de vista científico, que se encontram vulneráveis e fortemente ameaçadas no Sítio Valongo.

A **sub-bacia do rio Sousa**, apesar de menos bem explorada do ponto de vista botânico do que a sub-bacia do rio Ferreira, em particular o troço incluído no Sítio da Rede Natura 2000 - Valongo, inclui alguns locais de assinalável valor botânico e com um considerável potencial para fins de **conservação e promoção ecoturística**. Em termos faunísticos e florísticos e tendo em conta a existência de vegetação autóctone e reduzida pressão humana, pode destacar-se, por exemplo, as **margens da Ribeira de Fontão**. Afluente da margem direita do rio Sousa, a ela tem-se acesso pela Rua de Travassos, seguindo pelo Parque de Lazer de Foz do Sousa. O percurso começa com uma casa agrícola e na margem direita do rio, os campos agrícolas encontram-se cultivados. A estrada é interrompida junto a uma construção abandonada e segue depois em terra batida e pedra de xisto, marginal aos campos agrícolas e acompanhando de perto o percurso do rio, até inflectir para NE. Aqui, a vegetação é marcadamente autóctone e ripícola, muito exuberante, com densos e jovens **choupos-híbridos** (*Populus x canadensis*), **carvalhos** jovens e maturos (*Quercus robur*), **amieiros** (*Alnus glutinosa*), **freixos** (*Fraxinus angustifolia*) matos e coberto herbáceo abundante. Os umbigos-de-vénus e os os fetos são particularmente bem desenvolvidos. Encontram-se vestígios de moinhos abandonados no caminho pedestre, marginal à ribeira. O caminho segue em direcção a Gens.

Outros locais afiguram-se como **potenciais espaços de valorização e recuperação paisagística da paisagem**, através da eliminação de espécies exóticas, repovoamento com espécies autóctones, tratamento e valorização de águas e solos, evitando a contaminação de águas superficiais e subterrâneas drenantes das bacias dos rios Sousa e Ferreira. São os casos das **minas de S. Pedro da Cova, Midões e Monte Alto** (mais concretamente as lagoas resultantes das suas escombrelas) no concelho de Gondomar, actualmente desactivadas e infestadas por eucalipto e acácias.

Em **Paredes**, podem salientar-se alguns **locais de assinalável valor botânico** e com um considerável potencial para fins de **conservação e promoção ecoturística** (ADER-SOUSA, 2008):

O **lugar de Moinhos (Bitarães, Paredes)** é um conjunto de moinhos recuperados e em funcionamento, localizado no rio Mezio (afluente do rio Ferreira), numa área aproximada de 0,6 ha. Os moinhos dividem o

rio em dois braços que se voltam a unir aproximadamente 250 m à frente. Observam-se muitos peixes, pequenos e grandes, tanto a jusante como a montante dos moinhos, e também muitos girinos. Estão rodeados por campos de cultivo, não se observando nenhum bosque perto. O extracto arbóreo é maioritariamente constituído por grandes plátanos ao longo do rio. Este local apresenta uma diversidade faunística elevada para a sua pequena área. Ao nível das aves foram observadas a carriça, o chamariz, o gaio-comum, o melro-preto, o pisco-de-peito-ruivo, o rabirivo-oreto, a toutinegra-de-barrete-preto e o verdilhão-comum. Quanto a mamíferos, foram identificados excrementos de lontra. Foram observados poucos anfíbios e répteis: lagarto-de-água, lagartixa-ibérica e rã-verde (ADER-SOUSA, 2008).

O **Parque de Lazer de Soutelo – Paredes**, é uma área recentemente inaugurada (cerca de 2,0 ha), muito próximo da cidade de Paredes, atravessada pelo rio Ferreira. Está na continuidade de outros espaços com potencial nas margens do rio Ferreira. Este circuito é uma área que se estende ao longo das margens do rio Ferreira (cerca de 12 ha), bastante interessante em termos naturais e culturais. Nas proximidades da **Torre dos Mouros**, este circuito apresenta uma grande quantidade de moinhos em ruínas, destacando-se um núcleo de moinhos em série na zona de Soutelo. Existem já alguns caminhos ao longo do rio mas precisam de ser limpos de vegetação e outros urgem ser criados de modo a formar um percurso contínuo e que passe pelas infraestruturas já existentes (o Parque de Lazer de Soutelo). Seria interessante, a nível cultural, permitir a visita do público em geral aos moinhos, de forma a conhecer o modo de funcionamento dos mesmos. No extremo Oeste da área limitada, existe um parque de recreio construído provavelmente por habitantes vizinhos, o qual poderia ser melhorado e definido como fim do percurso naquele sentido. A nível da fauna, podem ser definidos alguns pontos de observação, especialmente de passeriformes. Estes pontos localizam-se preferencialmente em áreas de cultivo que constituem fontes de alimento. Foram observadas várias espécies de aves: alvéola-cinzenta, carriça, chapim-rabilongo, chapim-real, cotovia-de-poupa, felosa-do-mato, garça-real, guarda-rios, pica-pau-malhado-pequeno, pisco-de-peito-ruivo e trepadeira-comum. Quanto a mamíferos, foram vistos indícios de presença da lontra e da toupeira-cega (ADER-SOUSA, 2008).

A **área envolvente ao Mosteiro de Cête (Cête, Paredes)**, estende-se numa área de cerca de 112,3 ha, constituída essencialmente por terrenos pertencentes à **Quinta de Cête**. O seu proprietário reconhece a importância da sua classificação como património de interesse municipal. Contudo, existem áreas não intervencionadas e/ou pouco cuidadas que necessitam de especial atenção, nomeadamente remoção de espécies exóticas. Junto ao Mosteiro vê-se uma eira tradicional, com lajes e espigueiro de granito. Antigamente as eiras eram usadas para secar o milho depois de colhido. Poder-se-á, na Primavera, observar tradicionais medas de palha (erva a secar, possivelmente azevém) dispostas em torno de um eixo. Ao lado, surge um magnífico salgueiral palustre de salgueiro-negro, acompanhados de tufos de junco. Nos muros circundantes, é interessante observar a vegetação ripícola. Líquenes como *Parmelia*, musgos e pequenas plantas como os umbigos-de-vénus preenchem as fendas que surgem entre as

pedras dos muros recobertos de hera. Plantas como a urtiga, o jarro-dos-campos, o embude, a celidónia, a pervinca, usada para tratar doenças de garganta e até certos tipos de cancro, aparecem na beira dos campos adjacentes, rodeados de videira. Algumas infestantes marcam presença, como é o caso da acácia-negra e da erva-da-fortuna. De destacar os imponentes lodões que surgem junto à estrada. São observadas várias espécies de aves: carriça, chamariz, melro-preto, pardal-comum, pisco-de-peito-ruivo e rabirivo-preto. Foram detectados indícios da presença de raposas e esquilos (ADER-SOUSA, 2008).

A **zona do Verdial (Cête, Paredes)** tem uma área aproximada de cerca de 12 ha, junto à **Ribeira de Baltar** (afluente do rio Sousa), é outra zona de interesse potencial. A margem direita da ribeira consiste numa área maioritariamente dedicada à agricultura e à indústria, restando uma pequena mancha de floresta. A água encontra-se límpida mas com muito lixo e vegetação que tendem a entupir o leito do rio. Na maior parte da área, o acesso ao rio é muito complicado, uma vez que predominam mato e silvas. O rio encontra-se vedado junto à segunda ponte, devido ao pastoreio. Perto desta zona, existe ainda uma lixeira e um plano para construção de um lar de idosos. É possível observar árvores de grande tamanho como amieiros, carvalhos, eucaliptos e pinheiros. Neste local, existe uma grande variedade de aves e répteis: andorinha-dos-beirais, bico-de-lacre, carriça, cartaxo, chapim-real, falcão, gaio-comum, melro-preto, pardal comum, pisco-de-peito-ruivo, verdilhão comum, cobra-de-água-de-colar, lagartixa-de-Bocage, lagartixa-ibérica, lagarto-de-água e a rã-verde a representar os anfíbios (ADER-SOUSA, 2008).

No lugar de **Além-Rio (Recarei, Paredes)**, existem dois moinhos, um em cada margem, em estado de abandono, precedidos de um grande açude, numa zona maioritariamente agrícola, com estrada principal e habitações próximas. Existe uma ribeira que desagua neste local que parece funcionar como maternidade para os peixes dadas as condições que apresenta a nível da limpidez da água, corrente fraca e um grande número de juvenis. Contudo, encontra-se bastante descuidada, dado observar-se grande quantidade de lixo e vegetação que devem ser removidos. Em Recarei, o rio Sousa passa entre amieiros, salgueiros-negros e choupos-negros. Acompanham arbustos como o codesso e as silvas em sebe. No estrato herbáceo, temos a branca-ursina, a urtiga, a labaga-de-folhas-largas, a hera, a celidónia, o amor-de-hortelão, o dácilo-dos-lameiros, o embude, a tanchagem, o trevo-comum, o jarro-dos-campos, a erva-médica, o lúpulo, o mentrasto, o hipericão-ondeado e a margacina. Ao nível das aves, foram observadas a andorinha-dos-beirais, o chamariz, a rola-turca e o verdilhão. Quanto a mamíferos, apenas foram detectados excrementos de lontra. Dos anfíbios e os répteis destacam-se lagartixa-de-Bocage, lagartixa-ibérica, lagarto-de-água e rã-verde (ADER-SOUSA, 2008).

Em **Codeçoso (Sobreira, Paredes)**, na margem esquerda do rio Sousa, existe uma área essencialmente agrícola, com algumas habitações e um pequeno núcleo florestal. Localiza-se próximo do **Parque de Merendas de Sobreira e Minas de Castromil**. A zona de **Sobreira/Castromil (Paredes)** é uma zona de cerca de 2,89 ha, composta por duas áreas distintas: a Norte da linha férrea, localizam-se as minas de Castromil, de grande interesse geológico; a Sul, situa-se o Parque de Merendas de Sobreira. A vegetação

envolvente inclui tanto espécies autóctones como exóticas, mas distribuídas ao acaso, de forma natural. Nas minas de Castromil, a flora inclui pinheiros, alguns eucaliptos, castanheiros dispersos. No Parque de Merendas de Sobreira, destacam-se choupos, salgueiros, amieiros e alguns carvalhos junto ao rio e do outro lado do parque, também carvalhos, plátanos e acácias. Antigos e esguios plátanos e choupos-negros abrigam as mesas e cadeiras do Parque de Merendas de Sobreira. Ao lado do parque, corre uma linha de água com uma galeria ripícola. Junto ao caminho que ladeia a linha de água, vale a pena admirar, durante a época de floração (geralmente de Março a Abril) as belas flores da cerejeira-de-jardim. Na fronteira do Parque, erguem-se pequenas encostas de terra onde cresce vegetação original da área. Aqui surgem exemplares de árvores como o carvalho-alvarinho e o sobreiro; arbustos como o tojo-arnal; trepadeiras como a hera, e ervas como a escorodónia. A vegetação envolvente da entrada das Minas de Castromil é constituída por um pinhal-eucaliptal esparso sobre os montes. Destacam-se, entre os pinheiros-bravos e eucaliptos que formam a maioria da canópia, os magníficos exemplares de pinheiro-manso. Sob o coberto arbóreo, espalham-se elementos típicos da floresta natural, como é o caso de arbustos como a silva, o tojo-arnal, a giesta-das-serras e a urze-carapaça, trepadeiras como a hera; e ervas como o jarro-dos-campos e a escorodónia. Não é possível observar grande diversidade de espécies de fauna, tendo-se avistado o gaio-comum, o melro-preto, esquilo, raposa, lagartixa-do-mato-comum e lagarto-de-água (ADER-SOUSA, 2008).

A **Serra de Santo Antoninho/Sobreira (Paredes)** é uma área de cerca de 14,6 ha que acompanha um troço largo do rio Sousa. Os dois pontos são locais isolados, que poderão ser unidos de duas formas: ou atravessando a serra ou seguindo ao longo do rio. Existem em Sobreira algumas habitações próximas do rio, mas localizam-se num nível mais elevado. A margem direita, em ambos os pontos, é constituída por pequenos campos de cultivo envolvidos por matagal e algumas árvores. A margem esquerda (serra) encontra-se a recuperar de um incêndio e junto a Sobreira, esta margem possui também campos de cultivo. Existe ainda um moinho a recuperar. É necessário proceder à limpeza do rio que se encontra com bastante lixo e vegetação. Grande parte da área sofreu recentemente as consequências de um incêndio. Começam a rebentar eucaliptos. Existem bastantes campos de cultivo. Apesar do aspecto devastador que este local apresenta, é possível destacar grande quantidade de espécies. De aves identificam-se a alvéola-branca, o chamariz, o chapim-azul, o chapim-preto, a cia, o cuco-canoro, o gaio-comum, o melro-preto, a perdiz-comum, o pisco-de-peito-ruivo e a toutinegra-de-barrete-preto. De mamíferos, observam-se o coelho, excrementos de lontra e tocas de toupeira-cega. Dos anfíbios, há presença de rã-ibérica e rã-verde (ADER-SOUSA, 2008).

A área que inclui a **foz da Ribeira de Bustelo (Aguiar de Sousa, Paredes)** inclui cerca de 5,2 ha e caracteriza-se pela existência de campos de cultivo na margem esquerda a montante da ponte formada pela EN319-2 e pastoreio a jusante da ponte. A margem direita encontra-se envolvida por mato, que deve ser limpo, permitindo o crescimento de autóctones. Existe um açude que forma uma queda de água com

aproximadamente 2m de altura. Além da cascata surge um muro em xisto que limita uma área serrana, dominada mais à frente por eucaliptos. Esta é uma galeria ripícola de amieiros e salgueiros-negros em matiz silvícola de pinhal e eucaliptal. Existe ainda uma alameda bordejada por dáctilo-dos-lameiros, labação-de-folhas-largas, tojo-arnal, giesta-das-serras, silvas, esteva e torga. Surge um muro com rica vegetação brio-epifítica com líquenes, briófitas e hepáticas. Observa-se regeneração de pés de carvalho-alvarinho e sobreiro. Surgem fetos como o feto-fêmea, o fentilho e os umbigos-de-vénus. No estrato herbáceo, surge a hortelã-crespa, o lâmio-maculado e a morugem-branca. Na galeria ripícola, mais interiormente, surgem fetos como o feto-pente e, de novo, o feto-fêmea. Como plantas herbáceas, tem-se a sete-em-rama, o dáctilo-dos-lameiros, o *Brachypodium rupestre* e a *Viola palustris*. Apesar da variedade do local, não foi detectada grande variedade de espécies de fauna. Ao nível dos anfíbios e répteis foram observados lagartixa-do-mato-comum, rã-ibérica, rã-verde e o tritão-de-ventre-laranja. Quanto a mamíferos, apenas foram detectados excrementos de raposa (ADER-SOUSA, 2008).

A **Senhora do Salto (Aguiar de Sousa, Paredes)** é uma área de cerca de 73 ha, que inclui a **Ribeira de Santa Comba** e o **Castelo de Aguiar de Sousa**, assim como os valores naturais envolventes. Ao redor da Torre do Castelo de Aguiar de Sousa, podem observar-se exemplares pouco comuns da flora como o feto relíquia *Davallia canariensis* e o endemismo do Noroeste Ibérico *Silene marizii*, ambos associados às impressionantes escarpas e afloramentos rochosos que caracterizam este local. Da vegetação envolvente ao Santuário da Senhora do Salto, destaca-se principalmente a galeria ripícola de amieiros, inserida em imponentes escarpas de xisto, por cima do qual se elevam em voo rápido e ziguezeado pequenas aves. Junto ao amieiro, surgem plantas comuns junto a cursos de água como o embude e *Carex reuteriana*. A mimosa infestante surge um pouco por toda a parte. É também de interesse a vegetação herbácea e arbustiva que cresce nos prados e taludes terrosos adjacentes. Nestes, encontram-se principalmente um conjunto de briófitas, líquenes, fetos como a avenca-negra, o polipódio e os umbigos-de-vénus. A silva, a torga, *Phyllirea angustifolia* e o pilriteiro compõem, em fragmentos espalhados pela área envolvente, um variado estrato arbustivo sob a qual se estendem trepadeiras como a hera e a alegre-campo, a espécie indicadora da influência climática mediterrânica presente no local. Surgem ainda espécies herbáceas florestais como a escorodónia, a labação-de-folhas-largas e a gilbardeira, outra espécie de apetências termófilas e típica de zonas mediterrânicas. A vegetação rupícola, em afloramentos rochosos que se erguem ao longo do caminho, é um pequeno mundo de grande variedade que inclui, como a vegetação dos taludes rochosos, briófitas e líquenes, mas também pequenas plantas como *Silene marizii*, *Saxifraga lepismigena*, a bolbosa *Narcissus triandus*, umbigos-de-vénus, e duas espécies do género *Sedum*: a uva-de-gato e *Sedum anglicum*. Podem ainda observar-se as seguintes espécies: freixo e sobreiro ao longo da ribeira de Santa Comba, loureiro nas escarpas, aderno no miradouro junto à estrada e *Davallia canariensis* junto à Torre do Castelo de Aguiar de Sousa. É um local com uma diversidade faunística extrema. Ao nível das aves, contam-se: águia-de-asa-

redonda, alvéola-amarela, andorinha-das-rochas, andorinha-dos-beirais, carriça, chamariz, chapim-preto, chapim-real, cia, cuco-canoro, gaio-comum, garça, guarda-rios, lugre, peto-verde, pica-pau-malhado-grande, pombo-torcaz, rabirruivo-preto, toutinegra-de-barrete-preto, trepadeira-comum e verdilhão-comum. Um casal de falcão-peregrino nidifica nas escarpas e é o único conhecido em toda a bacia do Sousa. Com alguma atenção no trajecto junto às margens, é possível observar pegadas e excrementos de alguns mamíferos, como a lontra. Foram ainda identificados indícios da presença de esquilo, fuinha, javali, ouriço-cacheiro, raposa, texugo e toupeira-cega. Quanto a anfíbios, foi possível observar cobra-de-água-de-colar, cobra-de-água-viperina, lagartixa-do-mato-comum, lagartixa-ibérica, rã-verde e tritão-de-ventre-laranja (ADER - SOUSA, 2008).

As **Minas das Banjas**, que inclui a **Ribeira das Banjas** e a **Ribeira de Lagares** que confluem na **Ribeira de Santa Comba**, afluente do rio Sousa, inclui uma área de 330 ha, zona da **antiga exploração de minas**, a qual se caracteriza pela grande diversidade faunística, observável principalmente na Primavera. O mesmo não se verifica ao nível da flora, uma vez que esta se encontra completamente descaracterizada e destruída por um fogo recente, facto que pode ser aproveitado para uma replantação com autóctones, na área mais próxima das ribeiras. A zona da embocadura da ribeira de Lagares na Ribeira das Banjas é favorável à reprodução da rã-verde, sendo possível observar várias outras espécies, tanto de anfíbios como de répteis e aves. Podem aqui observar-se pequenos núcleos de casas em ruínas de apoio à antiga exploração mineira que devem ser restauradas e valorizadas. Existe ainda uma pequena represa onde podem ser encontradas várias espécies de anfíbios, entre as quais se ressalta a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*). A presença de aberturas para as minas é uma constante ao longo desta área. As construções abandonadas pertencentes às antigas Minas das Banjas estão envolvidas por plantas que apreciam o calor considerável que é irradiado, em resposta à incidência dos raios solares, sobre a rocha que forma o substrato de toda a área (xisto). O xisto sustenta espécies vegetais únicas deste tipo de geologia, como é o caso do tojo-gatenho (*Ulex micranthus*) que floresce logo no início da Primavera e surge nas vastas manchas de matos que ocorrem em toda a área. Rasgados por caminhos e acantonados por talhões de eucalipto, onde surgem esporadicamente pés de mimosa, estes notáveis matos são compostos principalmente por arbustos e árvores mediterrânicas como a esteva (*Cistus psilosepalus*), o rosmaninho (*Lavandula luisieri* (Rozeira) *Rivas Mart.*) e o sobreiro que aparece pontilhado um pouco por toda a parte. Crescem ainda pés esparsos de carvalho-alvarinho e arbustos como o codesso, o sargaço-branco (*Halimium ocymoides*), a carqueja (*Pterospartum cantabricum*) e a mongoriça (*Calluna vulgaris*). No estrato herbáceo, surgem flores silvestres como *Ranunculus bupleuroides*, o *Narcissus portensis*, a erva-das-sete-sangrias (*Lithodora prostata*) e a endémica *Pedicularis lusitanica*. Neste estrato, estende-se ainda retalhos de um verdadeiro tapete formado por gramíneas como *Molinia caerulea*, *Agrostis x foulladei* e o famanco (*Agrostis curtisii*). Na ponte para a linha de água, encontram-se resquícios de uma galeria ripícola, que outrora deverá ter

ocupado todo o correr das margens. Impera o salgueiro-negro que é acompanhado por torga (*Erica arborea*) e sebes de silva. Junto a estes arbustos surgem, acompanhando a encosta, giestais de giesta-amarela (*Cytisus scoparius*). De destacar, uma pequena represa adjacente ao casario onde medra vegetação helofítica composta por uma única espécie vegetal visível a olho nú, *Eleogiton fluitans*. Esta planta encontra-se submersa e é facilmente identificável pela sua considerável quantidade e aspecto lanígero. Na vizinhança das Minas das Banjas, pode-se ainda observar fragmentos da vegetação florestal original que foi substituída pela matriz agro-silvícola. Antigamente, as encostas seriam cobertas de frondosos carvalhais termófilos, caracterizados por terem um cortejo de espécies mediterrânicas. Exemplos de algumas destas espécies podem ainda ser avistados na bordadura de campos agrícolas, como é o caso do folhado e do medronheiro. Este ponto apresenta uma grande variedade de espécies, concentradas maioritariamente junto às linhas de água e entradas para as minas. Ao nível das aves, foi possível detectar: águia-cobreira, águia-de-asa-redonda, alvéola-branca, alvéola-cinzenta, carriça, cartaxo-comum, chapim-rabilongo, chapim-real, cia, coruja-das-torres, estorninho-malhado, gaio-comum, guarda-rios, papa-moscas-preto, perdiz-comum, peto-verde, pisco-de-peito-ruivo, rabirruivo-preto, tentilhão-comum, tordo, toutinegra-de-barrete-preto, toutinegra-de-cabeça-peta e verdilhão-comum. Foram identificados os seguintes micromamíferos: musaranho-anão, musaranho-de-água, musaranho-de-dentes-brancos-grande, rato-caseiro, rato-do-campo, rato-dos-bosques e rato-dos-prados-mediterrânico. Foram detectados excrementos de coelho, lontra e raposa. Quanto a anfíbios e reptéis, foram observadas as seguintes espécies: cobra-de-água-viperina, salamandra-lusitânica, sapo-comum, rã-ibérica, rã-verde, tritão-de-ventre-laranja e tritão-marmorado (ADER-SOUSA, 2008).

As **árvores e os maciços arbóreos classificados como de interesse público** (Decreto-Lei nº 28468 de 15/02/38) constituem também um património de elevado valor ecológico, paisagístico, cultural e histórico, atribuindo ao arvoredo um estatuto similar ao do património construído classificado e beneficiando de uma zona de protecção de 50 metros de raio a contar da sua base. No lugar do Paço, freguesia de Sobrado, em Valongo, existe um **pinheiro-manso** isolado (*Pinus pinea*) que se estima ter mais de 150 anos, classificado como Árvore de Interesse Público desde 1967. No concelho de Paredes, freguesia de Parada de Todeia, localiza-se um **sobreiro secular** (*Quercus suber*) classificado com Árvore de Interesse Público desde 1979, situado no meio do largo, nas traseiras da Igreja de Parada (www.cm-paredes.pt). Referência deve ser feita ainda ao sobreiro secular localizado no lugar do Calvário, na freguesia de Recarei, em Paredes que esteve classificado como Árvore de Interesse Público desde 1967. É uma bela árvore, majestosa, de copa arredondada, tronco de perímetro assinalável, pernas fortes e sustentáveis. Estima-se que tem mais de trezentos anos (sobreirosecularcalvario.blogs.sapo.pt) e já existia antes da constituição da freguesia. Implantada em propriedade particular, tem sofrido várias ameaças ao longo dos anos que conduziram à desclassificação do seu estatuto em 2007 (www.dgrf.min-agricultura.pt).

Equipamentos

O **Pavilhão Rota do Móveis (Lordelo, Paredes)** localiza-se na Rua da Igreja, numa colina sobranceira ao rio Ferreira. Dinamizado pela Associação Empresarial de Paredes com o apoio e colaboração da Câmara Municipal de Paredes, neste pavilhão realiza-se as anuais Mostras de Mobiliário “Paredes – Rota dos Móveis”, com a promoção e dinamização do sector da indústria do mobiliário, reafirmando o papel da indústria de mobiliário no concelho, apostando-se no seu reconhecimento como o maior centro produtor, responsável por 65% da produção nacional. Este pavilhão pretende ser um espaço agradável, diversificado, apelativo, que assuma funções de estadia e de lazer, através de ligações e articulações, à zona envolvente ao **futuro Parque Urbano do rio Ferreira**. A articulação do centro da cidade com o Pavilhão Rota dos Móveis, através de um percurso serpenteante junto ao rio Ferreira, atenuando o acentuado declive do espaço, irá permitir a vivência da área e potenciar um espaço atractivo de lazer e recreio.

O **Parque Urbano do Rio Ferreira (Lordelo, Paredes)** será um futuro parque urbano com acesso pela Rua da Igreja que ligará as margens do rio Ferreira entre Lordelo e Rebordosa, junto à **Igreja Paroquial de Lordelo** e com ligação ao **Pavilhão Rota dos Móveis**. Prevê-se que o futuro parque terá praia fluvial, campo de futebol, pista para bicicletas, circuito de manutenção e campo de jogos tradicionais (www.forumvaledosousa.com). Em Julho de 2007, a Câmara Municipal de Paredes assinou um contrato com vista à aquisição de um prédio rústico no lugar de Vilar ou Cocoludo, na cidade de Rebordosa, com a área de 3750 m², onde actualmente decorre a feira local e que será futuramente inserido na área que será afectada ao Parque Urbano do rio Ferreira, do lado de Rebordosa (www.maraonline.com). No local onde será instalado o futuro parque urbano, têm sido observadas frequentes descargas de efluentes que poluem as águas do rio Ferreira, com origem provável (mas não confirmada) no concelho de Paços de Ferreira (Jornal de Notícias de 9 de Março de 2008).

O **Parque Urbano de Paredes (Castelões de Cepêda, Paredes)** é um parque recentemente construído, próximo da **Igreja Matriz de Castelões de Cepêda**, da **Casa de Cepêda**, da **Casa da Cultura** e da **Ponte de Cepêda**. É atravessado pela **Ribeira de Sentiais** (um afluente do rio Sousa). Com uma área de 4,5 ha, de fácil acesso e com lugares de estacionamento, é um espaço polivalente, vocacionado para a prática desportiva e inúmeras actividades culturais. As margens da ribeira de Sentiais foram renaturalizadas com vegetação ripícola. Este parque encontra-se em fase de expansão.

A **Casa da Cultura (Castelões de Cepêda, Paredes)** situa-se no centro da cidade de Paredes, instalada no **Palacete da Granja**, após recuperação daquele edifício para actividades culturais e recreativas. Possui uma sala de exposições no primeiro andar, um auditório e um anfiteatro ao ar livre. O Palacete da Granja era um edifício do séc. XIX, que se inclui no grupo das “**casas brasileiras**”. São evidentes os elementos que expressam a grandiosidade desses casarões, assim como o romantismo da época. Os

azulejos amarelos, os portões, as enormes portas e janelas e o granito são elementos característicos e distintivos da construção ao estilo brasileiro. Salienta-se ainda o enorme jardim que o rodeia. O edifício pertencia a Joaquim Bernardo Mendes, um português regressado do Brasil. À sua chegada recebeu o título de Visconde de Paredes. Foi neste palacete que el-rei D. Carlos foi recebido em Junho de 1895. Em meados dos anos 40, após o falecimento de Joaquim Bernardo Mendes, foi alugado à Câmara pela família deste, passando aí a funcionar os Paços do Concelho. Mais tarde, nos anos 60, um novo proprietário, o comendador Abílio de Seabra, após a aquisição deste edifício, ofereceu o mesmo à Irmandade da Misericórdia de Paredes. A partir desta altura, teve um papel importante nesta cidade, pois funcionou como um estabelecimento de ensino. Foi no início dos anos 90 que a Câmara Municipal de Paredes procedeu a sua recuperação e posterior dinamização como Casa da Cultura, inaugurada a 17 de Maio de 1997 (www.cm-paredes.pt).

O **Parque de Lazer de Soutelo – Paredes (Castelões de Cepêda, Paredes)** é uma área recentemente inaugurada (cerca de 2,0 ha), muito próximo da cidade de Paredes, atravessada pelo rio Ferreira. Está na continuidade de outros espaços com potencial nas margens do rio Ferreira. Este circuito é uma área que se estende ao longo das margens do rio Ferreira (cerca de 12 ha), bastante interessante em termos naturais e culturais. Nas proximidades da **Torre dos Mouros**, este circuito apresenta uma grande quantidade de moinhos em ruínas, destacando-se um núcleo de moinhos em série na zona de Soutelo. Existem já alguns caminhos ao longo do rio mas precisam de ser limpos de vegetação e outros urgem ser criados de modo a formar um percurso contínuo e que passe pelas infraestruturas já existentes.

A **Senhora do Salto (Aguiar de Sousa, Paredes)**, com acesso à cota alta pela EN319-2 aqui denominada Avenida da Nossa Senhora do Salto, localiza-se sobre as escarpas xistosas que se debruçam sobre o rio Sousa e estende-se desde o **Castelo de Aguiar de Sousa** e a **Igreja Matriz de Senande** até à **Ribeira de Santa Comba**. Caracteriza-se pela magnitude das escarpas que se estendem ao longo de cerca de 1 km, na base das quais sobressai um núcleo de moinhos. Neste local e através do percurso de dois trilhos assinalados à entrada do Parque (o trilho do Alvre e o Trilho da Peregrinação), podem observar-se alguns pontos de interesse como a Torre do Castelo de Aguiar de Sousa, a **Capela da Senhora do Salto**, a Igreja Matriz de Senande, o **núcleo de moinhos**, a **Boca do Inferno/Andorinhas das Rochas**, as **Pegadas do Cavalo**, a **gruta** e as **fontes naturais** e a Ribeira de Santa Comba. Tem algumas infraestruturas de suporte, embora em mau funcionamento e/ou enquadramento no espaço natural, como por exemplo o parque de estacionamento, as mesas de piquenique e as papeleiras. A ponte de acesso está em más condições de conservação. Não existem placards informativos sobre as espécies que podem ser observadas ao longo dos trilhos e os actualmente existentes encontram-se mal assinalados em todo o seu percurso. Existe um grande potencial para a criação de outros trilhos, junto ao rio Sousa, à cota baixa, desde a Ponte do Castelo até à confluência da Ribeira de Santa Comba. De referir, ainda neste percurso a existência de alguns areeiros abandonados e

uma mini-hídrica num local que alterou completamente o caudal do rio e fez desaparecer uma pequena praia fluvial e um antigo moinho.

O **Parque de Merendas de Sobreira (Sobreira, Paredes)** encontra-se na margem esquerda do rio Sousa, num acesso devidamente assinalado junto à Ponte da Devesa. Tem mesas e bancos para piquenique e um parque infantil. Encontra-se com aspecto bastante degradado, embora com sinais de limpeza de terrenos recente. Prolonga-se até uns escassos metros de uma ponte em cimento e acessos pedonais, que terminam em campos agrícolas. Este parque localiza-se adjacente a uma instalação industrial de tinturaria e acabamentos têxteis, a Filcor. Os moradores queixam-se que a Filcor liberta fumos negros, de odor altamente desagradável e apresenta tanques escavados na terra não isolados (ADER-SOUSA, 2008). O odor é de facto perceptível numa visita ao local. Neste parque, predominam os choupos-híbridos (*Populus x canadiensis*), carvalho-alvarinho (*Quercus robur*), acácia (*Acacia melanoxylon*), catalpa-comum (*Catalpa bignonioides*), plátanos (*Platanus orientalis var. acerifolia*), choupos-negros (*Populus nigra*), tílias novas plantadas (*Tilia vulgaris*), freixo (*Fraxinus angustifolia*), amieiro (*Alnus glutinosa*), e nas encostas acima da linha de água, eucaliptos (*Eucalyptus globulus*) e pinheiros-bravos (*Pinus pinaster*).

O **Parque da Cidade de Valongo (Valongo, Valongo)** localiza-se na Rua do Terreiro, em Valongo. Inaugurado em Maio de 2005, com 9 000 m², constitui uma área de lazer por excelência, com um mirante sobre o vale do rio Simão e a serra de Santa Justa, um anfiteatro ao ar livre, áreas relvadas, parque infantil e parque de jogos. O rio Simão atravessa o centro urbano de Valongo e desagua no rio Ferreira, já em plena Rede Natura 2000. A requalificação paisagística das margens do rio Simão teve início em 2004, com a limpeza e remoção de resíduos, corte de vegetação, desassoreamento e identificação das fontes poluidoras ao longo dos 7,5 km desta linha de água, da responsabilidade da Câmara Municipal de Valongo e co-financiado pelo Programa Operacional do Ambiente. Na fase preparatória deste projecto, foram diagnosticados alguns problemas graves, como a existência de ligações clandestinas e descargas ilegais, o abandono dos campos agrícolas junto às margens e o despejo de resíduos e entulho nas margens e leito da linha de água. Em 2007, realizaram-se várias acções de limpeza de resíduos e vegetação e a monitorização regular da qualidade da água no rio Simão (Câmara Municipal de Valongo, 2007). Pela sua localização privilegiada, na confluência entre a área urbana e a área florestal, e pela estreita relação com o rio, o Parque da Cidade tem percursos pedonais ao longo do rio Simão, pretendendo-se que constitua no futuro uma nova porta de entrada para as serras de Santa Justa e Pias. A vegetação existente inclui áceres (*Acer pseudoplatanus*) nos espaços relvados e alguns carvalhos (*Quercus robur*) e sobreiros (*Quercus suber*) junto à linha de água.

O **Parque Municipal de Campo (Campo, Valongo)** localiza-se junto à Ponte Ferreira, em São Martinho do Campo, tendo sido inaugurado no ano 2000. Na margem esquerda do rio, existe um espaço relvado com uma galeria ripícola em bom estado composta maioritariamente por folhosas como choupos

(*Populus nigra*) e amieiros (*Alnus glutinosa*), com alguns exemplares de bordo (*Acer pseudoplatanus*), liquidambares (*Liquidambar spp.*) ao longo do rio, onde existem mesas e bancos de madeira, sendo percorrido por um caminho que conduz desde o início do parque, onde existe uma placa identificativa, até ao bar “Casa da Portagem” junto à ponte. A Ponte é constituída por blocos de granito e possui três arcos; destina-se unicamente a trânsito pedonal. Junto à ponte encontram-se umas alminhas. Do outro lado, encontra-se uma azenha recuperada, junto a um açude no rio. A galeria ripícola encontra-se em bastante bom estado, sendo constituída maioritariamente por choupos e amieiros. Do parque, na margem, existe em alguns locais, escadas que descem até ao rio. Na envolvente, e nas margens do rio mantém-se a agricultura, principalmente prados para forragem dos animais no Inverno e milho no Verão, bem como algumas hortícolas.

O **Núcleo Museológico da Panificação (Campo, Valongo)**, aberto ao público desde 21 de Março de 2005, está instalado no moinho de grão de Ponte Ferreira, após a sua recuperação. Alberga um conjunto de instrumentos, fotografias e esquemas que descrevem o ciclo da panificação, desde o amanho da terra até ao fabrico do pão e do biscoito. Pode-se proceder à identificação dos principais cereais e descobrir os seus sucedâneos, perceber o processo de moagem e acompanhar o trabalho do padeiro nas suas diversas fases, até ao produto final. Dispõe de serviços educativos que realizam visitas guiadas e organizam oficinas, sob marcação prévia no Museu Municipal (www.cmvalongo.net).

O **Centro Cultural de Campo/Museu da Lousa (Campo, Valongo)** localiza-se na Travessa de S. Domingos, na margem direita do rio Ferreira. Foi inaugurado em 2001, é composto por área museológica, um pólo de biblioteca com secção infantil e de adultos, dois auditórios, um interior e outro ao ar livre, onde decorrem várias actividades, desde o teatro às variedades, passando pela música e pelo cinema. A área museológica ganha corpo em três casas de média dimensão, construídas segundo as técnicas tradicionais do trabalho em ardósia, assim como o muro envolvente. A primeira das casas alberga a reconstituição de uma casa de um mineiro, com a área de cozinha, a zona de descanso nocturno e a oficina, onde mulheres e crianças faziam penas de lousa durante o serão para complementar os parcos salários auferidos na mina. Nas restantes duas, expõe-se espólio e documentação ligados à ardósia, desde a sua extracção aos diversos tipos de transformação (www.cmvalongo.net), máquinas e instrumentos de trabalho das firmas mais representativas da exploração da lousa do concelho: Joaquim Silva, Fábrica da Lousa, Lda e Pereira Gomes & Carvalho. Neste espaço, também funciona uma exposição temporária de trabalhos de lousa de alunos das escolas do concelho e os serviços educativos e oficinas sob marcação. O horário de atendimento ao público do Museu da Lousa é de 3^a a 6^a feira das 9h às 12h30 e das 14h às 17h30 e aos Sábados e Domingos das 15h às 18h. Na envolvência do Centro Cultural, o Pavilhão Municipal e a Piscina Municipal de Campo estão à disposição da população com actividades desportivas.

O **Parque Paleozóico de Valongo (Campo, Valongo)**, criado em 1998, é delimitado a Norte pela cidade de Valongo, inclui a serra de Santa Justa, parte da serra de Pias e parte do vale do rio Ferreira entre as duas serras. Existem três entradas para o parque: pela EN15, num desvio à direita em direcção a Couce, próximo da desembocadura do rio Simão no rio Ferreira ou pela EN 209 que liga Valongo a S. Pedro da Cova (www.paleozoicovalongo.com). O **Centro de Interpretação Ambiental (CIA)** localiza-se na Rua de Santa Helena, em plena Rede Natura 2000, aberto ao público desde 2004, é o centro de acolhimento do Parque Paleozóico e dedica-se à promoção do património natural das serras de Santa Justa e Pias. Existem visitas guiadas ao Parque Paleozóico de Valongo sobre biologia à 6ª feira de tarde; generalista à 5ª feira de manhã e de geologia à 4ª feira e 1ª domingo do mês, organizadas pela Câmara Municipal de Valongo e Posto de Turismo.

O **Centro Cultural de Sobrado (Sobrado, Valongo)**, inaugurado em Julho de 2001, localiza-se na Rua de Campelo. É um espaço moderno, exclusivamente dedicado às actividades culturais. Está dividido em três áreas distintas: uma sala polivalente/auditório, destinada a espectáculos, exposições e outros eventos; uma sala de actividades, preparada para reuniões e encontros das colectividades da freguesia e um pólo da biblioteca central, com duas secções, uma infantil e outra para adultos (www.cmvalongo.net). O seu horário de funcionamento é de 2ª a 6ª feira das 9h às 12h30 e das 14h às 17h30.

O **Parque de Merendas do Covelo (Covelo, Gondomar)** localiza-se na margem esquerda do rio Sousa, junto à Ponte da Rua das Conchadas. É um espaço paralelo a esta linha de água, constituído por duas zonas: uma superior infraestruturada com sanitários, parque infantil, lavadouro público, iluminação, papelarias, mesas e bancos em granito e equipamento para churrascos e outra, inferior, de carácter mais naturalizado, formada por um prado com várias espécies arbóreas junto ao rio, como bétula (*Betula alba*), salgueiro (*Salix atrocinerea*), choupo-negro (*Populus nigra*), plátano (*Platanus orientalis var. acerifolia*), ácer (*Acer pseudoplatanus*), catalpa-comum (*Catalpa bignonioides*), oliveira (*Olea europaea*), bordo-negundo (*Acer negundo*), tília (*Tilia vulgaris*), faia (*Fagus sylvatica*), salgueiro-chorão (*Salix babilonica*), amieiro (*Alnus glutinosa*), sobreiro (*Quercus suber*), carvalho-americano (*Quercus rubra*) e ailanto (*Allanthus altissima*). O prado, que na área superior se encontra bastante degradado, encontra-se invadido por língua-de-vaca, corrijó, urtigas e outras plantas infestantes de campos agrícolas. O estacionamento na sua envolvente é possível, mas não é definido. O parque tem uma envolvente serrana e agrícola, com pastos e rebanhos de ovelhas, na margem do rio. Em frente ao parque de merendas, na outra margem do rio, localizam-se as instalações das **Minas de Monte Alto**, actualmente propriedade privada. Junto ao rio, existem moinhos de água, em ruínas.

O **Parque de Lazer (Foz do Sousa, Gondomar)** localiza-se num desvio da Rua das Águas na margem direita do rio Sousa, cerca de 300 metros a montante da **Antiga Estação de Captação de Águas da Foz do Sousa**, à entrada da Ponte Nova de Travassos. Junto à estrada, este parque de lazer apresenta

sinaléptica indicativa em pedra de xisto, com uma inscrição em verso da autoria de F.Costa, a indicar ali um lugar de repouso e descanso, junto ao Sousa:

*“Aproveita este recanto
Em forma de bem pensar
Não chames a ti o pranto
Destruindo um belo canto
No qual podes descansar”*

É um parque de lazer, com mesas e bancos para piquenique, sem lugares de estacionamento assinalados. O espaço encontra-se bem conservado. Aqui, o rio apresenta-se calmo com pequenas ínsuas, onde abunda a vegetação herbácea. Como vegetação arbórea, salienta-se a presença abundante de salgueiros-chorão (*Salix babilonica*), choupos híbridos (*Populus x canadensis*), amieiros (*Alnus glutinosa* (L.) Gaertn), salgueiros (*Salix atrocinerea* Brot.), freixos (*Fraxinus angustifolia*) e alguns pinheiros-bravos (*Pinus pinaster*).

A antiga estação de captação de água na Foz do Sousa (Foz do Sousa, Gondomar), localizada na Rua das Águas percorrendo a margem direita do rio Sousa naquela freguesia, será futuramente convertida em centro de reprodução de peixes migratórios para repovoamento de lampreias na bacia hidrográfica do Douro, um projecto da responsabilidade de Carla Maia e Nuno Gomes, biólogos do Planeta Vivo – Centro de Investigação Ambiental. O repovoamento será feito através da colocação de ovos fecundados nos afluentes, essencialmente no rio Paiva e Sousa. O projecto de requalificação da antiga estação de captação na Foz do Sousa foi já apresentado às entidades competentes para aprovação e financiamento. Segundo os biólogos responsáveis, "é um edifício desaproveitado que tem todas as condições para se transformar num centro de reprodução e até mesmo num fluviário, com diferentes espécies daquela zona", acrescentando que "este projecto servirá os interesses de todos, começando pela despoluição do rio Sousa". O centro de reprodução tem como espécies prioritárias, além da lampreia-marinha (*Petromyzon marinus*), o salmão (*Salmo salar*), a truta-fário (*Salmo trutta*) e o esturjão, que já é reproduzido em cativeiro. Qualquer um deles pode ser introduzido nas bacias hidrográficas nacionais ou mesmo exportados (Jornal de Notícias de 7 de Maio de 2007).

Acessibilidades

As principais acessibilidades na bacia dos rios Sousa e Ferreira são a **A4** – Auto-estrada de Trás-os-Montes e Alto Douro, ligando Matosinhos a Amarante (atravessando Valongo até ao Vale do Sousa, em Paredes e Penafiel), a **A41**- Auto-Estrada Perafita/Espinho ou CREP - Circular Regional Exterior do Porto

entre Matosinhos e Espinho, a **A42** - Auto-estrada Ermida/Lousada; o **IC29** – Via Rápida de Gondomar, a **EN 208** (marginal do rio Douro, com desvio para Gondomar), a **EN 209** (Gondomar-Valongo), a **EN 319-2** (Paredes) e a **linha ferroviária Porto-Caide-Marco de Canaveses** que atravessa as freguesias de Valongo, S. Martinho do Campo, Recarei, Sobreira, Parada de Todeia e Cête, no sentido NO-SE. De montante para jusante, descrevem-se de seguida e resumidamente a geografia, história, cultura e tradições de algumas das principais freguesias do vale dos rios Sousa e Ferreira.

Concelho de Paredes

A uma distância de cerca de 30 Km do Porto, com uma área de 156 Km² e cerca de 12 654 habitantes (Censos 2001), o concelho de **Paredes** compreende 24 freguesias, fazendo fronteira a Norte com o concelho de Paços de Ferreira; a Nordeste com o de Lousada; a Oeste com Valongo, a Sudoeste com Gondomar e a Este com o concelho de Penafiel. Esta é uma região bastante rica em termos de recursos hidrológicos, sendo o concelho atravessado por vários cursos de água, entre os quais os rios Sousa e Ferreira. O rio Sousa banha parte do seu território a nascente, enquanto o rio Ferreira o percorre de Norte para poente. Antigo couto de Castelões de Cepêda por foral dado por D. Manuel a 25 de Novembro de 1513, Paredes foi cabeça do antigo concelho de Aguiar de Sousa, tendo-se anexado a maior parte em 1821 e separado em 1828. O concelho foi criado em 1836, sucedendo, em grande parte, ao antigo concelho de Aguiar de Sousa. Este surgiu num pacto de povoamento de Vale do Sousa tendo sido criado pelos meados do século XII. De facto, consta nas inquirições de 1258 mandadas fazer por D. Afonso III, onde se referem algumas das actuais freguesias do Concelho de Paredes, pertencentes, ao então, grande julgado de Aguiar de Sousa. Este julgado recebeu foral em 1269, confirmado em 1411 por D. João I e reiterado por D. Manuel I em 1513. Sensivelmente na mesma altura, Baltar recebia também a categoria de concelho e é elevada a categoria de vila. D. João V, a 6 de Março de 1723, confirmou esses privilégios (www.valedosousa.pt).

Extinto em 1837, o concelho de Baltar era constituído por 9 freguesias: Baltar, Cête, Vandoma, Astromil, Gandra, Sobrado, S. Martinho do Campo, Rebordosa e Lordelo. À excepção de Sobrado e S. Martinho do Campo que actualmente fazem parte de Valongo, todas as outras seriam posteriormente integradas no concelho de Paredes. Foi por volta do séc. XVIII que o pequeno lugar de Paredes, integrado na freguesia de Castelões de Cepêda, foi ganhando importância. Em 1821, Aguiar de Sousa era extinto como concelho e grande parte das suas freguesias foram anexadas a Paredes. Com a criação do concelho de Paredes, não só se extinguiu o de Aguiar de Sousa, com ainda o de Baltar, Louredo e Sobrosa que emergiram da crise liberal e tiveram duração pouco superior a dois anos. O concelho de Paredes foi criado por Passos Manuel apenas em 6 de Novembro de 1836. Nesta data, passou a conter algumas das

freguesias do extinto concelho de Aguiar de Sousa, englobando um total de 23 freguesias. Em 1855, dos vários lugares da freguesia da Sobreira criou-se a freguesia de Recarei. Com esta configuração, Paredes passou a vila em 7 de Fevereiro de 1844, data do Alvará Régio de D. Maria II que elevava Paredes a essa categoria e ascendeu a categoria de cidade a 20 de Junho de 1991 (www.valedosousa.pt).

Em termos de mobilidade rodoviária, o concelho de Paredes está bem servido pela A4 (Porto-Amarante), IP4 (Porto – Quintanilha), IC 24 – CREP (Perafita-Espinho), IC24/IC25 (Felgueiras-Fafe-Chaves) e pelo IC29 – Via Rápida de Gondomar, sendo ainda servido pela Linha do Douro. Presentemente, o município de Paredes inclui quatro cidades: Paredes, Gandra, Rebordosa e São Salvador de Lordelo, sendo o município de Portugal com o maior número de localidades com a categoria de cidade. Na maior parte do concelho, o povo ocupa-se essencialmente na indústria do mobiliário, expoente máximo da actividade com forte influência a nível nacional. A actividade agrícola abrange ainda um abundante quinhão da economia local. Considerada a **Jóia do Sousa**, o concelho de Paredes está inserido na **Rota do Românico** e na **Rota dos Vinhos Verdes** (www.cm-paredes.pt), sendo referências da região onde se insere.

Lordelo é uma cidade do Vale do Sousa, situada a Norte do concelho de Paredes e estabelece fronteira com três municípios: Paços de Ferreira, Valongo e Santo Tirso. São Salvador de Lordelo é uma freguesia do concelho de Paredes, com 9,25 km² de área e 9 954 habitantes (Censos 2001). Confronta com a freguesia de Vilela e com a vila de Rebordosa, sendo atravessada pela EN209. Confina com Rebordosa, Vilela (concelho de Paredes), Arreigada, Frazão, Seroa (concelho de Paços de Ferreira) e Sobrado (concelho de Valongo). O rio Ferreira atravessa o seu território, contribuindo para o seu embelezamento paisagístico. Foi elevada a vila a 28 de Junho de 1984 e a cidade em 26 de Agosto de 2003.

Em tempos, houve duas freguesias onde hoje é só Lordelo. Uma situava-se na margem esquerda do rio Ferreira, e fazia parte do concelho de Aguiar de Sousa – chamava-se Lordelo. Na margem direita do rio, estava Castanheira, que pertencia a Refojos de Riba d’Ave e que recebeu foral de D. Dinis e D. Manuel I. As suas povoações acabaram por se fundir numa só, constituindo a Lordelo de hoje. Na “*Tentativa Etimológica*”, refere-se que Lordelo, tal como Louredo e Lourosa, vêm do latim “*laurus*”, o louro e o loureiro, que deu “*lauretum*” – bosque de loureiros – espécie vegetal pouco produtiva que viria a desaparecer da maior parte das nossas povoações. Na antiga Castanheira, existiu o importante Mosteiro dos Cónegos de Santo Agostinho, fundado no séc. XIII e extinto no séc. XVI. Durou relativamente pouco tempo, mas foi de extraordinária importância na história da região. Hoje, não existe nesse local qualquer vestígio do convento. Depois de pertencer aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, foi anexado *in perpetuum*, pelo Bispo do Porto, D. João de Azevedo, à Mesa Pontifical da Catedral do Porto (www.parlamento.pt).

Lordelo foi terra de povoamentos romanos, sendo muitos os vestígios da sua presença na freguesia. Destaca-se do seu património histórico-cultural a Igreja e Casa Paroquial, a Capela da Senhora do Alívio, a Capela de S. Roque, o Cruzeiro de Lordelo, o Cruzeiro da Independência, a **Ponte Romana das Penhas Altas**, a **Torre dos Mouros ou dos Alcoforados**, o Palacete dos Silvas e Casa de Vila Chã e a **belíssima calçada de moínhos** que se apresentam numa paisagem bucólica, verde e rural sobre as margens do rio Ferreira. Actualmente, Lordelo está bastante industrializado e com um nível demográfico elevado e desenvolveu-se muito à custa da sua indústria, principalmente ligada à panificação e aos típicos moínhos e, mais tarde, o mobiliário que ocupa actualmente um lugar de superior destaque na economia nacional (www.freguesias.pt). Nesta zona, situam-se o Centro Tecnológico e o Centro de Formação Profissional das Indústrias de Madeira e Mobiliário.

Relacionado com este progresso, registe-se o aumento significativo do sector terciário. O sector primário tem vindo a perder grandemente a sua importância em termos económico-financeiros nesta vila. Na freguesia de Lordelo, realizam-se as festas populares e religiosas em honra de Nossa Senhora do Alívio (15 dias após a Páscoa), S. Roque e Santa Tecla (2º domingo de Junho), Divino Salvador e Festa da Cidade de Lordelo (3º domingo de Junho) (www.cm-paredes.pt).

Lordelo compreende os lugares da Igreja, Santa Marta, Guardão, Ribeira, Codeçais, Ferrugenta, Campa, Soutelo, Outeiro, Agrelo, Vila, Corregais, Bouçô, Parteira, Vinhal, Levadinha, Ronfe, Penhas Altas, Corujeira, Cales, Taio e Cruzes.

Rebordosa, situada a 21 km da cidade do Porto, é uma das freguesias do concelho de Paredes, com uma área de 11,17 km² e 10 802 habitantes (Censos 2001), atravessada pelo rio Ferreira. Faz fronteira com as freguesias de Vilela, Duas Igrejas, Vandoma e Astromil e com as vilas de Gandra e Lordelo (concelho de Paredes) e Sobrado (concelho de Valongo). A rede viária que serve a freguesia tem ligação aos eixos rodoviários mais importantes da região: a A4 (nós de Campo e Baltar), a cerca de 5 km, a A41 (nós de Lordelo e Rebordosa), a A42 (nó de Rebordosa), e a EN15, através dos cruzamentos de Gandra e Vandoma, que distam 2 km da freguesia (www.jf-rebordosa.pt). Foi elevada à categoria de vila a 28 de Junho de 1984 e à categoria de cidade em 26 de Agosto de 2003, como reconhecimento da vontade e dinamismo das suas gentes, mas também, devido ao peso económico que o fabrico do mobiliário acarreta para a economia da região e do País.

A primeira vez que o topónimo Rebordosa surge em documentos oficiais data das inquirições de 1258, referindo uma unidade territorial chamada "*Villa*". Actualmente, ainda existe alguma discussão sobre a etimologia do termo, mas a teoria mais comum é a de que se encontra em "*rebolosa*" que, por sua vez, deriva dos reboleiros (ou castanheiros rebordões), que mais não são do que castanheiros bravos que dariam castanhas "*rebordans*" ou arredondadas - talvez uma espécie arbórea que terá sido abundante na

região (www.jf-rebordosa.pt). Esta referência botânica está presente no brasão da freguesia com um ramo de castanheiro de prata e três ouriços de ouro (www.jf-rebordosa.pt).

Por outro lado, o topónimo "*rebordosa*" já é muito antigo, aparecendo nas Inquirições de 1258, referindo-se a ela como sendo formada por três unidades territoriais chamadas "villas": Aboim, Rebordosa e Sobreiros. A primeira (Aboim) era bastante vasta e era ainda honra por divisão própria, a qual fora do notável D. Soeiro Mendes da "Maia". A "*villa*" de Rebordosa continha a igreja paroquial de S. Miguel. Metade da "*villa*" era do rei a quem pagavam foro, a outra metade devia talvez ser de fidalgos, por ventura da estirpe maiata. A "*villa*" de Sobreiros pertencia à coroa a quem pagavam igualmente foro. A freguesia de São Miguel de Rebordosa foi abadia de apresentação da casa de Penaguião e, mais tarde, do padroado Real, no antigo concelho de Aguiar de Sousa. Foi incluída no foral de Aguiar de Sousa, dado por D. Manuel em Lisboa, a 25 de Novembro de 1513. Em 1839, aparece na Comarca de Penafiel e, em 1884, na de Paredes. Pertenceu ao extinto bispado de Penafiel – arcediogo de Aguiar de Sousa (séc. XII), comarca eclesiástica de Penafiel – 1.º distrito (1856-1907) e à vigararia de Paços de Ferreira (1916-1970). Nos inícios do séc. XIX, Rebordosa foi palco de violentas lutas entre liberais e absolutistas, ficando célebre pelos seus sermões anti-liberais, o Padre Alvito Buela Pereira de Miranda (www.parlamento.pt).

O historial de Rebordosa tem uma ligação umbilical com as suas características geomorfológicas e ao nível da flora local: às pequenas serras quartzíticas, junta-se a acidez dos solos, com razoáveis valores de potássio, sais de ferro e alumínio e estão criadas as condições para que os montes fiquem largamente povoados de madeiras grossas, altas e fortes, nomeadamente pinheiros, carvalhos, salgueiros e eucaliptos (www.jf-rebordosa.pt). Desde a Idade Média, e como actividade paralela à agricultura, mas revestida da mesma importância, a produção de mobiliário em madeira é a imagem de marca da freguesia. Contudo, antes do salto economicamente qualitativo trazido pela indústria de madeira, até meados do séc. XX, a agropecuária dominava as estatísticas, ruralizando a região. Até então, assistiu-se à proliferação de moinhos para a produção de farinha, chegando a existir 41 moinhos na freguesia em 1922 (www.jf-rebordosa.pt). Actualmente, o comércio, os serviços e, especialmente, o sector industrial tornou-se cada vez mais poderoso, centrando-se o seu desenvolvimento na **indústria de madeiras e mobiliário**.

Na freguesia, em termos de património histórico-cultural, merece destaque a Igreja Velha, datada de 1645, a Igreja Paroquial de S. Miguel, construída em 1967, a Capela de Nossa Senhora da Livração (Capela de S. Marcos), a Capela Nossa Senhora do Calvário (Capela de S. Martinho/Cemitério), a Capela de Santa Luzia, o Cruzeiro no lugar de Lage, o Cruzeiro de São Marco, a Casa Mateus, o Solar de Portelinha, o Solar do Cabo e o Monumento da Serra da Fita.

O movimento associativo é rico e variado, proliferando diversas colectividades de natureza cultural, recreativa e desportiva. São de destacar, na área cultural, as seguintes: o Rancho Folclórico «Os

Marceneiros de Rebordosa», que demonstra a tradição centenária da freguesia no trabalho da madeira, de início puramente artesanal, hoje altamente tecnológico (www.parlamento.pt).

Realizam-se nesta freguesia as festas populares e religiosas da Cidade de Rebordosa e em honra de S. Miguel (1º domingo de Julho). A Festa da Serragem da Velha, celebrada na 4ª feira a meio da Quaresma, de acordo com o ano civil, é uma festa de cariz popular. Consiste num cortejo que percorre praticamente toda a freguesia, composto por um grupo de pessoas munidos de latas, usados para a emissão de sons estridentes, acompanham a velha, empalhada, transportada num tractor (www.cm-paredes.pt).

Castelões de Cepêda é uma freguesia do concelho de Paredes, com 3,69 km² de área e 7 299 habitantes (Censos 2001), sendo a freguesia urbana da cidade de Paredes. Localiza-se no limite Nordeste do concelho de Paredes, confinando com o concelho de Penafiel. Do património histórico-cultural da freguesia, incluem-se o Pelourinho de Paredes, a **Casa da Estrebuela** (incluindo jardins, anexos, pátio e quintal), a Capela da Senhora da Guia, a Capela do Calvário, a Capela de São José, o Palácio da Granja ou dos Viscondes de Paredes, a **Igreja Matriz** e a **Ponte Romana**. O lugar de Pias, em Castelões de Cepêda, Paredes, é assim designado pelo facto de, junto ao rio Sousa, a água correr violentamente, de tal forma que com a areia cavou os penedos marginais, formando as pias.

Nesta freguesia, realizam-se as festas populares e religiosas da Senhora da Guia nos dias 12, 13 e 14 de Junho, junto à capela daquela invocação; as festas de S. José, no 1º domingo de Agosto, no lugar de S. José, e as festas da Cidade e do Concelho, em honra do Divino Salvador, no 3º domingo de Julho (www.cm-paredes.pt).

Cête é uma freguesia do concelho de Paredes, com área de 4,35 km² e 2 517 habitantes (Censos 2001). Situada a Sul do concelho de Paredes, faz fronteira com as freguesias de Parada de Todeia, Mouriz e Baltar (concelho de Paredes) e ainda com o concelho de Penafiel. Foi elevada a vila em 1 de Julho de 2003. Situa-se, aproximadamente, a 6 km da sede de concelho e é banhada a nascente pelo rio Sousa e a poente pelo ribeiro de Sorais. Possui boas acessibilidades rodoviárias: a EN106-3 e a A4 (nó de Parada/Baltar), assim como ferroviárias (estação de Cête, linha do Douro).

Cête foi habitada por todos os povos que invadiram este solo em diversas épocas, antes e depois do domínio dos romanos. Pedro Ferreira e o Dr. José do Barreiro explicam a origem do nome da freguesia. Para o primeiro, Cête é o nome de uma cidade do Sul de França, da qual vieram frades que povoaram o seu mosteiro. Para o segundo, Cête - antigamente *Ceti* - teria origem árabe. Toda a história da freguesia de Cête - de início Lardosa - está inevitavelmente ligada à história do seu Mosteiro beneditino. Fundado em 844 por dois mouros convertidos à fé Cristã, foi posteriormente arrasado em 963 pelos mouros da

antiga guarnição de Vandoma. D. Gonçalo Oveques, que tomou aos mouros esta praça, reconstruiu o mosteiro em 976. Aqui terá construído o seu solar, onde está sepultado com sua mulher, D. Brites. Depois da construção do mosteiro, Cête passou a ser couto dele até 1515. Concedeu-lhe tal privilégio o Conde D. Henrique, parente de D. Gonçalo, que estabeleceu aqui o seu primeiro solar. A rainha D. Teresa, sua viúva, doou a este mosteiro todas as terras que pertenciam a este solar e abrangiam a vasta área de sete freguesias. D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, fez do mosteiro de Cête residência, por muitas vezes. Aqui se hospedava quando fazia as suas visitas regulares às obras de construção do mosteiro de Paço de Sousa, feitas as expensas de D. Egas Moniz. Não é de admirar, por tudo isto, os privilégios de que Cête beneficiou ao longo dos tempos. Com couto, tinha justiça própria, na qual os juizes eram nomeados pelo povo e confirmados pelos frades do mosteiro. Em 1551, este foi unido ao Colégio da Nossa Senhora da Graça, de Coimbra, por mercê de D. João III. O reitor de Coimbra tomava o título de Abade de Cête e Conde do Areinho. Pouco tempo antes, nos inícios do século, em virtude do crescimento verificado na freguesia, o rei D. Manuel abriu o processo para a atribuição de foral a Cête, mas nunca tal se verificaria. Extinto o convento e as ordens religiosas em 1834, todas as suas riquezas passaram a pertencer à Fazenda Nacional e, para a freguesia, só ficou a Igreja, sem casa paroquial (www.gppsd.pt).

A freguesia de Cête, situada em terras férteis, propícias à agricultura, tem vindo actualmente a desenvolver-se a nível industrial, sendo as principais actividades a indústria de mobiliário, a indústria têxtil e a serralharia. Ao nível do sector terciário, a população dispõe de um mercado que se realiza aos dias 7 e 27 de cada mês. Destacam-se do património histórico-cultural a **Igreja de São Pedro de Cête** ou **Mosteiro de Cête**, a **Capela ou Ermida da Senhora do Vale**, o **Cruzeiro da Senhora do Vale** e a Casa do Zé do Telhado. Desde 1920, realiza-se duas vezes por mês uma feira onde se vende todo o tipo de artigos agrícolas e alimentares. Cête tem duas festas de cariz religioso: a **feira em honra de Santa Cruz** que se realiza junto ao Mosteiro no 1º domingo de Maio, e a **feira em honra de Nossa Senhora do Vale**, no largo com o mesmo nome, no 2º domingo de Setembro.

Parada de Todeia é uma freguesia do concelho de Paredes, com 3,64 km² de área e 1 844 habitantes (Censos 2001). Remontando o seu povoamento à época romana, Parada de Todeia é conhecida, arqueologicamente, pela sua **necrópole romana** e pelo espólio que aí foi encontrado. Descoberta em 1921 por Mendes Corrêa, a necrópole consta de um povoado aberto e três sepulturas. Da principal documentação da freguesia destaca-se um documento manuscrito, em que D. Toda Ermides, neta do fundador do Mosteiro de Paço de Sousa, doou em 1071, uma herdade em "Parada", situada perto do castelo de Vandoma, que se presume ser a actual freguesia de Parada de Todeia (parada.no.sapo.pt).

O topónimo principal da freguesia foi explicado na Monografia de Paredes, onde se pode ler que Parada tomou o nome do antigo português "*Parada*", que significava "jantar ou refeição" que os habitantes ou cultivadores das terras ou povoações eram obrigados a dar aos senhores delas, quando as visitassem,

ou por lá passassem. Com o passar do tempo, as ditas “refeições”, que deviam ser pagas em géneros, foram trocadas por dinheiro, por imposição dos governantes e dos senhores das terras, pelo que o termo “parada” se tornou sinónimo de tributo. Segundo Pedro Ferreira, o determinativo “*Todeia*”, ou “*Thodeia*”, poderá provir de “*Thadêa*” e este de “*Thadeu*”, nome santo; sendo esta, portanto, a “*Parada de Thadeu*”. Outras versões referem que Todeia significa “de todos, universal”, ou então, “*Tutella*”, a deusa romana protectora dos cereais contra as intempéries (parada.no.sapo.pt).

Banhada pelo rio Sousa, esta freguesia é essencialmente agrícola, predominando a produção vinícola, embora o sector secundário tenha vindo a ganhar relevo, nomeadamente ao nível das indústrias de transformação de madeiras e da construção civil (parada.no.sapo.pt). O património cultural de índole religiosa de Parada de Todeia inclui, naturalmente, a **Igreja Paroquial**, bem como a Capela do Solar de Chãos; de especial destaque são também o Solar de Ribeiro de Baixo e a beleza natural das suas paisagens, emolduradas, por um lado, pela soberba encosta do rio Sousa, onde, ainda hoje, laboram alguns moinhos (azenhas) e, por outro lado, pelos Montes de Campelos (parada.no.sapo.pt). Parada de Todeia tem tradições populares associadas às desfolhadas e espadeladas do linho, tema de danças e cantares de grupos folclóricos locais. Na gastronomia, Parada de Todeia tem para apresentar os seus requintados vinhos, nomeadamente os vinhos verdes. Nesta freguesia, realizam-se as festas populares e religiosas em honra da Senhora dos Remédios, no 2º domingo de Junho e em honra de S. Martinho, a 11 de Novembro, orago da freguesia e padroeiro dos hoteleiros, cavaleiros e alfaiates.

Sobreira é uma freguesia do concelho de Paredes, com área de 21,02 km² e 4 079 habitantes (Censos 2001). Foi elevada a vila em 1 de Julho de 2003. Situa-se a Sul do concelho de Paredes e tem por limites a Norte, Parada de Todeia; a Oeste, Recarei e Aguiar de Sousa (concelho de Paredes); a Sul, Melres (concelho de Gondomar) e Rio Mau (concelho de Penafiel) e a Este, Lagares e Fonte Arcada (concelho de Penafiel). Em termos de acessibilidades, é servida pela estação ferroviária de Recarei-Sobreira da linha ferroviária do Douro. Os acessos rodoviários são a EN319-2 e o acesso à A4 é feito pelo nó de Baltar/Parada de Todeia.

Crê-se que a origem etimológica do topónimo “Sobreira” deriva dos sobreiros outrora existentes em abundância neste local, aquando a sua fundação de data desconhecida. O nome feminino “*Sobreira*” terá origem na designação galega de Sobreiro, já que, na época romana, Sobreira possivelmente pertencia à província romana Gallaecia (entre os sécs. II e IV) que incluía o norte de Portugal, a comunidade autónoma da Galiza e as províncias espanholas das Astúrias, León e Zamora. Depois da queda do império romano, pertencia ao Reino Suevo que incluía também algumas províncias espanholas (entre os sécs. IV e VII).

Deve o seu nome a um facto geográfico que porventura terá existido à época da sua fundação. [...] Segundo a tradição, decorria o séc. X, quando por aqui acamparam alguns cavaleiros galegos e peões leves. Estavam no auge as lutas entre cristãos e mouros. Nessa altura, o Bispo do Porto, D. Nonego, tratou de construir uma fortaleza, em Vandoma, com fins defensivos, que esteve na base das primeiras derrotas mouriscas. Por onde acamparam, deram as suas tropas o nome às respectivas povoações. Refere Pinho Leal que «*os gascões acamparam num local sobranceiro à margem direita do Douro, em frente da freguesia do Carvoeiro, da freguesia do Canedo, do concelho da Feira. Esta povoação da Gasconha é hoje uma aldeia da freguesia da Sobreira*». Assim foi, na verdade, apesar das incorrecções de Pinho Leal, que localiza Sobreira junto ao rio Douro e confinante com o concelho da Feira (www.sobreira.net).

A freguesia de Sobreira possui características marcadamente rurais. Os seus campos agrícolas produzem **muito trigo**, principalmente em Casconha e Santa Comba. São reputados os viveiros de Castromil, que contribuem para manter a tradição agrícola da freguesia. A actividade industrial é caracterizada basicamente por empresas de serração de madeira, indústria têxtil e fábricas de material de construção civil (www.sobreira.net). Do património histórico-cultural, destaca-se a **Igreja de S. Pedro** ou **Igreja Matriz de Sobreira**, construída em 1874; a Capela de Santa Comba, Capela do Senhor do Pinhal, Aras de Santa Comba, o Cruzeiro do Calvário, as **Minas de Castromil** e a **Ponte de Casconha**.

Elevada a vila em 1 de Julho de 2003, inclui os lugares de Aguim, Arco, Casconha, Castromil, Devesa, Estação, Junqueira, Outeiro, Pinhal, Quinta, Santa Comba, Valinhos e Vilar. Realizam-se as festas populares e religiosas em honra da Imaculada Conceição (8 de Dezembro), Senhor do Pinhal (1º domingo de Setembro), S. Pedro (29 de Junho) e Santa Comba (22 de Julho) na freguesia de Sobreira (www.cm-paredes.pt).

Recarei pertence ao concelho de Paredes, é uma freguesia com 16,63 km² de área e 4 079 habitantes (Censos 2001), distando 10 km da sede do concelho. Situa-se na margem direita do rio Sousa e confronta nos seus limites com as freguesias de Parada de Todeia, Aguiar de Sousa e Sobreira e com a vila de Gandra (concelho de Paredes). Foi elevada a vila em 1 de Julho de 2003. A população de Recarei é servida por acessos ferroviários através da estação de Recarei/Sobreira e pelo apeadeiro de Terronhas da linha ferroviária do Douro. Os acessos rodoviários são a EN15 – 3, tendo acesso à A4 pelo nó Baltar/Parada de Todeia.

O topónimo Recarei confirma a antiguidade do povoamento da freguesia. Segundo Pinho Leal, «*Recarei é corrupção de "Recaredo", nome próprio de homem que antigamente se pronunciava Recarêdo, e hoje se escreve e pronuncia "Ricardo"*». Para Pedro Ferreira, "Recarêdo" era mesmo um rei godu. Sendo "Recaredi", quinta ou vila, Recarei seria assim a Quinta de "Recarêdo". Este rei foi o primeiro que se

converteu ao Cristianismo, no ano de 586, e no ano seguinte a proclamou religião oficial do Estado. Sucedendo a seu pai, Leovigildo proibiu o arianismo e procurou agradar aos seus súbditos romanos, adoptando as suas moedas e fazendo do latim a língua oficial do Estado e da Igreja. No «Arqueólogo Português», lê-se que "*Recaredi*" era já documentado como vila em 1006, "*Recaredi*" como nome de homem em 1092, "*Recarediz*" como apelido de 1050, "*Recaredos*" como nome de homem de meados do séc. IX, "*Recarem*" como nome geográfico de 1258. Citado por diversas vezes, e por vários autores, Recarei é mesmo - está confirmado - um topónimo de origem germânica. Estes povos passaram por aqui e deixaram a sua marca, indelével, na formação da terra. [...] Recarei chegou a ter também o seu foral, concedido em 1255 por D. Afonso III. No "*Portugaliae Monumenta Histórica*" de Alexandre Herculano, vê-se o foral dado por D. Afonso III em 1298 (1255 da era Cristã) a "*Ascarei*". Não há em Portugal povoação alguma com o nome de Ascarei, nem em Pinho Leal, nem no minucioso Dicionário Geográfico de João Maria Baptista. Assim conclui o Dr. José do Barreiro que fora Recarei a ser contemplado por D. Afonso III, no ano referido, com a atribuição do foral (www.parlamento.pt).

Durante a Guerra Civil (1828-1834) em Portugal, Recarei foi um local de grande importância para as operações do memorável e longo Cerco do Porto entre Julho de 1832 e Agosto do 1833. A excelente posição geográfica de Recarei tornava-a um ponto estratégico fulcral nas acções de guerrilha e ataque ao centro populacional de maior importância naquela região - a cidade do Porto. Depois da vitória de D. Pedro IV, muitos concelhos que apoiaram as forças miguelistas, foram imediatamente destituídos. Aguiar de Sousa fora um desses concelhos, deixando a freguesia da Sobreira pertencente à relação do Porto. Entretanto, o Doutor José Guilherme fez com que Paredes fosse eleito a concelho, ao qual se juntaria a freguesia de Recarei, após a desanexação de Sobreira, no ano de 1856. Desde que Frutuoso Álvares e Gaspar Pereira, dois abastados senhores Sobreirenses, compraram as respectivas terras ao mosteiro de Paço de Sousa em 1713, Recarei foi meramente um lugar da freguesia de Sobreira durante 143 anos. Por Decreto Régio de 27 de Novembro de 1855, viria a confirmação oficial da constituição de Recarei a freguesia e a 1 de Fevereiro de 1856 foi criada a Paróquia de Nossa Senhora do Bom Despacho. Do património histórico-cultural da freguesia, destacam-se as Cruzes do Calvário, as Capelas de Terronhas e Bustelo e a **Ponte do Cabouco**.

Sendo uma freguesia de cariz agrícola, esta actividade tem vindo a decrescer, registando-se um acréscimo na actividade industrial. Antigamente, a excelente posição geográfica, os **campos de terra fértil** e as serras repletas de **ribeiros de água pura**, inclusive as provenientes das várias minas construídas pelos Mouros que habitaram a região no passado, foram o grande chamariz de vários casais de lavradores que cedo se aperceberam do verdadeiro valor daquelas terras, levando-os a mudarem-se definitivamente para lá (www.parlamento.pt).

A freguesia de Recarei aglomera os lugares de Alegrete, Além-do-Rio, Bustelo, Lamela, Outeiro, Rochão, Seixagude, Terronhas, Portela, Várzea, Trás-de-Várzea, Costa, Cabido, Valvide, Valteve e Oregas.

Celebram-se as festas populares e religiosas em honra de Nossa Senhora do Bom Despacho, padroeira da freguesia (15 de Agosto), Nosso Senhor Jesus Cristo na Capela de Terronhas (último domingo de Agosto), Santa Águeda e Santa Apolónia (primeiro domingo de Fevereiro) e Santa Catarina na Capela de Bustelo (penúltimo domingo de Maio).

Aguiar de Sousa é também freguesia do concelho de Paredes, com 22,32 km² de área e cerca de 1 600 habitantes (Censos 2001). Foi vila e sede de um extenso concelho até ao início do séc. XIX. Era constituído por 39 freguesias dos actuais municípios de Gondomar, Valongo, Lousada, Paredes e Paços de Ferreira. Tinha, em 1801, 21 643 habitantes e ocupava uma superfície de cerca de 260 km².

A freguesia de Aguiar do Sousa é atravessada no sentido N-S pelo **rio Sousa**, entra aqui no lugar de **Alvre**, passa pelo **Salto** e pelo **Castelo**, segue para a freguesia de Covelo e Foz do Sousa. No percurso efectuado pelo centro desta freguesia, **rega terrenos marginais e faz mover moinhos que moem cereais**. O nome da freguesia deriva do latim "*Aquilar*" que significa "monte onde habitam águias" (Coelho, 1988).

Do património histórico-cultural, destacam-se o **Castelo de Aguiar de Sousa**, a **Ponte Romana de Aguiar de Sousa**, a **Capela da Senhora do Salto** e a Mamoia de Brandiã. O **Salto do Sousa**, uma catarata de 80 metros de altura, é outra das referências da freguesia. Em Aguiar de Sousa, celebram-se as festas populares e religiosas em honra de São Sebastião (último domingo de Setembro), Santa Marta (último domingo de Julho ou no 1º domingo de Agosto), **Senhora do Salto** (1º domingo de Maio) e Santa Isabel (1º domingo de Julho).

Concelho de Valongo

Situado a norte do rio Douro, o concelho de Valongo localiza-se a Nordeste da cidade do Porto, integrando a sua Área Metropolitana. Este município constituído por 5 freguesias (Alfena, Campo, Ermesinde, Sobrado e Valongo) abrange uma área de 75,1 km² e uma população de 86 005 habitantes (Censos 2001) e confina com os concelhos de Santo Tirso, Maia, Gondomar e Paredes. Localiza-se num longo vale, encaixado entre as serras das Chãs, **Santa Justa e Pias** e os montes do Suzão. Apesar do seu desenvolvimento industrial e comercial, ainda tem uma forte componente agrícola, predominando o regime de **minifúndio** (aciscv.com/valongo/), sendo possível, numa curta distância, deixar um cenário tipicamente urbano e recuar ao mais genuíno mundo rural (www.cmvalongo.net).

A criação do concelho remonta ao ano de 1836 e ocorre no contexto da reforma administrativa do País, durante o reinado da D. Maria II. Contudo, a sua ocupação é anterior à romanização. A pluralidade de espaços repartidos entre o vale e a serra, a abundância de água dos rios Leça e Ferreira e a riqueza do

seu subsolo, terão facilitado a fixação de povos desde o período neolítico. A presença romana nesta área, associada à **exploração mineira**, foi bastante significativa, tendo, o próprio topónimo que a designa, origem nas palavras latinas "*Vallis Longus*" (www.cmvalongo.net) que significa "vale longo". Possuidora das **maiores pedreiras de ardósia do País**, a sua expansão ficou a dever-se sobretudo à **indústria panificadora, pão e biscoitos** que abastecia a cidade do Porto (www.cmvalongo.net). Com a introdução do trigo na região, começou-se a fazer o aproveitamento económico dos cursos de água, através dos **moinhos**, actividade que, no entanto só conheceu um verdadeiro desenvolvimento após a introdução do cultivo do milho graúdo, nos inícios do séc. XVII, e acompanhada pelo crescimento acentuado da indústria da panificação.

Os **espaços entre o vale e a serra**, a **abundância de água** e a **riqueza do subsolo** deste município terão sido factores decisivos para a fixação de povos. As civilizações castrejas da idade do ferro instalaram-se nas serras de Santa Justa e de Pias, onde estão referenciados três castros: Alto do Castro, Castro de Pias e Castro de Couce. Estes povoados seriam posteriormente ocupados pelos romanos, que aqui deixaram, por exemplo, mós, tégulas e cerâmicas. Nesta altura, Valongo afirmou-se como centro mineiro, de onde saía **ouro** para o império. Da presença muçulmana, ficaram topónimos como Moirama, Ilhar Mourisco e Alfena (aciscv.com/valongo/). Durante as Invasões Francesas, no início do séc. XIX, uma divisão das tropas de Napoleão instalou-se em Valongo. Já em 1832, o concelho foi palco de guerras liberais, com a **batalha da Ponte Ferreira**. O actual concelho de Valongo foi criado em 1836, no contexto de reforma administrativa levada a cabo no reinado de D. Maria II (aciscv.com/valongo/).

A freguesia de Valongo é a sede do concelho, limitada a Norte pela freguesia de Alfena, a Nordeste, por Ermesinde e a Este, por Campo e Sobrado. Tem uma área aproximada de 17 km² e conta actualmente com mais de 18 698 habitantes (Censos 2001). É uma região muito rica tanto a nível de solo, como de subsolo, dada a sua implantação num vale fértil irrigado por numerosos cursos de água, protegido pela serra de Valongo, onde se destaca a Santa Justa que atinge os 376 m de altitude. Merecem destaque a **exploração da lousa e do antimónio**, sobretudo a partir dos anos 70 do séc. XX, para além do **ouro** desde os sécs. II e III d.C. São Mamede é o padroeiro da freguesia, com festa a 17 de Agosto e são também dignas de referência as festas em honra do Senhor dos Passos, com procissão no 4º domingo da Quaresma e Santa Justa no 3º domingo de Julho.

Sobrado, originalmente designada por **Santo André de Sobrado**, é uma freguesia do concelho de Valongo, com 21 km² de área e 6 682 habitantes (Censos 2001). Localiza-se a Norte do concelho de Valongo, sendo delimitada a Noroeste pelos concelhos de Santo Tirso e Paços de Ferreira, a Nordeste pelo concelho de Paredes, a Sul por Campo (Valongo) e a Oeste por Valongo (Valongo). Foi elevada a vila em 12 de Junho de 2001. "*Sancti Andree de Sobrato*" aparece mencionada nas Inquirições de 1258 e, à data ainda pertencente às terras de Aguiar de Sousa, tendo só em 1836 passado a pertencer a Valongo. Situada numa planície xistosa, resguardada por algumas elevações de terreno e atravessada

pelo rio Ferreira, o que lhe dá condições para um clima típico do Norte Litoral, com influência marítima, favoráveis à agricultura e à pastorícia. Nomes como Agra da Balsa, Agra da Devesa, Agra da Serra, Agra de Vilar, Agra da Costa entre outras, são testemunhos vivos dessa ruralidade que sempre caracterizou Sobrado e onde o rio Ferreira desempenhou, ao longo da história, um papel importante.

Uma das tradições mais antigas da freguesia de Sobrado era a **extracção de azeite através de engenhos de azeite movidos pelas águas do rio Ferreira**, hoje prática inexistente na freguesia. Merece especial relevo o **cultivo do linho**, que em épocas remotas fez a riqueza do local e talvez esteja na origem do topónimo "Sobrado", que poderá ter derivado do latim "*Superatú*" que significa "excesso e abundância". Acerca da tradição do linho: "*Os molhos de linho vindo do campo eram mergulhados no rio Ferreira, em camadas paralelas, calcados em tábuas com pesadas pedras que o conservavam submerso e impediam o seu deslize pela corrente. O linho ficava em maceração entre 10 a 15 dias (enrias). Retirado da água, o linho era estendido no monte a corar por um período de 7 a 12 dias. Era depois enfeixado e levado novamente para a eira (cora). Aberto ao sol na areia, o linho era malhado a mangual, de um lado e outro lado, até a palha ficar quebrada (malha). O linho era amassado no engenho. Previamente marcado o dia – que o engenho serve vários produtores – o linho era maçado até ficar numa pasta, também chamado estrigão. O engenho pode ser hidráulico ou de tracção animal. Pela utilização do engenho, o produtor paga ao dono do engenho uma quantia em dinheiro ou espécie (engenho)" (Lusitânia Editores, 1996b).*

É contudo controversa a aplicação do topónimo que se por um lado poderá designar terreno que sobejou, e a verdade é que Sobrado se situa num vale cercado de montanhas, por outro, também poderá designar casas de sobrado, com mais do que um andar, indicadores de riqueza. Embora não existam vestígios de civilizações primitivas, é de admitir que estas por lá tenham passado, pois estes vestígios encontram-se em abundância por todo o concelho de Valongo (www.regional-editora.com). Uma **reminiscência da Reconquista Cristã** é a **Festa da Bugiada**, cuja tradição aparece já documentada nas Inquirições de 1258, ordenadas por D. Afonso III. Do ponto de vista económico, Sobrado, freguesia essencialmente rural, cujas principais actividades económicas são o fabrico de mobiliário, construção civil, indústria têxtil e agricultura, está a dar agora os seus primeiros passos noutros tipos de actividades, como as confecções, artes gráficas e comércio automóvel (www.regional-editora.com).

Sobrado tem pontos de interesse histórico-culturais de grande relevância como a **Ponte românica sobre o rio Ferreira**, a **Ponte do Açude e aqueduto**, os **lugares de Ferreira**, **Costa** e **Capela da Nossa Senhora das Necessidades**, constituídos essencialmente por casas de lavoura, a **Casa do Visconde Paço** e a **Igreja Matriz**. A feira local realiza-se semanalmente às terças-feiras e, até meados do século passado, no mês de Junho, realizava-se a feira das abelhas, que infelizmente acabou por cair no esquecimento. Gastronomicamente, destaca-se pelos seus "doces de Sobrado", uma espécie de cavacas, pelo cabrito assado no forno e pelo arroz de cabidela. Na freguesia de Sobrado, celebram-se as

festas populares e religiosas em honra de S. Gonçalo (último domingo de Abril), **S. João de Sobrado** ou **"Bugiadas"** (24 de Junho), **Nossa Senhora das Necessidades** (2º domingo de Setembro) e **Santo André, padroeiro da freguesia** (último domingo de Novembro) (www.cmvalongo.net).

S. Martinho de Campo

<i>" [...]</i>	<i>Qual seara a ondular,</i>	<i>Quase tocando as estrelas</i>
<i>E, em S. Martinho do Campo</i>	<i>Nos vales onde as espigas</i>	<i>Na noite escura de breu,</i>
<i>Há ouro em couto mineiro</i>	<i>Nunca tardam a dourar.</i>	<i>Elevando o pensamento,</i>
<i>Desse ouro, que os romanos</i>	<i>E as águas do Ferreira</i>	<i>Esquecendo, por um tempo,</i>
<i>Buscavam a tempo inteiro,</i>	<i>Bodejam a limitar.</i>	<i>Solares, igrejas, cruzeiros,</i>
<i>Quase fazendo esgotar,</i>	<i>Daí vales produtivos,</i>	<i>Porque, naquele momento,</i>
<i>Como mil vestígios mostram,</i>	<i>Cheios de vegetação,</i>	<i>As estrelas são luzeiras</i>
<i>os minérios do lugar,</i>	<i>Do turismo apelativos,</i>	<i>Que iluminam quem ousa</i>
<i>Rasgando entranhas à terra</i>	<i>Nesta rica região,</i>	<i>Levar aos céus os desejos</i>
<i>De tantos fojos cavar!</i>	<i>Que tem hoje os rios mortos</i>	<i>Enquanto trabalha a lousa,</i>
<i>E do alto dos seus montes</i>	<i>Devido à poluição [...]</i>	<i>Enquanto amassa o seu pão,</i>
<i>Pode em Campo ver-se o</i>	<i>Vai à Santa Justa, à Serra,</i>	<i>Enquanto coze a regueifa</i>
<i>mar,</i>	<i>E pode sentir assim,</i>	<i>Que transporta ao</i>
<i>Que ondula a sua água</i>	<i>Que fica perto do céu,</i>	<i>canastrão!"</i>

In Valongo da lenda à História (1993)

Campo, originalmente designada por **S. Martinho de Campo**, é uma freguesia do concelho de Valongo, com 12,68 km² de área e 8 645 habitantes (Census 2001). Dista cerca de 2 km da sede do concelho e 12 Km da cidade do Porto. Foi elevada a vila em 12 de Junho de 2001. Confina a Norte com as freguesias de Sobrado (Valongo) e vila da Gandra (Paredes), a Este com São Pedro da Cova (Gondomar), a Sul com Aguiar de Sousa (Paredes) e a Oeste com Recarei (Paredes). É atravessada pelo rio Ferreira no sentido Nordeste-Sudoeste.

A freguesia de S. Martinho do Campo é já conhecida desde o ano 797. Sabe-se, também, por vários documentos que existiu aqui o Couto de Luriz concedido por El-Rei D. Afonso Henriques (1140) a D. Ribaldiz, Bispo do Porto. Este couto teve juizes ordinários, procuradores, advogados e jurados, situando-se o tribunal junto à Ponte de Luriz. S. Martinho do Campo é, também, citado com este nome nas Inquirições de 1258. Segundo a "*Corografia Moderna do Reino de Portugal*", de 1875, S. Martinho de Campo vinha referenciado com o nome de Recezinhos de Ponte Ferreira, como pertencendo à Abadia do

Convento de Vilela e que depois passou para a alçada do Bispo e integrada no então concelho ou julgado de Aguiar de Sousa. O Padre Joaquim A. Lopes dos Reis, na monografia "*Villa de Vallongo*", refere que na época romana, passava por S. Martinho do Campo uma estrada romana de 2ª ordem que ia da encosta Nordeste da serra do Raio chegava a Aguiar de Sousa e servia para transportar para o rio Douro os minérios que eram embarcados para o Porto (Cale) e depois para Roma (Lusitânea Editores, 1996a).

Em S. Martinho do Campo existe um espólio romano que retracta bem a presença romana, nomeadamente os **fojos** que são poços e galerias de minas na serra de Plas e do Raio e a **Necrópole Romana da Corredoura**, entre outros vestígios. Salienta-se que, até ao séc. XI, Valongo fazia parte da freguesia de Campo da qual se separou nessa altura. S. Martinho do Campo só foi integrado no concelho de Valongo em 1836, deixando de pertencer ao então extinto concelho de Aguiar de Sousa. Foi palco das Invasões Francesas quando estas se instalaram no Porto, deixando nesta freguesia um rasto de violência, roubo e destruição. Em 23 de Julho de 1832, foi também palco da **Batalha de Ponte Ferreira**, entre os exércitos de D. Pedro IV e seu irmão D. Miguel. A Batalha deu-se no lugar de Ponte Ferreira, junto à ponte com o mesmo nome e nela participaram 23 000 homens. A luta entre liberais e miguelistas pela conquista da Ponte Ferreira durou mais de 12 horas e para D. Pedro foi a sua maior batalha.

A freguesia de S. Martinho do Campo, ao longo dos tempos, conheceu três fases importantes de desenvolvimento: a fase da **exploração do ouro** (a mais antiga), a fase da **moagem e panificação** e uma terceira fase com a **exploração da ardósia**. A indústria de extracção de ardósia (ou lousa) é, sem dúvida, uma das grandes actividades desta freguesia, desde a descoberta das minas de lousa em 1834. Em 1865, funda-se a primeira companhia para a exploração de ardósia, sob direcção dos ingleses, "*The Vallongo Slate & Marbles Quarries*", levando o nome da cidade do Porto a todo o mundo, sendo esta conhecida internacionalmente com "*Porto Slate*" (inglês) ou "*Portoschiefer*" (alemão). Esta actividade, inicialmente desenvolvida na sede do concelho de Valongo, está hoje localizada apenas na freguesia de Campo, onde se encontram todas as reservas naturais desta pedra. A ardósia, desde há muitos anos, é uma rocha ornamental, destinada principalmente à exportação, sendo actualmente muito procurada no mercado português.

Desde sempre, a freguesia de Campo soube aproveitar as riquezas naturais da sua terra, explorando do subsolo a ardósia, as quartzites, o antimónio, o volfrâmio; utilizando a força da água do seu rio Ferreira; cultivar a terra produzindo milho, vinho, feijão, batata, legumes; fomentando indústrias criadoras de riqueza, de que são exemplo a da moagem, panificação, têxteis, transformação de ardósias, móveis e metalomecânica (www.jf-campo.pt).

Do património histórico-cultural, destaca-se a **Igreja Matriz**, as Capelas de Nossa Senhora da Encarnação e São João Baptista, o **Museu da Lousa**, a **Aldeia de Couce**, a **Necrópole Romana da Corredoura**, a **Ponte dos Arcos** e a **Ponte Ferreira**. O artesanato existente em Campo consiste,

essencialmente, na manufactura da ardósia e do linho, estando este em vias de extinção, perdendo-se um valioso património cultural. O artesanato em ardósia está em franca expansão.

A freguesia de Campo inclui os seguintes lugares: Quintã de Baixo, Fervença, Lameiras, Alto do Moinho, Póvoas, Vinhas, Chã, Ponte Ferreira, Ribeira, Moirais, Capela, Retorta, Felgueira, Vertido, Costeira, Quintã de Baixo, Ramalho, Moirama, Azenha e Balselhas. Celebram-se as festas populares e religiosas em honra de Nossa Senhora da Encarnação (último domingo de Maio) e **S. Martinho**, padroeiro da freguesia (11 de Novembro).

Concelho de Gondomar

"Tri-fronte.

Mineiro, artista e lavrador.

A paisagem corresponde a essas tres modalidades industriaes. Ora severa, brusca, accidentada, negra; ora filigranando arabescos sobre as correntes limpidas da agua; ora alastrando-se ubérrima pelas hortas e pomares, d'onde se abastece o Porto. O carvão, a filigrana e o nabo, eis ahí os tres symbolos de Gondomar, d'esta boa e antiga terra portugueza, cuja povoação principal se diz ter sido fundada pelo rei godo Flavio Gundemario, no anno de 610. Como arrabalde e dos mais ferteis que tem o Porto, só pode visitar-se o concelho alugando na cidade um cavallo ou um trem, que nos transporte através da sua zona norte, fretando depois um barco e seguindo Douro acima para conhecer a zona de sul. Melhor a cavallo do que em trem, tão mal construída é a estrada, se pode ir á villa de S. Cosme de Gondomar, em cujo lugar da Quintã se encontra a sede de concelho." (Vieira, 1887)

Gondomar é um concelho com 133,3 km² e 164 096 habitantes (Censos 2001), subdividido em 12 freguesias, sendo limitado a Nordeste pelos municípios de Valongo e Paredes, a Sudeste por Penafiel e Castelo de Paiva, a Sul por Arouca e Santa Maria da Feira, a Sudoeste por Vila Nova de Gaia, a Oeste pelo Porto e a Noroeste pela Maia. O nome Gondomar tem ressonâncias históricas. Vários achados revelam as velhas raízes da vivência humana neste local desde a pré-história. A exploração das minas de ouro nas regiões próximas e a posição estratégica do crasto comprovam a permanência dos Romanos nestas terras. Entre outras versões, a denominação "*Gondomar*" é atribuída ao rei visigodo "*Gundemaro*" que, em 610 teria aqui fundado um couto. Apesar de não haver vestígios dos cavaleiros visigóticos, Gondomar recebeu o primeiro foral em 1193, de D. Sancho I (1154-1212) que, mais tarde, foi confirmado pelo rei D. Afonso II (1185-1223) através das Inquirições. O Monarca fez honra de Gondomar a D. Soeiro Reymondo, que aqui tinha um solar. No reinado de D. Manuel I (1469-1521), é outorgado o segundo foral ao município de Gondomar, em 1515. Também estas férteis terras foram doadas a D. Margarida de

Vilhena, concedendo-lhes direitos de renda, foros, etc. Nos séculos seguintes, o julgado de Gondomar não enquadrou sempre as actuais freguesias. Ao longo dos anos, diversas modificações do estatuto e demarcações de algumas localidades – Melres, Rio Tinto, Lomba e São Pedro da Cova - fizeram variar a forma do concelho. Se bem que fossem integradas as referidas freguesias com todas as suas potencialidades, ao concelho já pertenceram Avintes - hoje ligada à cidade de Vila Nova de Gaia - e Campanhã - freguesia do Porto fronteiriça com os limites de Gondomar (www.cm-gondomar.pt). Data de 1868 a incorporação no concelho das freguesias de São Cosme, Valbom, Rio Tinto, Fânzeres, São Pedro da Cova, Jovim, Foz do Sousa, Covelo, Medas, Melres e Lomba. Formalmente, só em 1927, a sede do concelho - São Cosme - foi confirmada como Vila de Gondomar.

Em 1985 foi promulgada a lei de criação da freguesia de Baguim do Monte, e em 1991, Gondomar ascende a cidade, o mesmo acontecendo com Rio Tinto, em 1995. Mais recentemente, em Janeiro de 2005, Valbom ascende à categoria de cidade (www.cm-gondomar.pt).

S. Pedro da Cova

“Da sede de concelho, segue a estrada para a região mineira da freguezia de S. Pedro da Cova, nome que a disposição topographica rigorosamente justifica. A paisagem severa e melancholica parece condizer nas suas linhas ásperas com a misteriosa vida subterrânea, que se sente palpitar em toda a extensão d’esta pequena bacia orographica. As medas de anthracite accumulam-se á superficie da terra, os seres vivos apparecem-nos empoeirados de carvão, ouve-se á bocca dos poços o soluçar estridente dos cestos que sobem e descem, como se um misterioso poder, occulto nas entranhas da terra, os repellisse com impulso desabrido.” (Vieira, 1887)

Situada a 10 km da cidade do Porto e a 4 km da sede do concelho, a Vila de S. Pedro da Cova tem uma área de 14,42 km² e 17 324 habitantes (Censos 2001). Confronta a Norte com Alfena e Valongo (Valongo); a Sul com as freguesias de Jovim e Foz do Sousa (Gondomar); a Oeste com a Vila de Fânzeres e a cidade de Gondomar (S. Cosme) e a Este com as freguesias de Aguiar do Sousa (Paredes) e Campo (Valongo).

As referências históricas sobre S. Pedro da Cova remontam aos princípios da fundação de Portugal: em 1138, o Couto de S. Pedro da Cova foi doado por D. Afonso Henriques a D. Pedro Rebaldis, sucessor de D. Hugo, Bispo do Porto. Em 1379, D. Afonso III confirmou a doação do Bispo do Porto do Couto de S. Pedro da Cova, no julgado de Gondomar. Com a extinção dos coutos em 1820, a freguesia de S. Pedro da Cova adquiriu a designação de concelho, que foi extinto em 1836, passando a pertencer

definitivamente ao concelho de Gondomar (freguesias.esoterica.pt/jf-spedrocova/). Em 1989, a freguesia foi elevada a Vila.

Sem ter perdido o cariz agro-pecuário, a partir de 1802, S. Pedro da Cova tornou-se um importante pólo industrial na sequência da **descoberta de jazidas de carvão** (e também manganês e volfrâmio), materiais imprescindíveis ao arranque e desenvolvimento da industrialização oitocentista. Durante muitas gerações, foram as **minas de S. Pedro da Cova um dos grandes alicerces da economia do país e da Região Norte**. A sua dinâmica tornava-se visível a quem percorresse a região do Grande Porto, confrontando-se com o vaivém incessante de cestas metálicas, movimentando-se ao ritmo febril da actividade do complexo mineiro, percorrendo cabos paralelos que se sobrepunham aos povoados, vias de locomoção e a todo o género de acidentes orográficos do concelho (Câmara Municipal de Gondomar, 1999).

Nos anos 30 do séc. XX, a exploração mineira intensificou-se em grande escala, então na posse da Companhia das Minas de Carvão e S. Pedro da Cova e transformou-se num pólo importante de migração, localidade que passaria a ser conhecida por "**terra mineira**", por excelência, até que a década de 1970, trouxe o encerramento da mina (www.ippar.pt). Uma horda crescente de operários, homens-toupeiras de vontade indómita, originou o aparecimento do Bairro Mineiro, ainda hoje implantado na periferia da Torre do Poço de S. Vicente, constituindo um exemplar único e impressionante da arqueologia industrial do princípio de século e dos aglomerados do Passal e de Tardariz, de iguais características (Câmara Municipal de Gondomar, 1999). E se a vida ferve em subterrâneos, à superfície apresenta uma paisagem agreste e muito melancólica, muito procurada pelos amantes da natureza, na qual se insere o Monte Carvalhal, com uma altitude de 327 metros e localizado a 3 km de S. Cosme (www.cm-gondomar.pt).

As agruras da minas de antracite, na bacia orográfica das Serras de Santa Justa e Pias não fizeram perder a vocação agropecuária, com a pastagem de rebanhos de cabrito (uma iguaria gastronómica local) e o cultivo de cereais e legumes, trabalho que permitia aos mineiros e à sua descendência a sua subsistência. Um exemplo notável deste carácter rural é a **proliferação de azenhas no decorrer das águas do rio Ferreira**, sobretudo na margem que de Couce conduz a Beloi, num surpreendente e admirável percurso rural. Hoje, S. Pedro da Cova tornou-se um dormitório da cidade e da região e a evolução dos tempos trouxe novas indústrias, comércio e serviços, destacando-se daquelas a ourivesaria, a metalomecânica, o mobiliário, a maleira e a eléctrica.

S. Pedro da Cova integra os lugares da Bela Vista, Belói, Bouça do Arco, Carvalhal, Cimo da Serra, Covilhã, Ervedosa, Gandra, Mó, Passal, Ramalho, Silveirinhos, Tardariz, Vale do Souto e Vila Verde. Nesta freguesia, celebram-se as festas em honra de S. Pedro e S. Paulo, padroeiros da freguesia, no lugar da Covilhã (fim-de-semana mais próximo de 29 de Junho); **Mártir S. Vicente** no lugar de Beloi (fim-

de-semana mais próximo de 15 de Agosto) e as festas da Vila (fim-de-semana mais próximo de 30 de Junho), no Largo da Administração.

Covelo

“Além dos enlevos bucólicos da paisagem, docemente beijada pela água, terá ocasião de conhecer os sítios onde as águas do rio são captadas para o abastecimento ao Porto, e trará mais ao diante conhecimento, embora isso lhe custe um pouco mais, com a freguesia de Covello, assente nas faldas da grande Serra dos Açores, sobre a margem esquerda do Rio Souza. Nos seus lugares de S. Gens e Midões, e mesmo no Covello, encontram-se minas de anthracite, pertencendo à mesma zona carbonífera de S. Pedro da Cova [...] que fica a noroeste.” (Vieira, 1887)

É uma freguesia do concelho de Gondomar, ocupa uma área de 8,36 km² e tem uma população de cerca de 1 755 habitantes (Censos 2001). Confinava a Norte e Este com Aguiar de Sousa (Paredes); a Sul com Medas e Melres (Gondomar) e a Oeste com Foz do Sousa (Gondomar). O rio Sousa atravessa esta freguesia de Nordeste para Sudoeste. A origem da sua denominação surge de 'Cova', porque outrora a freguesia limitava-se a um grupo de casas no centro de um lugar. A primeira referência a esta localidade remonta ao ano de 960, quando parte destas terras pertenciam à família do pai de Egas Moniz. O segundo documento data de 1133 e refere a doação feita por D. Afonso I ao Mosteiro de Cête de uma vila de Leverinho. Covelo surge, desde a origem da nacionalidade, como um padroado do Mosteiro de S. Pedro de Cête, um dos mais antigos de Portugal. Aquando da sua origem, tinha apenas três lugares: Covelo, Leverinho e Lixa (www.ciberjunta.com/covelo.html).

Eis o testemunho recolhido pela monografia de Joaquim M. dos Santos Rocha, sobre a fértil freguesia do Covelo: *“O lugar de Covelo desenvolveu-se pouco agricolamente até meados do séc. XVII; resolveram então associar-se para a construção do açude e da levada da Peneda para regar com a água do Sousa os campos de Mosqueiros e Porto de Bois, o primeiro compromisso para esse efeito é de 1642” e ainda “irrigados os terrenos, a agricultura desenvolveu-se muito; aumentou a área cultivada, dizendo um documento de 1712 que cada casal inteiro lavrava 14-15 carros de pão”* (Associação Comercial e Industrial de Gondomar, 1988). Situada nas terras férteis de Gondomar, é uma freguesia ainda hoje dedicada à agricultura, devido à abundância de água com excelentes capacidades de regadio, utilizando sobretudo a corrente do rio Sousa. Covelo possui na sua essência campestre e rural, potencialidades turísticas acentuadas pelo Douro que constitui a fronteira sul da freguesia. Relativamente bem povoada, ainda que bastante carenciada de infraestruturas, os habitantes desta freguesia tem constituído núcleos individualizados e específicos, de acordo com as incidências laborais próprias. Na Lixa, para além da expressão agrícola, predominam os barqueiros e os operários fabris. Na serra, houve sempre o

predomínio de mineiros e carvoeiros. Em Boialvo, repetem-se olivais, determinando os conceitos de vida e de sobrevivência (Câmara Municipal de Gondomar, 1999).

Zona xistosa por excelência, Covelo abriga as **minas de Monte Alto, com antimónio e quartzo aurífero**, hoje marcadas por alguns edifícios semi-abandonados, um apanhado histórico das gerações que a elas se dedicaram, transportando-nos a uma antiguidade que se completa nas cavernas pré-históricas de Monte Alto, Devesa, Ferraz, genericamente conhecidas pelas “Covas da Raposa”. Aí se abrigavam, posteriormente, alcateias de lobos e raposas, complementadas por um afluxo de javalis, lebres, coelhos e perdizes, tornando a freguesia num paraíso cinérgico notável. De igual modo, ao nível da sua fauna mais original, terrenos que dão relevo à presença real de aves de rapina com prevalência de águias e açores, assim como o habitat favorável para a criação de abelhas em colmeias, ainda referenciais nesta região.

Em Covelo, existem vários fósseis (essencialmente **trilobites**) no lugar da Serra e na serra das Flores, nos lugares de Pedreiras e Valongueda. Os montes da serra dos Açores (do latim “*Acceptor*” que significa “local onde existem açores”) são ricos em cristais de **quartzo**. Na encosta da Peneda, repousa mesmo uma enorme rocha de quartzo, conhecida por ‘Peneda do Forno’. Em Covelo, há quatro minas de carvão, outras tantas de antimónio e uma de ouro, cuja laboração cessou em 1927.

Os **rios Sousa e Douro** fazem de Covelo uma atracção turística, particularmente na época do Verão (www.cm-gondomar.pt). A Marina da Lixa, banhada pelo rio Douro, junto à barragem de Crestuma/Lever, é a maior estrutura náutica fluvial do País, permitindo a navegação em qualquer altura do ano. O rio Sousa é fértil em trutas, enguias, barbos e bogas, tal como aconteceu no passado em relação à lampreia e ao sável, riquezas ímpares do concelho. Aqui também eram abundantes as lontras nas suas margens. Desapareceram com o tempo, mas permanece o equilíbrio de um ambiente natural onde se inscrevem castanheiros e flores, especialmente camélias, rosas e magnólias. É neste ambiente que se desenvolvem pomares de fruta e olivais, no meio dos quais se estendem prados e terrenos pintalgados de alinhamentos de casas feitas de xisto. Junto do largo principal de Covelo, há casas senhoriais notáveis (Câmara Municipal de Gondomar, 1999).

Existem vários exemplos de riqueza arquitectónica como a Quinta do Funtão Seco, Capela e Portão Brasonado, a Casa do Cunha, a Quinta de Fundelo, a Quebrada da Quelha e a Capela de Leverinho que fazem parte do património histórico-cultural da freguesia. Covelo agrupa os lugares de Boialvo, Cabanelas, Capela, Carreiras, Carvalhal, Chães, Conchadas, Còvelo, Cruz, Goela, Lages, Leverinho, Lixa, Midões, Pedreira, Porto de Bois, Ribeira, Serra e Tourais.

A tradição de festas populares e religiosas integram as festas em honra a São Martinho e Santa Isabel (em Leverinho), Senhora das Candeias, Sagrado Coração de Jesus, Santa Luzia, Nossa Senhora de Fátima, as festas da padroeira (Nossa Senhora do Ó), Santo António, a Procissão do Senhor (3º domingo

de Julho) e a romaria de S. Gonçalo (2º domingo de Junho), onde havia uma tradição muito antiga e única: a quebra do púcaro. Era uma forma de assustar e irritar jovens casais de namorados, partindo vasilhames de barro aos seus pés, de forma inesperada (Câmara Municipal de Gondomar, 1999).

Foz do Sousa

“Descançando em Jovim alguns instantes, visto que a etymologia da palavra assim o está dizendo, e os nossos barqueiros, sem saberem que a palavra vem do antigo verbo portuguez jouver, jazer, dormir – assim também o entendem, vamos depois seguindo por este Douro accidentado, até que em frente das escarpas de Arnellas, lugar celebre pela sua feira das nozes, encontramos a pittoresca Foz do Sousa, alcandorada sobre as margens dos dois rios Douro e Souza. Por vezes, temos fallado de um antigo castello, que se diz ter existido sobre este pendor de Foz Sousa, e do qual parece haver irradiado para todo o território de Aguiar a luz primitiva da civilização. Comprehende-se que isto assim fosse, visto esse castello marcar uma estação importante da via militar romana, que ia d'aqui, por Vandoma, a Penafiel e Canavezes. Pinho Leal diz a seu respeito o seguinte: “provavelmente foram os romanos que a edificaram (se não foram os antigos lusitanos). Durante o reinado dos príncipes godos foi este castello reedificado (ou, segundo outros, fundado) e d'elle trata claramente a Chronica Gothica, situando-o na margem do rio Souza, em frente de Arnellas.” (Vieira, 1887)

Situada a 6 km da sede de concelho, é a mais extensa freguesia do concelho com 23 km² e 6 405 habitantes (Censos 2001). Localiza-se na parte mais alta do concelho de Gondomar, sendo uma zona essencialmente agrícola, beneficiando amplamente da **presença dos rios Sousa e Ferreira** que o atravessam, irrigando e fertilizando os seus campos, ao mesmo tempo que lhe conferem notórias potencialidades turísticas. Tem por limites a Este a freguesia de Covelo, a Sul o rio Douro, a Oeste a freguesia de Jovim e a Norte as freguesias de S. Pedro da Cova e Aguiar de Sousa, esta última no concelho de Paredes.

Reedificada pelos godos, aqui se instalaram populações originárias da margem esquerda do rio Douro e das terras de Penafiel, fruto do trabalho povoador de Almançor, monarca mourisco que, tendo conquistado o castelo aos cristãos, aqui lhe colocou uma guarnição sarracena. Só no início do séc. XI foi o castelo resgatado, sendo posteriormente destruído nos sucessivos confrontos entre Portugueses e Castelhanos. Esta série de lutas atesta a importância geoestratégica desta região. Foi a partir dela que se geraram as terras de Aguiar, palco de incursões sucessivas de povos e de guerreiros em busca de identidade e de domínio. No conflito fratricida entre D. Miguel e D. Pedro, Zebreiros ocupou lugar de particular destaque: ali foram assentes baterias pesadas de uma artilharia fiscalizadora do trajecto do Douro, via possível de avanço de liberais (Câmara Municipal de Gondomar, 1999).

As paisagens labirínticas da Foz do Sousa dispostas em terrenos formados por aluviões e marcadas pelo confronto permanente da trilogia fluvial (rios Douro, Sousa e Ferreira) com as asperezas e as branduras de uma geografia extasiante marcam o carácter rural desta freguesia. Na Foz do Sousa, o rio serve para provas de desportos náuticos (Câmara Municipal de Gondomar, 1999).

A despeito da sua localização que não favorece a instalação de unidades fabris, é notório um crescente surto industrial, sobretudo nos ramos da metalurgia e da marcenaria. Na agricultura, a actividade principal da freguesia, predomina o cultivo de cereais (milho, centeio, cevada e em menor escala, o trigo), vinho e hortícolas (batata, feijão, etc), enquanto na pecuária faz-se criação de gado bovino e suíno.

Destacam-se como lugares a visitar a **ponte em betão sobre o rio Sousa**, projectada pelo Eng. Edgar Cardoso, junto à foz do rio Douro; a Praia de Zebreiros, uma das mais belas praias fluviais do concelho de Gondomar; a Companhia Industrial de Fundição, uma das mais antigas empresas do concelho, funcionando ainda ao produzir algumas peças de cozinha como panelas, caçarolas, entre outros; a Barragem de Crestuma–Lever, determinante para o desenvolvimento de actividades desportivas fluviais; as **minas de Midões (carvão)** e Zebreiros (manganês e volfrâmio), e a Igreja de Zebreiros, monumento do séc. XVIII, com painéis valiosíssimos no seu interior (www.cm-gondomar.pt).

Inclui os lugares de Compostela, Gens, Zebreiros, Ferreirinha, Esposade e Sousa. Em Foz do Sousa, as festas de S. João Baptista, padroeiro da freguesia, celebram-se a 24 de Junho ou no fim-de-semana seguinte. Merecem também destaque as festas de **Santa Helena** (no 2º fim de semana de Maio) em Ferreirinha, Nossa Senhora da Aparecida (1º ou 2º fim de semana de Julho) em Compostela, S. Roque (3º domingo de Agosto) em Gens e Santo Amaro (15 de Janeiro ou no fim de semana imediatamente acima) em Ribeira, com a tradicional regueija acompanhada de jeropiga.

Bibliografia

AARIS - Associação dos Amigos do Rio Sousa: aaris.blogspot.com

ACISCV – Associação do Comércio, Indústria e Serviços do Concelho de Valongo: aciscv.com/valongo/

Águas de Douro e Paiva: www.addp.pt

Área Metropolitana do Porto: www.amp.pt

Assembleia da República: www.parlamento.pt

Blog “Novas do Vale do Sousa”: novasjornal.blogspot.com

Blog “Sobreiro Secular do Calvário” de Recarei (Paredes): sobreirosecularcalvario.blogs.sapo.pt

Câmara Municipal de Gondomar: www.cm-gondomar.pt

Câmara Municipal de Paredes: www.cm-paredes.pt

Câmara Municipal de Valongo: www.cmvalongo.net

Direcção Geral de Recursos Florestais – Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas: www.dgrf.min-agricultura.pt

Escola Básica 2.3 de Valongo: www.eb23-valongo.rcts.pt

Festival Caos Emergente: www.caos-emergente.com

Fórum BTT: www.forumbtt.net

Fórum Vale do Sousa: www.forumvaledosousa.com

Futuro Sustentável: www.futurosustentavel.org

Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata: www.gppsd.pt

Instituto Nacional da Água: www.inag.pt

Instituto Nacional da Conservação da Natureza e Biodiversidade: www.icn.pt

Instituto Nacional de Estatística: www.ine.pt

Instituto Nacional de Meteorologia: www.meteo.pt

Instituto Português do Património Arquitectónico: www.ippar.pt

Jornal das Terras do Vale do Sousa: www.jornaltvs.net

Junta de Freguesia de Campo (Valongo): www.jf-campo.pt

Junta de Freguesia de Covelo (Gondomar): www.ciberjunta.com/covelo.html

Junta de Freguesia de Parada de Todeia (Paredes): parada.no.sapo.pt

Junta de Freguesia de Rebordosa (Paredes): www.jf-rebordosa.pt

Junta de Freguesia de Recarei (Paredes): viladerecarei.no.sapo.pt

Junta de Freguesia de São Pedro da Cova (Gondomar): freguesias.esoterica.pt/jf-speducova

Junta de Freguesia de Sobreira (Paredes): www.sobreira.net

Marão Online: www.maraoonline.com

Naturlink: www.naturlink.pt

Núcleo de Conservação e Reabilitação de Edifícios e Património da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto: ncrep.fe.up.pt

Parque Paleozóico de Valongo: www.paleozoicovalongo.com

Portal das Freguesias: www.freguesias.pt

Portal de Gondomar: www.portalgondomar.com

Portal do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana: www.monumentos.pt

Portal do Vale do Sousa: www.valedosousa.pt

Portal Gondomar.com.pt: www.gondomar.com.pt

Programa Ciência Viva da Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica:
www.cienciaviva.pt

Quinta da Corredoura: www.quintadacorredoura.com

Regional Editora: www.regional-editora.com

Rota do Vinho Verde: rota.vinhoverde.pt

Rota dos Móveis: www.rotadosmoveis.pt

Turismo Vale do Sousa: www.turismo.valedosousa.pt

VALSAQ – Associação do Ambiente e Qualidade de Vida do Vale do Sousa: valsaq.blogspot.com;
www.valsaq.org

VALSOUSA - Comunidade Urbana do Vale do Sousa: www.valsousa.pt

Veolia Água Portugal: www.veoliaagua.com.pt

Vias Romanas em Portugal: viasromanas.planetaclix.pt

ADER-SOUSA - Associação de Desenvolvimento Rural das Terras do Sousa; ECOSFERA – Consultadoria Ambiental Lda; PLANETA VIVO – Centro de Investigação Ambiental Lda.; FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO; ÁGUAS DE GONDOMAR (2007); Valorização do património natural da bacia do rio Sousa – Relatório de Progresso, Abril 2007, Porto, pp. 35.

ADER-SOUSA - Associação de Desenvolvimento Rural das Terras do Sousa; ECOSFERA – Consultadoria Ambiental Lda; PLANETA VIVO – Centro de Investigação Ambiental Lda, FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO; ÁGUAS DE GONDOMAR (2008); Valorização do património natural da bacia do rio Sousa – Relatório final – Ano I, 2008, Porto, pp. 241 (e anexos).

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE GONDOMAR (1987/88); Gondomar: Guia do Concelho.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO VALE DO SOUSA (-); Bem-vindo às Terras Verdes do Vale do Sousa, documento disponível em www.valedosousa.pt/NR/rdonlyres/8ACDB343-12C9-4601-82BC-66C4046E6F2E/5795/ValedoSousaeoTurismo.pdf.

CÂMARA MUNICIPAL DE GONDOMAR (1999); Gondomar: um coração rendilhado, Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Gondomar, Gondomar, pp. 129.

CÂMARA MUNICIPAL DE VALONGO – Pelouro do Ambiente / CIBIO (2004); Conservação de 4 Espécies Raras em Valongo; Câmara Municipal de Valongo / CIBIO / LIFE / Natura 2000; Valongo, pp. 59.

CÂMARA MUNICIPAL DE VALONGO (1993); Linho no concelho de Valongo; Câmara Municipal de Valongo - Museu Municipal Dias de Oliveira (catálogo da exposição), Valongo.

CÂMARA MUNICIPAL DE VALONGO (2002); Valongo: Guia histórico e de actividades concelhias; Regional Editora; Valongo.

CÂMARA MUNICIPAL de VALONGO (2006); Valongo Natura: Boletim Informativo nº 6, Verão 2006.

CÂMARA MUNICIPAL DE VALONGO (2007); Valongo Natura, Boletim Informativo nº 11, Outono 2007.

COELHO, Manuel Ferreira (1988); Monografia do concelho de Paredes: I – Freguesia de Aguiar de Sousa; ed. Câmara Municipal de Paredes, Paredes.

COUTO, Helena; DIAS, António Guerner (2001); Parque Paleozóico de Valongo: Património Geológico; Câmara Municipal de Valongo, Valongo, pp. 40.

FEUP – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (2005); Qualidade da água no rio Ferreira: Estudos de Modelação – Fase I; Estudo da Modelação da Qualidade da Água no rio Ferreira, solicitado pelas Águas de Valongo à FEUP, no âmbito do protocolo específico de colaboração celebrado em Julho de 2005 entre a CCDR-Norte, a Câmara Municipal de Valongo, as Águas de Valongo e a FEUP.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (1985); Guia de Portugal: Entre Douro e Minho; Vol.I. Douro Litoral; Porto.

ICN (2006); Plano Sectorial da Rede Natura 2000; ICN.

INAG (2001); Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Douro (disponível online na página www.inag.pt).

INE (2001); Recenseamento Geral da Agricultura 1999. Entre Douro e Minho. Principais Resultados; INE, Lisboa.

INE (2007); Anuário Estatístico da Região Norte 2006; INE; Lisboa.

JORNAL DE NOTÍCIAS de 19 de Abril de 2008: “Quase oito milhões para fundar Rota do Românico”.

JORNAL DE NOTÍCIAS de 25 Maio de 2007: “Negócio ilegal de areias na margem do rio Ferreira”.

JORNAL DE NOTÍCIAS de 7 de Maio de 2007: “Bacia hidrográfica do Douro será repovoada com lampreias”.

JORNAL DE NOTÍCIAS de 9 de Março de 2008: "Descarga da ETAR de Paços de Ferreira abre polémica".

LACERDA E MEGRE, Francisco; MONTEIRO, António J.; AMADOR, Catarina; SILVA, Carla; FERREIRA, Miguel (-); Plano Director do Sistema Adutor Integrado de Abastecimento de Água aos Municípios do Vale do Sousa, apresentação no Encontro Nacional de Saneamento Básico, disponível em http://pwp.netcabo.pt/engidro/comunic/resumo_vale-sousa.htm.

LAVANDEIRA, Helena (1993); Valongo da lenda à História, Câmara Municipal de Valongo, Valongo.

LUSITÂNIA Editores (1996a); Campo – Valongo, Valongo.

LUSITÂNIA Editores (1996b); Sobrado – Valongo, Lusitânia Editores, Valongo.

OLIVEIRA, Camilo de (1983); O Concelho de Gondomar (Apontamentos Monográficos) (Vols. I, II, III, IV), Porto.

PACHECO, Helder (1986); O Grande Porto: Gondomar, Maia, Matosinhos, Valongo, Vila Nova de Gaia. (Novos Guias de Portugal: 4); 1ª Edição Editora Presença, Lisboa.

PINHO, José Ferreira (1993); O Santuário de Nossa Senhora do Salto em Aquiar de Sousa: história e lenda; Humbertipo - Artes Gráficas; Porto.

PINTO, Ricardo (1996); Paredes – Jóia do Sousa...; Anégia Editores, Paços de Ferreira, pp. 175.

RODRIGUES, Ana; MARTINS, Gilberto; RIBEIRO, Daniel; NOGUEIRA, Regina; MONTEIRO, Paulo; BRITO, António G. (2006); Modelação da Qualidade da Água do Rio Ferreira: Avaliação Preliminar de Riscos Ambientais; Artigo apresentado ao 8º Congresso Nacional da Água; disponível em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5192/1/APRH_100_Rodrigues%5B2%5D.pdf.

SANTOS, Mariana (2002); Parque Paleozóico de Valongo – Uma perspectiva de Ordenamento do Território; Seminário Ciências do Ambiente; Porto.

SANTOS, Paulo; SILVA, Rubim A. (2001); Parque Paleozóico de Valongo: Património Biológico; Câmara Municipal de Valongo, pp. 31.

SILVA, João Belmiro Pinto da (2000); Valongo - da estrada, e da viagem no tempo...; Anégia Editores; Paços de Ferreira.

SILVA, João Belmiro Pinto da; GOMES, Catarina Sofia; COSTA, José Carlos (2001); Valongo, um salto para a modernidade; Anégia Editores, Lda., pp. 121.

VIEIRA, José Augusto (1887); O Minho Pittoresco - Tomo II; Edições Rotary Club de Valença.